



OS SEM- IGREJA

Buscando caminhos de esperança
na experiência comunitária

Nelson Bomílcar

NELSON BOMILCAR

OS SEM-IGREJA

Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária



Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Diagramação para ebook: Fábrica de Pixel / www.fabricadepixel.com.br Diagramação: Luciana Di Iorio
Preparação: Bete Abreu Revisão: Josemar de Souza Pinto Capa: Debora Alves Pereira
Fonte: Bembo STD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bomilcar, Nelson

Os sem-Igreja [livro eletrônico] : buscando caminhos de esperança na experiência comunitária / Nelson Bomilcar. -- São Paulo :
Mundo Cristão, 2012.
1.381 kb; ePUB

Bibliografia
ISBN 978-85-7325-810-3

1. Evangelização 2. Igreja 3. Missão da Igreja 4. Reino de Deus I. Título.

12-07060 CDD-262.7

Índice para catálogo sistemático: 1. Igreja e Reino de Deus : Cristianismo 262.7

Sumário

[Apresentação](#)

[Prefácio](#)

[Introdução: Sem-igreja, uma realidade que cresce](#)

[1. Uma experiência sempre complexa](#)

[2. A primeira ideia de igreja construída em mim](#)

[3. Os sem-igreja: gente com reclamos responsáveis](#)

[4. Clamor por acolhimento e pastoreio dos sem-igreja](#)

[5. As ambiguidades de ser igreja numa sociedade de consumo](#)

[6. Os conflitos podem ser sinal de sanidade](#)

[7. Ouvindo os poetas para ser igreja](#)

[8. O desafio comunitário de ser igreja \(não sem-igreja\)](#)

[9. Ser igreja: buscando caminhos de esperança](#)

[Posfácio](#)

[Sobre o autor](#)

[Compartilhe](#)

Dedicatória

Em primeiro lugar, dedico este livro ao meu Deus trinitário, Senhor da Igreja e da história, por ter concebido minha existência e por tão grande amor e graça.

Dedico também a minha amada esposa, amiga e companheira, Carla, e aos meus filhos, Karen e Nathan, que já experimentaram e continuam experimentando as bênçãos e as dores de ser igreja e de sinalizar o reino.

Também reconheço aqui os irmãos e as igrejas nas quais congreguei, vivi, aprendi e servi até agora como cristão, músico, missionário e pastor, em bons e maus momentos, em tempos de alegria e tristeza. São elas: Igreja Batista Paulistana, Igreja Batista Peniel, Igreja Batista do Morumbi, Igreja Evangélica Projeto Raízes (de São Paulo), Comunidade Cristã das Boas Novas e Igreja Batista da Cidade Universitária (de Campinas).

O livro é igualmente dedicado às missões Vencedores Por Cristo, Aliança Bíblica Universitária do Brasil, União Bíblica do Brasil, Instituto Ser Adorador e à rádio Transmundial, ministérios interdenominacionais em que servi, aprendi e ainda aprendo muito sobre o evangelho de Jesus e o amor que devemos ter pela igreja e pelo reino de Deus.

Por fim, dedico *Os sem-igreja* aos amigos e irmãos do *No Name*, pequeno grupo em São Paulo que me acolheu nos últimos anos com amor, comunhão, cumplicidade e amizade ao redor da mesa e da Palavra.

Apresentação

Acompanhei o projeto de *Os sem-igreja* desde o início. Deus me abençoou com a amizade de Nelson Bomilcar, e tive a oportunidade de estar com ele em diversas ocasiões nos últimos anos.

Sou do tempo em que a igreja ocupava o centro da agenda semanal. Além dos cultos, várias atividades preenchiam nosso tempo, o que reduzia muito a possibilidade de se fazer outras coisas que não fossem relacionadas à igreja.

Muitas amizades, namoros e casamentos floresceram em torno da igreja. Além da fé, as pessoas pareciam ter muitas coisas em comum. Louvor, estudo bíblico e oração uniam o grupo e renovavam as forças para enfrentar a semana de trabalho ou estudo que estava prestes a começar. Naqueles tempos, a vida na igreja era uma experiência comunitária sem igual. A noção de ser um Corpo fazia todo sentido.

Quando Nelson e eu conversávamos sobre as angústias do tempo presente, percebemos que sua bagagem de experiências e conhecimento eram relevantes o suficiente para que fossem colocadas em papel, porque, cada vez mais, a *experiência comunitária* vem deixando de ser uma marca da maioria das igrejas.

Ele e eu tínhamos consciência de que seria um processo doloroso e estafante, mas que poderia significar uma catarse mais que necessária e uma contribuição para aqueles que querem experimentar a inigualável sensação de se sentir parte do Corpo de Cristo.

Em todas as discussões que tivemos, a questão dos “sem-igreja” se destacava. Numa ocasião, eu estava numa mesa de jantar com sete cristãos dos mais capacitados e criativos, e nenhum estava ligado a uma igreja local. De quem seria a culpa? Dos sete?

À medida que o processo de escrita deste livro foi evoluindo, ficou claro que uma abordagem maniqueísta seria injusta e não ajudaria no entendimento do problema e, sabiamente, Bomilcar soube transitar com graça e misericórdia por todas as facetas do tema.

Ao final deste *tour de force*, ele conseguiu apresentar um diagnóstico preciso da igreja evangélica brasileira e a necessidade do resgate de suas características mais centrais.

Como o autor nos faz entender, a questão da revitalização da igreja não é um problema do outro, mas um desafio de cada um que reconhece sua importância e seu papel como sinal do Reino na terra.

Renato Fleischer

Editor

Membro da Igreja Metodista de Campo Belo

Prefácio

O que é o ser humano? Entre as possíveis ferramentas para responder a essa questão, certamente a experiência em comunidade é uma das grandes evidências da nossa humanidade. Ao viver em grupo, em meio a interações e vínculos fortes, descobertas acontecem, o amadurecimento é inevitável e nos revelamos e conhecemos melhor. Entretanto, nem todas as descobertas são agradáveis e nem todo crescimento é positivo. Em um ajuntamento há, potencialmente, coisas belas — mas não só. Há estranhamentos e diferenças. Nem todos conseguem dialogar e se expressar bem. O convívio é oportunidade, mas funciona também como vitrine de vaidades. Um misto de bondades e maldades se manifesta, amores e ódios, alianças e rompimentos, admiração e inveja, prazeres e frustrações — tudo junto e misturado.

Assim, nossa surpreendente e tão bem guardada *humanidade* é exposta.

A igreja é feita do ajuntamento de seres humanos — como isso poderia dar certo? Quem, em longo prazo, suportaria tanto? Em um mundo fragmentado, no qual a maioria tem pressa e impaciência, inseguranças internas e externas, que reflexos impingiriam à Igreja do século 21?

A decepção acompanha a história de muitos em relação à experiência cristã comunitária. E isso não é bom? (Evidentemente, não é bom quando se *experimenta*, mas ninguém há de negar que os frutos podem ser positivos.) Amadurecer envolve esse processo de descoberta sobre nossas ambiguidades e impotências. Este livro, *Os sem-igreja*, trata um pouco de tudo isso.

Nelson Bomilcar, pastor experiente com vasta vivência missionária e longa trajetória no mundo das artes, acumulou um rico conhecimento, combinado com sensibilidade e cuidado. Tive o privilégio de conhecê-lo ainda menina, por meio de suas canções. Na adolescência, conheci-o pessoalmente, quando ministrou um curso na igreja que me oferecia formação, na simpática cidade de São Carlos. Na juventude, de volta a São Paulo, servimos juntos na mesma igreja por mais de dez anos, quando nossos laços se estreitaram. Posteriormente, formamos um grupo pequeno que nos é refrigério e alegria.

Desfrutar da amizade de Nelson e de sua família tem sido uma maneira especial de Deus de me ensinar, me abençoar e me inspirar. Nesses anos todos, nossa cumplicidade com o reino de Deus se fortaleceu. Permanecemos rindo e chorando com as experiências que temos no viver missionário, no pastoreio de tantos, no serviço a Deus por meio da alegria e das oportunidades surgidas em tantas igrejas neste país. Nessa minha caminhada cristã, posso dizer que poucas vezes encontrei gente com um coração pastoral como o de Nelson. É impressionante como ele passa a vida acolhendo pessoas e ofertando seu melhor no cuidado de todo tipo de gente. Sua vida é uma vida de entrega a Deus e, conseqüentemente, entregue àqueles que cruzam seu caminho. Portanto, ler este livro é ler sobre alguém que ama a Deus e, por isso mesmo, ama a Igreja de Jesus Cristo.

Nos capítulos que compõem *Os sem-igreja*, você encontrará confissões, testemunhos e perspectivas diferentes a respeito do misterioso exercício de ser comunidade cristã, além de suas variadas formas. Mas, sobretudo, encontrará uma reflexão bíblica, no mínimo interessante e necessária, sobre o desafio do viver comunitário contemporâneo e as implicações da obediência a Cristo.

Na partilha da caminhada de um homem que conhece muitas dores, o autor reconhece o tempo

todo a importância da comunhão e faz o reconhecimento nominal das pessoas que influenciaram tão positivamente sua vida. O livro traz apontamentos e provocações pertinentes, considerações sobre a liderança cristã, nos convidando a ouvir, nos lembrando e apresentando poetas que também são profetas, que cantam esperanças e celebram aquele que nos chamou e se entregou por nós.

A leitura é preciosa. Aproveite bem. Saboreie a partilha. Que ela proporcione a você revisões pessoais, a aceitação do outro e uma comunhão maior dentro de sua comunidade cristã.

Tais Machado

Psicóloga clínica e escritora

Membra da Igreja Metodista Livre da Saúde

Introdução:

Sem-igreja, uma realidade que cresce

Não fui a nenhuma igreja no final de semana e, preciso ser sincero com você, não senti a menor falta. Estou bem com a minha opção atual, fazendo parte da “Comunidade Virtual Webiana”, e assim vou me alimentando aqui e ali com algumas mensagens em mp3 e participando de fóruns de discussão on-line. É um caminho de sobrevivência. Sinceramente, não acredito mais na proposta de ser igreja.

O leitor não acreditaria a frequência com que tenho ouvido essa confissão da boca de pessoas de todo o país. Essa constatação não é exatamente nova, mas é muito reveladora quanto às expectativas que muitos já não têm com relação a *ser igreja*. Essas pessoas consideram que a igreja está desvirtuada em sua natureza, na essência, na proposta relacional comunitária e em sua proposta de missão e serviço. Elas alardeiam a distância entre o que vemos hoje na prática e o que poderia ser feito visando o melhor dos fundamentos colocados por Jesus e seus apóstolos.

Pelo menos é essa a visão dos chamados *sem-igreja*, ou “desigrejados”, pessoas descrentes quanto às reais possibilidades de *ser igreja*. Credito isso, talvez, a uma mentoria errônea e a um conhecimento equivocado transmitido por pastores, líderes e mestres, resultado talvez de vivências pessoais que imprimiram a eles marcas desanimadoras, doloridas e frustrantes.

Mas os sem-igreja, em sua maioria, têm questões pertinentes, relevantes e urgentes. Eles crescem de forma avassaladora como uma nova tribo informal, por todos os cantos, muitos deles tendo saído ou desistido da igreja, seja ela de que expressão for, mas em especial aquelas reunidas em templos ou instituições eclesiais.

Ser igreja não parece um caminho desejável, porque não há muita gente que creia nela ou nos líderes que afirmam representá-la. Gente machucada, gente desiludida, gente sem esperança, gente de uma geração que abraça suas opções e seus caminhos e, com ímpeto igualmente veloz, desiste deles tão logo os alvos aos quais se propôs buscar e alcançar não foram atingidos — entre os quais o cultivo da fé e o da espiritualidade, ambos incluídos no caminho de tentar ser igreja.

Por que você desistiu de ser igreja? Por que você foi parar nessa categoria dos que não acreditam mais nessa possibilidade? Por que se foram o encanto, a paixão, a cor, o brilho nos olhos, os sonhos, a esperança de vivenciar a natureza e a essência da *ekklesia* de Jesus Cristo? Por que você está desiludido com as possibilidades de viver a igreja de uma maneira comunitária? Por que você não acredita mais ser possível viver e praticar a missão proposta no Novo Testamento — de adoração, comunhão, oração, celebração, testemunho e serviço — no meio de uma geração perversa e corrupta? Por que você considera impossível hoje ser igreja como expressão visível do corpo de Cristo, sem “negociar” valores ou a cultura do reino de Deus? Por que se deu a generalização atual dessa impossibilidade de ser igreja? Por que a desilusão tomou corpo? É possível buscarmos caminhos de esperança? Este livro reflete um pouco sobre essas questões e busca algumas respostas e direções.

No contraponto do descrédito atual, vez por outra sopra um vento que favorece novamente a possibilidade de ser igreja. Como na bonita imagem da igreja de Jesus retratada por Jorge Rehder,

um dos maiores autores e compositores cristãos brasileiros, na letra de sua canção *Igreja presente*:^[1]

Eu e você, igreja presente
Nação entre as nações, família de Deus
Um povo entre os povos, luz pra toda gente
Uma voz, um coração, uma voz, um coração

Cristo, esperança de um mundo melhor
Sol da justiça brilha, em nós
O seu mandamento importa obedecer:
De ser luz, resplandecer!

Missão é ação, transforma e abençoa
Motiva a nossa vida, ajuda as pessoas
Enfrenta a miséria, reparte o pão da vida
Compaixão e salvação!

Chegou a nossa hora de ser parte da história
De ousar e ir avante, de sair e proclamar:
“Cristo Jesus é o Senhor, a ele toda a glória e
Louvor!”

Os poetas nos ajudam a não deixar de sonhar e a acreditar que é possível ser igreja conforme ela é descrita na Palavra de Deus, isto é, na dimensão comunitária de adoração, comunhão, serviço e missão. Apesar disso, sabemos que a caminhada da igreja na história é repleta de bons e maus momentos.

Ao entender e aceitar esses fatos, encontrei motivação para escrever este livro, após longas conversas com amigos sobre minhas viagens ministeriais e também sobre o momento pelo qual passa a igreja brasileira. Renato Fleischner, meu editor, irmão e amigo de jornadas de comunhão e de oração, foi um deles. Ele comungou comigo em um grupo pequeno, ao lado de várias pessoas que se sentiam fora do contexto do que entendemos por igreja.

Esse grupo me acolheu nos últimos anos, logo após eu vivenciar por quase uma década e meia um ministério, atuando como pastor de uma comunidade local na cidade de São Paulo. Foi um processo que recompôs minha qualidade de cristão, curando feridas e revendo minha caminhada na experiência comunitária e ministerial. Um momento muito árido e desalentador, mas um processo dentro do qual, creio eu, já avancei grandes etapas.

Outra motivação para escrever esse livro tem a ver com a confissão que inicia essa Introdução, uma queixa que ouço reincidentemente de muitos, em muitos lugares, ao longo de minhas viagens pelo Brasil. É a confissão dos que se consideram *sem-igreja*, uma declaração perturbadora, dolorida, fruto de experiências e de histórias pessoais de muitos, repletas de ambiguidades, entrelaçadas com tentativas novas e repetidas frustrações. Gente que sonhou e, em sua maioria, sinceramente tentou, esforçando-se para ser igreja.

Sou músico e compositor, mas creio ter sido agraciado com outra habilidade: a do ministério pastoral. E, dentro desse chamado para ser adorador e administrar o que Deus fez, reconheço a necessidade do trabalho pastoral. Um ministério trabalhoso e de enorme desafio relacional. Um ministério tão desacreditado nos dias de hoje, tão criticado por tantos na realidade contemporânea. Devido a essa habilidade, a música se tornou, literalmente, um instrumento e um caminho de pastoreio e de identificação com o outro.

Compreendi esse chamado logo após minha conversão, como uma extensão do que presenciava em minha família. Por influência de minha mãe, nossa casa sempre teve as portas abertas para vizinhos e amigos, e desde cedo fomos estimulados a construir relacionamentos e a prestar serviço ao próximo em diversas ocasiões. A religião apenas nos cercava, aqui e ali, naquele universo de possibilidades no qual vivíamos.

Aprendi a conviver, a cuidar e a interagir e, nessa caminhada em direção à vivência do evangelho de Cristo, procurei construir relacionamentos. Participei de seminários e de treinamentos missionários, trabalhei com estudantes e músicos, evangelizando pelo Brasil afora em minha mocidade, investi nessa vocação, incrementando minha formação espiritual e toda a prática pastoral, implantando igrejas e pastorados locais, de forma colegiada em sua maioria.

Fui ovelha e pastor ao mesmo tempo; fui acolhido e cuidado, assim como acolhi e cuidei; por isso agradeço ao Senhor por essa dinâmica interativa em que o chamado pastoral foi lapidado e ganhou raízes em meu coração na perspectiva comunitária. Certamente, nem sempre pude corresponder às necessidades e às expectativas de meus irmãos e amigos na comunidade. Meu desafio de ser igreja e minha história também estão sendo construídos no dia a dia.

Minha experiência não é diferente da experiência de muitas pessoas que viveram bons e maus momentos como igreja — com bênçãos e cicatrizes, com encantamentos e com decepções. Constatamos essa realidade de ser igreja, que é real e ambígua, a partir de grandes desafios, principalmente do universo protestante de grande herança histórica, na grande maioria das vezes vivenciada de forma fortemente institucional e estrutural e com uma organização muitas vezes exacerbada, engessada e previsível.

Fui encorajado a compreender a essência e a caminhada histórica da Igreja e sua missão. Na Bíblia, é notório o convite para uma experiência pessoal contínua e igualmente comunitária. Isto é, interpretar, discernir a Bíblia, o mundo, a vida e a Igreja em uma perspectiva comunitária, histórica e missionária. Os chamados Pais da Igreja nos mostraram que esse caminho deveria ser uma

atividade contínua a ser praticada na igreja e para a igreja, no contexto da oração e da adoração, como um ato comunitário e não de empenho exclusivamente individual.^[2]

Desejoso de recuperar o ânimo após três décadas de ministério contínuo, ser reciclado por Deus em uma jornada peregrina, avaliar minha caminhada e meu coração, ouvir e conhecer novos horizontes, buscar percepções e ensino de homens experimentados e tentar nutrir novamente o brilho nos olhos pela igreja, retornei à estrada por este querido país continental que é o Brasil, para servir à própria igreja de forma itinerante. Reconheço que estava desanimado e desencorajado a tentar novamente.

Essa igreja ganhou cara nova e novos paradigmas em cada região. Creio que, de fato, ela se descaracterizou de sua essência quanto a minha perspectiva sobre o que poderia ser a melhor igreja. Nesse caminho mais recente, fui acolhido bondosamente por algumas igrejas como missionário, em várias regiões do país, e pelo Instituto Ser Adorador, fundado em Fortaleza, no Ceará, e do qual fui um dos idealizadores.

Nessa caminhada, constatei que muitos irmãos não estavam mais dispostos a andar na comunidade ou na instituição religiosa divino-humana. Isso não era uma novidade para mim, mas, ao mergulhar nesse processo, tudo tocou meu coração de uma maneira profunda e complexa, como nunca havia ocorrido: o fato de ouvir as pessoas, dividir fardos e questionamentos em conversas nas grandes metrópoles, em cidades pequenas de norte a sul, leste a oeste, conhecendo pessoas de várias classes sociais, universitários, casais, pastores e líderes, missionários, esposas e filhos de

pastores e missionários, descasados, jovens envolvidos com MPC, ABU e Jocum,^[3] gente que por tanto tempo viveu ou ainda vive dentro da realidade da igreja, organismo e instituição.

É por isso que este livro tem, declarada e claramente, uma proposta *pastoral*, não *acadêmica*. Ele provavelmente não trará grandes novidades aos estudiosos da eclesiologia. Mas ele é um testemunho e um registro de alguém desta geração, tentando construir sua espiritualidade cristã em dias tão adversos para uma igreja desacreditada e criticada.

Não pretendo me tornar um *profissional* da religião, lidando com prioridades equivocadas presentes em uma sociedade de consumo, como certa vez escreveu com sabedoria Eugene Peterson, um dos meus ex-professores além de pastor, escritor e poeta de palavras:

A espiritualidade contemporânea carece desesperadamente de foco, precisão e raízes: foco em Cristo, precisão das Escrituras e enraizamento numa tradição saudável.^[4]

Outra motivação para escrever este livro seria uma espécie de “responsabilidade geracional”. O que deixarei para a próxima geração? No Brasil das últimas décadas pós-revolução de 1964, vários gritos e manifestos sociais e políticos vieram dos sem-teto, dos sem-terra, dos sem-família e até dos que chegaram aqui se considerando sem pátria. Alguns fugindo de realidades miseráveis e de todo tipo de opressão: social, política ou religiosa; outros fugindo da fome e da pobreza da América Latina, da Ásia ou da África. Cada um com sua pauta de reivindicações, suas questões, relevantes ou não, todos com esperança de serem acolhidos e respeitados em sua trajetória de vida, suas manifestações, crenças e razões de ser. Muitos desses gritos vieram dos que tentaram — e tentam — ser igreja.

Em minha busca existencial, e sob a influência de minha mãe, acabei conhecendo a realidade evangélica desde os idos de 1970, ainda sob a sombra do militarismo que se dissipava lentamente em um processo de redemocratização do país. O desconforto era grande na sociedade civil, fosse ela religiosa ou não. E desde aquele momento já se esboçava a inquietação de muitos jovens e adultos em manter-se parte de uma igreja institucional chamada “protestante” que, dissimuladamente (quando não ostensivamente), se amoldou e engajou no poder e na ditadura.

As marcas estavam presentes e enrustidas por todo lado. Lideranças eram omissas, em grande parte com um discurso fundamentalista e institucional, denunciando qualquer ser pensante e questionador dentro dela e transitando acintosamente em cursos oferecidos pelas Forças Armadas. Foi um período de trânsito perigoso com o poder, um período de incerteza e insegurança.

De qualquer forma, já havia muita gente insatisfeita na igreja institucional. Essas pessoas descontentes encontraram espaço nas instituições teológicas que cresciam no país e nos movimentos de evangelização de juventude com seus acampamentos, treinamentos e congressos. Havia uma sede de conhecer Deus e o evangelho de Cristo, ao mesmo tempo que existia a necessidade de extravasar, dialogar, avaliar e aprofundar os acontecimentos, buscando caminhos práticos de sobrevivência na fé, na ação social e na obra missionária.

Víamos com grande alegria o crescimento de movimentos de evangelização — por exemplo, entre a juventude. Era um refúgio, um espaço, uma área de respiro e alento para muitos convertidos e discipulados, pessoas que se consagraram para missões e ministérios, como profissionais ou pastores locais, para servir ao reino e à igreja. Esse despertar espiritual parecia ameaçar uma liderança denominacional, insegura e personalista, que misturava o conceito de autoridade espiritual com o poder e a influência.

Ali se delineava uma “tribo” dos que não desejavam a igreja engessada — ou, no mínimo, a igreja com aquela formatação institucional. Era a semente do que viria a ser chamado na década de 2000 de os “sem-igreja”, uma nação que reúne diversos grupos de insatisfeitos que aumenta em

velocidade vertiginosa. É uma realidade no mundo religioso, tanto protestante como católico romano. Alguns deles são levados a sério, outros quase sempre estigmatizados com descrédito e de forma irônica como “desigrejados” (eu mesmo fui chamado assim, mesmo trabalhando na igreja desde minha conversão em sua expressão comunitária). Na verdade, seria injusto definir esse grupo virtual, formal ou informal, de forma homogênea. Há vários subgrupos dentro dos chamados sem-igreja. Alguns deles são os seguintes:

1. Aqueles que se assumem sem-igreja, sem vínculos, parcerias ou compromissos institucionais com comunidades e denominações.
2. Os que se desencantaram com a instituição formal religiosa e mantêm uma distância preventiva moderada ou assumida acintosamente. Tornaram-se apenas usuários em alguns momentos, participando de congressos, projetos ou encontros com algum interesse.
3. Outros ainda estão arraigados na igreja institucional, participando de seus programas e arrolados como membros e até em lideranças eclesiais ou missionárias. Servem-se dela com diversas motivações, mas vivem relacionamentos superficiais e quase nulos. Estão de fato sem a experiência comunitária de ser igreja. Não percebem nem se dão conta de que podem ser um dos sem-igreja, mesmo estando nela como organização e em sua práxis corporativa de serviços religiosos.
4. Há os que se recolheram em grupos pequenos que se reúnem informalmente em casas, escritórios, salões alugados, parques ou escolas. Essas pessoas tentam não dar uma formatação organizacional. Mas, na maioria das vezes, de *alguma maneira*, acabam se agrupando em algum local, com hora marcada e com alguma liderança ou mentores.
5. Outros, que caminharam por anos em congregações locais, já viveram decepções relacionais e institucionais, sofrendo diversas formas de abuso espiritual por parte de sua liderança. A jornalista Marília Camargo César explorou com muita sensibilidade esse universo em seu livro *Feridos em nome de Deus*:

Sentimento de onipotência, legalismo, farisaísmo, feridas emocionais não curadas mascaram a profunda incapacidade do líder de perceber as próprias faltas e carências, adubando a lavoura de uma relação abusiva”. [5]

Na realidade, essas pessoas sem igreja também decepcionaram e também machucaram outros. Alguns não apenas sofreram, mas também foram agentes de ferimentos e decepções. E, é claro, dificilmente reconhecem isso.

6. Há ainda os cristãos sem-igreja que acompanham mensagens e reflexões pela internet. Carecem de conexões, respostas e balizamentos. Permanecem como observadores, sem comunhão com o outro e sem compromisso de qualquer tipo. Vivem sem a experiência comunitária e não desejam ser “vidraça” ou alvo de críticas — semelhantes às que fazem em seus artigos, *posts* em *blogs*, livros ou *tweets*.

7. Por fim, há outros religiosos que não passaram por uma real experiência de conversão, de mudança de mente (*metanoia*), e não entenderam, discerniram ou aceitaram de fato o evangelho de Cristo, seu reino e sua missão. Vivem farisaicamente na religião e na instituição que é chamada de igreja, sem de fato ser igreja de forma comunitária e relacional.

Talvez pudéssemos identificar outros subgrupos, alguns combinando características de outros,

mas deixo isso para os leitores. De maneira geral, o fato é que muitos dos que se espalham entre eles viveram sincera e honestamente a igreja como comunidade local em serviço a Deus, mas hoje se questionam e relutam diante da possibilidade de se integrar em uma igreja, ao menos de uma maneira mais estruturada e institucional. Essas pessoas resistem a novas experiências, pois estão cansadas de tentar.

Muitas pessoas estão desencorajadas pelas cicatrizes trazidas pela institucionalização, cristãos solapados por projetos ministeriais impessoais, relacionamentos funcionais, falta de preocupação com o discipulado, proclamação utilitarista, apelos financeiros exagerados, entre outros motivos. Concordo quando o pastor Ed René Kivitz cita os fatores que mencionei e ainda escreve, em seu livro *Outra espiritualidade*:

A igreja é, ao mesmo tempo, organismo espiritual e instituição social. O grande desafio é o constante arrancar das ervas daninhas da institucionalização de modo que o organismo espiritual encontre espaço para florescer, frutificar e se alastrar.^[6]

Constatamos, então, uma realidade de muitas variáveis. Não há nada de novo sob o sol nesse nosso tempo, mas parece que o sonho de ser e viver a igreja de Cristo a cada dia torna-se mais irreal. Há clamores sinceros, medos, expectativas e motivos entre os *sem-igreja*. Há aqueles igualmente sinceros em suas reflexões e críticas, mas que, como todo ser humano, vivem as contradições de suas experiências, de seus pecados e de suas convicções. E há ainda outros que desistiram completa e radicalmente e, em seu ceticismo, tornaram-se críticos ácidos. Optaram pela distância, não desejando ser igreja nem ajudar em sua edificação.

Seja qual for o caso, são pessoas quase sempre envolvidas em histórias de dor, desencanto e amargura que, infelizmente na maioria das vezes, não são curadas ou tratadas durante a jornada. Na verdade, reconheço que muitos tentaram buscar a sanidade e a restauração, esforçando-se por muito tempo. Obviamente, marcas produzidas não são facilmente superadas. De qualquer maneira, tenho aprendido a acolher essas reclamações e as dores dos muitos *sem-igreja*. Além disso, tento também buscar caminhos de vida e de esperança no meio dessa complexidade toda de tentar ser igreja e perseverar no evangelho abraçado.

Esta é a proposta deste livro.

Porque viver a graça, a graça do perdão, da reconciliação, da confissão, da longanimidade, da paz, do amor incondicional no caminho de ser igreja é o desafio a ser buscado, encontrado e superado. Nunca conheceremos suficientemente a graça em seu mistério e em sua profundidade, graça essa muitas vezes ignorada e desprezada em seu potencial curador e redentor.

Por conta disso, alguns *sem-igreja* se transformam em pessoas negativas, graves, pesadas, desesperançosas. Não desejam mais partilhar sua caminhada cristã e preferem manter-se em seus casulos e em suas bolhas, fora da comunidade (seja ela formal, seja informal), vivendo uma liberdade sem limites, sem qualquer tipo de sujeição ao irmão ou à autoridade, desconsiderando o próximo e estando alheio ao senso de serviço, de partilha e de missão.

Por todos esses motivos, acreditei ser pertinente tocar no assunto e refletir sobre a realidade dos que se sentem *sem-igreja* ou que estão *sem igreja*. Sabia que passaria por algumas crises enquanto estivesse escrevendo, como meu editor e amigo previu. Teria de enxergar de fato “onde” estava, hoje, meu entendimento, meu coração e minha convicção.

Vejo meus filhos lutando para servir ao reino e à igreja, tentando encontrar caminhos de esperança, acreditando que ela ainda pode ser um sinal histórico e presente do reino de Deus. Sinto que é o mesmo sentimento que encontro em vários ministérios de juventude e projetos missionários que ajudo ao treinar, pastorear e formar espiritualmente.

É importante dizer, de saída (ou seria melhor dizer “de entrada”?), que sou depositário de

confissões, preocupações e ideias de muita gente. Tive e tenho mentores e referenciais em minha vida desde a minha conversão e vou citá-los com honestidade. Entretanto, minha experiência não é nem deve ser vista como normativa para ninguém. Desejo simplesmente ser o mais transparente possível na descrição dessa caminhada, acrescentando algo para que o leitor retenha o que lhe for bom e pertinente. É a expectativa do universo e a realidade de quem escreve.

Ainda que eu acreditasse na possibilidade de um escritor desempenhar seu papel de forma absolutamente neutra e imparcial, assumo o risco de codificar minhas experiências, heranças e meu atual momento nas linhas que escrevo. Afinal, estou falando *de* igreja, *sobre* igreja e sobre aqueles sem-igreja. Talvez essa avaliação seja resultado de um conflito paradoxal ainda presente em minha mente e no meu coração. Mas creio firmemente que essa discussão pode proporcionar crescimento e encaminhamento para aqueles que querem perseverar na experiência comunitária.

Tendo confessado Jesus Cristo como Senhor e Salvador, e tendo sido colocados na igreja pela ação do Espírito Santo, ora nos sentimos parte dela, ora não. Ora nos animamos, ora desanimamos com ela. Simultaneamente, dentro de mim mesmo, percebo minha incapacidade e minhas limitações em ser igreja, no melhor sentido da palavra. Faço essa reflexão escrita de forma consciente e sem o menor desejo de caças às bruxas ou de radicalizar para o organismo, para a instituição, ou para qualquer variável de sua compreensão.

Jesus ama profundamente sua igreja e por ela morreu e ressuscitou. A igreja é edifício, rebanho, família de Deus; pedras que vivem na linguagem do apóstolo Pedro, o corpo vivo de Cristo segundo o apóstolo Paulo, expressão visível de Jesus, e que é (ou deveria ser) sal e luz, povo em comunidade e serviço. Igreja tem fundador, fundamento e natureza espiritual, tem essência e base suficientes para permanecer como sinal do reino em meio a um ambiente corrompido. A igreja não precisa de defesa exacerbada ou de postulados acadêmicos para existir e sobreviver. Ela existe por vontade daquele que desejou se expressar comunitariamente na história para a implantação do seu reino.

Por isso, não é sensato adotar uma postura soberba em relação às diversas realidades em que a igreja se manifestou desde a sua fundação no tempo da história (*cronos*) e no tempo da ação do Espírito Santo (*kairós*). Evidentemente, não tenho a intenção de oferecer a receita de bolo de um assunto tão sério e delicado como este — nem teria cabimento isso. Estamos cansados de fórmulas e modelos para reviver a dinâmica igreja primitiva ou construir a igreja “perfeita”. Não queremos mais modelos milagrosos que chegam, invadem nossas comunidades, livrarias e mídia no Brasil e só trazem frustração.

Quero, isso sim, abordar alguns aspectos dessa realidade. Discernir e perceber algumas causas e consequências; tentar encontrar caminhos de esperança para vivermos a proposta de ser comunidade de Jesus, de ser igreja, de ser um povo em jornada peregrina, de viver de maneira saudável a proposta do Deus a quem servimos e adoramos! Enfim, como parte dela, ser referencial do reino em comunhão, serviço, testemunho, cumprindo a missão.

Esse é o desafio que hoje encontro em meu trabalho itinerante, semana após semana. Levar uma palavra, uma oração, uma música ou um abraço de esperança, ou mesmo ceder o ombro, o silêncio em meio ao caos e às situações complexas. Honestamente, também necessito desse mesmo acolhimento e dessa palavra. Continuo, por recomendação bíblica, trazer à memória o que pode me dar esperança. Mesmo com o pano de fundo escatológico de que “o amor de muitos esfriaria”, não me cabe deixar de amar e servir a quem Jesus amou e se entregou. Não me cabe fugir da igreja por causa de seus conflitos, crises e desvirtuamentos, da mesma forma que não devo abandonar minha família nuclear ainda que ela passe por desgastes, lutas e desafios cotidianos.

Acredito no Senhor da igreja, da história e da família. E vejo esforços sérios e honestos de

gente que ainda tenta viver a simplicidade do evangelho neste país. Algumas dessas pessoas estão sobrevivendo em algumas situações mais informais ou periféricas, mas incansavelmente perseveram com as mãos no arado.

Minha oração e minha esperança vão no sentido de que todos possam encontrar seus caminhos para nutrir a fé na experiência comunitária dentro de suas realidades, cumprindo cada um a missão que nos foi deixada.

Viver uma fé adulta, profunda e prática em relação à igreja nos liga e nos integra à missão que nos foi deixada e compartilhada por Jesus: ser igreja, e igreja do reino como luzeiros neste mundo!

Uma experiência sempre complexa

Gente do Brasil, com herança colonialista portuguesa, inserida no contexto latino-americano, em que homens, com distorcida autoridade eclesiástica, exerceram seus “podres poderes” não só na América católica cantada por Caetano Veloso, [1] mas na protestante também. Gente do Brasil que reflete e constrói uma espiritualidade quase sempre mística, muitas vezes estranha ao evangelho ou influenciada pelo espírito consumista, hedonista, relativista e alienado de nossa época.

Eis o pano de fundo sobre o qual a igreja — instituição divino-humana — vive suas contradições. Uma comunidade que abençoa e fere, anima e desanima, acolhe e exclui, acerta e erra, realiza e frustra, protagonizando, enfim, as ambiguidades do papel que lhe cabe como comunidade de seres humanos, não de anjos infalíveis. A igreja é como a vida comum, afinal. Não há mágica, não há espiritualização mística. Há encontros e desencontros cotidianos, nos quais nos inserimos com responsabilidades e privilégios, ora usufruindo dela, ora desperdiçando o melhor que ela tem.

Olhando em perspectiva essa ambiguidade e essa complexidade, de fato a igreja pode reclamar para si o discutível mérito de ela própria contribuir para o crescimento dos sem-igreja, já que não corresponde ou supre as expectativas depositadas sobre ela pelos que dela esperam acolhimento, cuidado, comunhão, pastoreio, formação espiritual saudável e caminho de serviço ao próximo. Reconheço que nem todos têm as melhores intenções de ser e viver o que escrevi agora.

A igreja sempre propôs a integração divino-humana se movendo entre seus aspectos mais orgânicos e relacionais (especialmente nos primeiros séculos) e também na sua forma local como instituição organizada (especialmente a partir do quarto século). Cada geração precisou fazer algo significativo para sobreviver, resistir e perseverar. Não seria diferente nesta geração em que vivemos. Nossos filhos esperam isso de nós. O clamor por caminhos de esperança, apesar de todas as críticas e de todos os críticos, que foram ouvidos nos quatro cantos do Brasil. É assunto presente em nossas refeições diárias e nas rodas de *pizza*, tapiocas, chimarrões, feijoadas e em muitas conversas ao redor da mesa.

De maneira generalista, percebo o seguinte quadro: quem está dentro da instituição, trabalhando nela ou sendo sustentado por ela, defende-a com unhas e dentes; quem já passou por ela e dela saiu machucado ou frustrado, não poupa críticas e tenta minimizar sua necessidade e sua importância. E há ainda aqueles que ficam em cima do muro, ora se incluindo, ora não, e os que, deliberadamente, repelem qualquer tipo de instituição formal ou organizada. Entretanto, em cada conversa que tenho com irmãos de fé, enxergo um misto de desencanto, dor e descrédito camuflando muitas vezes um desejo paradoxal de esperança, de quem continua acreditando na

igreja.

Será sempre difícil lidar com a instituição, mas não há como escapar dessa realidade. Como definiu o pensador C. S. Lewis:

O cristianismo já é institucional desde o mais antigo dos documentos [...]. A igreja, instituição divino-humana, é a noiva de Cristo. Somos membros uns dos outros.[2]

Diante desses fatos, os desafios sempre foram grandes. Jesus, Senhor da Igreja, continua presente na instituição divino-humana, continua nos convidando para a experiência comunitária de ser sinal do reino (ou igreja do reino), e cabe a nós nos livrarmos “de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve” para melhor correr “com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor de nossa fé” (Hb 12.1-2).

Mesmo assim, não vou pecar pela ingenuidade ao olhar a caótica realidade contemporânea da igreja que se reúne em templos (ou mesmo em pequenos grupos) de instituições com traços e formas cada vez mais corporativos. Os acertos, os erros, os escândalos, os conflitos e as crises estão diante de nós, marcados em nossas experiências pessoais e na mídia impressa ou eletrônica. Todos nós somos rápidos e inclementes ao exercer juízo sobre a igreja.

A questão é que a mídia desconhece como se formata a igreja em diferentes culturas regionais, demográficas, geográficas e diferentes realidades políticas. Muitas vezes, nós mesmos nos esquecemos disso. Focamos em nossa própria localidade, em nossa cidade, em nossa igreja local. Depois, transplantamos nossas perspectivas e nosso contexto, inseridos em uma agressiva sociedade de consumo e busca de sucesso e fama a qualquer custo, utilizando esses parâmetros viciados como norte.

Mesmo com tantas contradições em sua caminhada histórica e presente, a igreja tem razão e base para continuar existindo. Concordo com Howard Snyder quando ele escreve que

a Igreja é agente de Deus para estabelecimento de seu reino, é o principal meio pelo qual Deus está cumprindo seu propósito reconciliador.[3]

Infelizmente, nem sempre a igreja em sua história foi igreja do reino, pregando o evangelho do reino, cultivando a cultura e os valores do reino, sujeitando-se ao Rei e a seu reinado. Certamente, em muitos momentos, a igreja se descaracterizou em sua essência e afastou-se das razões existenciais fundamentais ensinadas por Jesus e seus apóstolos. Não raras vezes na história a igreja viu-se desfigurada, fragilizada e caótica.

Em 1973, assisti a um sermão do equatoriano René Padilla durante sua passagem por São Paulo, logo após minha conversão. Padilla era o pregador convidado da igreja batista na qual eu congregava e falou sobre a natureza da igreja, sua missão e sua essência. Ele afirmava que a igreja comprometida com a missão de Cristo deveria entender que seu propósito não é ser grande, rica ou politicamente influente, mas encarnar valores do reino de Deus e manifestar o amor e a justiça, tanto em suas relações interpessoais quanto em seus laços comunitários para servir.

Tempos depois, encontrei em seu livro *Missão integral* um pouco do que ouvi naquela noite:

O Novo Testamento apresenta a igreja como comunidade do reino, a comunidade que reconhece a Jesus como o senhor do universo e por meio da qual, numa antecipação do fim, o reino se manifesta concretamente na história. [...] A igreja é o resultado da ação de Deus por meio do Espírito. Ela é o corpo de Cristo e, como tal, a esfera na qual opera a vida da nova era iniciada por Jesus Cristo.[4]

Ouvindo isso com tanto entusiasmo, fiquei apaixonado pela oportunidade de ser igreja e servir ao reino por meio dela, de forma comunitária, relacional e missionária. De maneira juvenil e

singela, ainda no impacto do primeiro amor e tocado pela ação do Espírito Santo, eu via a igreja com muita esperança e desafio. Olhava minha mãe, servindo na igreja local de forma piedosa e comprometida, construindo amizades que cultivaria até o fim de sua vida, empregando seus dons para a edificação do corpo, cantando no coro, trabalhando com as senhoras da comunidade, com os idosos, com presidiárias, auxiliando misericordiosamente na dinâmica da evangelização.

Entendo hoje que boa parte de escritores, articulistas e teólogos reportam-se em suas análises à realidade de igrejas nas grandes metrópoles, especialmente da América do Norte e de países desenvolvidos. Nesse contexto de uma realidade pós-moderna e globalizada, as congregações abraçam modelos de crescimento e de estrutura de grandes organizações. É a busca pelo reino institucionalizado aqui na terra, um reino de poder, riqueza, fama, disputa e concorrência, altamente influenciado pela ilusão do mercado e da relevância humana. Líderes eclesiais, com a alma repleta de ambição pelo “sucesso” e pelo “crescimento”, abraçam esse caminho sem pudor, sem ética nem amor, atropelando os que cruzarem seu caminho.

É verdade que encontramos aqui e ali algumas (e cada vez mais) raras exceções. Gente que, apesar do visível cansaço, tem perseverado honestamente e buscado novo vigor no difícil equilíbrio de ser igreja e refletir sobre ela. Gente que, felizmente, vive o evangelho focando o reino de Deus, animando e encorajando os que estão a sua volta, sem jamais se esconder nem se alienar. Cristãos que aprenderam a conjugar em sua cosmovisão de fé a realidade do pecado e suas consequências com os ecos da cultura, da miséria e da desigualdade social, da exclusão étnica, das heranças espirituais e da vivência de justiça em todas as suas matrizes e expressões ao redor da América Latina. São poucas vozes ouvidas e consideradas, vindas de nossos países vizinhos e também da África, da Ásia e da Europa.

Pessoalmente, sou muito grato pelos ensinamentos e reflexões de René Padilla; além dele, em minhas primeiras leituras e reflexões, outros me ensinaram também: o porto-riquenho Orlando Costas, o missionário peruano Samuel Escobar, o canadense Dionísio Pape e o pastor anglicano John Stott. Em minha mocidade, como estudante, fui encorajado a “enxergar além” e a refletir com uma amplitude maior. Essas sementes me auxiliaram a servir ao Senhor em sua proposta comunitária de adoração, comunhão e serviço. E me incluíram (e assim me senti incluído) na igreja.

Existe algo que calou profundamente durante minha juventude, durante o processo em que eu tentava descobrir minha vocação como ser humano e como cristão. Era um sentimento contraditório que reincidentemente me apaixona na ideia e proposta de ser igreja, mas que, ao mesmo tempo, me impele a trilhar o caminho oposto. É a percepção de que a jornada comunitária, seja ela relacional, seja de serviço, sempre será trabalhosa e árdua. Isso porque a igreja é essencialmente ambígua em sua caminhada peregrina e também nos relacionamentos que ajuda a construir. E isso acontecerá sempre. Portanto, é necessário ajustar as expectativas. Ou isso é feito, ou logo desistimos.

Absorvi, refleti e aprendi muito nas igrejas locais por onde andei e nas quais comunguei e servi. Vivi ótimas experiências comunitárias e também grandes frustrações e decepções. Se, por vezes, sentime paralisado e engessado, jamais posso deixar de agradecer pelas várias oportunidades de aprender e reter o que é bom. Aprendi e continuo aprendendo com irmãos de comunidades e missões que atuam por todo o Brasil, do interior do Norte e Nordeste, dos rincões do Centro-Oeste, cada vez mais isolados por não abraçarem os clamores do mercado religioso. Seria leviano de minha parte se não reconhecesse sua contribuição e seus frutos.

Sou grato por algumas comunidades cristãs em grandes metrópoles de nosso país, que com sua singeleza e despretensiosa maneira de ser igreja, sem megaprojetos, em grupos pequenos (ou não), de forma institucional (ou não), trouxeram ao meu coração caminhos de esperança. São igrejas que

procuram servir à comunidade e à sociedade sendo sal e luz. Procuram, com discrição, praticar as boas obras, tentando, na medida do possível, não deixar que a mão direita saiba o que a esquerda está fazendo — isto é, sem grandes alardes. Elas buscam conscientizar sua gente e sua militância.

Vejo ainda igrejas e comunidades que trazem dignidade e justiça a muitos em suas obras, principalmente às pessoas mais simples do Brasil, entendendo a dimensão da prática da encarnação, que tem essencialmente servido ao próximo e acolhido muitos feridos da fé e da religião. Feridos, mas ainda com a mão no arado, sejam pastores, evangelistas, estudantes e profissionais; alguns deles que, por sua realidade social, geográfica e política ou por seu foco missionário, não têm voz ou visibilidade. Ao contrário de outros que felizmente têm.

Bons ventos sopram, por exemplo, vindos do trabalho da ACEV (Ação Evangélica) e suas sete décadas de ação social e implantação de igrejas no Nordeste. Há ainda projetos importantes como o Ministério Diaconia, que desde 1967 traça parcerias entre anglicanos, luteranos, metodistas, congregacionais, presbiterianos, presbiterianos independentes e várias outras denominações cristãs, encorajando obras sociais que têm trazido transformação. Bons ventos vêm também da Visão Mundial, organização fundada pelo jornalista Bob Pierce, que, sensibilizado com as vítimas da Guerra da Coreia, iniciou uma campanha de apadrinhamento de órfãos, que hoje atua em mais de cem países com diversos projetos sociais e comunitários, estando presente no Brasil desde 1975.

Muitas igrejas são fruto de trabalhos sociais e missionários. Vejo de perto exemplos disso na Paraíba, no Piauí, em Pernambuco, no Ceará, no Paraná, em Santa Catarina e em Minas Gerais. São amostras cheias de vida e graça que apontam para a generosa presença de Jesus e seu Espírito, onde a espiritualidade e a consciência comunitária que buscamos em toda parte estão presentes, apesar das estruturas, das instituições e das culturas políticas. São casas e espaços nos quais a fé evangélica tem sido acolhida e está inserida plenamente, com seus erros e acertos.

É duplamente gratificante ver a igreja se instalando no sofrido contexto brasileiro, em uma realidade de um povo gentil que, em meio a tanta corrupção e injustiça, busca sobreviver e viver a liberdade de ser gente com dignidade e justiça, em suas dinâmicas sociais, psicológicas, econômicas e espirituais. O cientista da religião Jorge Pinheiro chama atenção para isso:

O ideal de liberdade, como outras características do brasileiro, traz uma profunda dimensão coletiva. Isso não elimina ou massacra sua pessoalidade, mas na maioria dos casos permite reafirmá-la. E o massacre não acontece porque o brasileiro é coletivo e comunitário, mas porque não sobrevaloriza as estruturas sociais. Assim, ao desprezar as estruturas e negar qualquer papel de simples engrenagem, ele reafirma a amizade e solidariedade como formas do coletivo. Para ele, a liberdade, a amizade e a solidariedade acontecem na comunidade.^[5]

Os contextos estruturais da igreja possibilitam que reconheçamos, mesmo em sua ambiguidade e complexidade, a necessidade que temos do outro e a dimensão relacional. E, quando a fé e a espiritualidade pessoal e comunitária são buscadas e não são achadas (ou, às vezes, não são cultivadas nem saudavelmente construídas), surge um campo fértil para a multiplicação dos sem-igreja.

Devo dizer que há muitos cristãos desconhecidos que caminham no anonimato; há também igrejas que não estão em evidência, cujos testemunhos têm trazido, nos últimos anos, esperança ao meu coração. Elas foram luz em forma de calor comunitário e serviço em dias de densas e escuras nuvens, quando me sentia sinceramente sem-igreja.

Proponho então que caminhemos na direção de algumas frentes de reflexão. Quem sabe não terminaremos amando mais ao Senhor e a sua Igreja, concedendo a nós mesmos novas oportunidades de partilhar a caminhada?

A primeira ideia de igreja construída em mim

Minha razoável “quilometragem” eclesiástica de 38 anos se fundamentou, naturalmente, na herança familiar. À transição da minha experiência pessoal em duas fases — católica romana e depois evangélica — se seguiu a formação acadêmica teológica protestante, o tempo de serviço à igreja-comunidade e o trabalho na igreja institucional estruturada organizacionalmente. Tudo isso ampliou minha compreensão desse complexo universo e me trouxe uma série de percepções. Nessa caminhada, acumulei mentores e referenciais que foram importantes para entender a igreja, sua natureza, missão e história, onde o poder e a graça de Deus (e igualmente as limitações e as contradições da herança adâmica em nossa humanidade) sempre estiveram presentes.

A Igreja Católica Romana está presente no Brasil desde sua descoberta, passando pelo golpe e pela Proclamação da Independência pela elite da época, e esteve igualmente presente na herança cearense de minha família, antes que a fé evangélica chegasse a nossa casa. Já adulto, fiz uma pesquisa genealógica e descobri que sou descendente de um padre (Lima Verde) que atuava no Nordeste. O dito sacerdote teve nada menos que 19 filhos durante o tempo de sacerdócio. Depois da descoberta, meu pai, acreano de Feijó, sempre brincava que meu chamado para o pastoreio estava contido no meu DNA desde o padre.

Minha identidade católica original tinha raízes na minha ascendência portuguesa. A Igreja Católica Romana é uma instituição fortemente estruturada e se equilibra entre o discurso pelos pobres e seu envolvimento secular com a riqueza e os extratos mais nobres da sociedade. De certa forma, como o padre belga José Comblin, falecido em março de 2011, declarou ao *Jornal Igreja Nova*, essa tendência era uma espécie de postura diante do crescimento pentecostal:

Se seguir a evolução atual eu acho que as grandes massas latino-americanas serão protestantes [...]. A Igreja Católica vai encontrar refúgio na classe alta, na classe mais privilegiada. Porque de fato, grande parte já está aí. As universidades católicas, parte do clero, as ordens religiosas.^[1]

A tradição católica se ressentia de uma herança bastante pesada e institucional e que comunitariamente se expressa em missas realizadas em um templo, com arquitetura em forma de basílica e com uma severa demanda ritualística e litúrgica. Era folclórico ver o padre da paróquia de meu bairro paulistano tocar a campainha porta a porta bem cedo, acordando a vizinhança para participar do serviço dominical. Era, de fato, uma realidade do interior onde todos se conheciam.

Muitos respondiam aos apelos do sacristão, talvez movidos pela tradição, por culpa ou para dar uma “força” a ele. No fundo, achávamos que o padre era o dono do pedaço. Hoje sei que o

“padre não é o dono da paróquia; pelo contrário, é e deveria ser servo da comunidade da fé”.^[2] De qualquer modo, a presença do sacerdote no serviço de culto e na prática da religião católica era ostensiva e demasiada. Nós, católicos, íamos ao templo *assistir* ao culto. Ritos, liturgias e dogmas se misturavam na cabeça dos espectadores que não compreendiam as homilias ou mensagens, quase sempre em latim. Parecia que tudo estava camuflado — inclusive a mensagem — por causa da forte tradição romana. Pensando bem, havia naquilo tudo as mesmas sombras que cobriam todas as manifestações coletivas do período da ditadura militar. As manifestações eram cerceadas, e o livre-pensamento era mal visto.

Em nosso parco entendimento forjado pela desinformação e pelo tradicionalismo romano, a “igreja” não passava de um local aonde íamos para praticar certa religião em busca de salvação. Nada vagamente próximo da noção bíblica de relacionamento, de corpo que se expressa em uma comunidade de santos, que se reúne em um lugar (qualquer lugar) para nutrir a fé, comungar, estudar a Palavra de Deus e cumprir sua missão. Para ser parte daquele tipo de “igreja” bastava passar por uma série de rituais, entre os quais o chamado de “primeira comunhão”, onde se aceita a coletânea de sacramentos e doutrinas básicas chamadas catecismo. (Na tradição protestante, o equivalente a isso era a famosa “classe de catecúmenos” e a “pública profissão de fé” exigida antes do batismo de adultos.)

Em meu período pré-vestibular, o pano de fundo sonoro e poético era a universalidade dos Beatles, o legado reflexivo e questionador de Bob Dylan, os novos ventos mineiros do Clube da Esquina soprados por Milton, Lô e Márcio Borges, Fernando Brant e Beto Guedes, e os movimentos riquíssimos da música brasileira de Caetano e Gil que conduziram à descoberta da bossa nova de Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius, Carlos Lyra e tantos outros. É nesse cenário que acontece minha conversão e uma nova compreensão sobre a mensagem e a pessoa de Jesus Cristo.

Vieram a herança e a cultura da igreja evangélica histórica — particularmente o pensamento batista, igreja na qual me alojara. Fui conhecendo as bases da fé, as raízes da Reforma Protestante, as teses, as confissões, e daí vieram novas afirmações, direções e visões de mundo muito diferentes.

Desde o início, não foi difícil notar quão presente era a força da instituição e o gesso denominacional em meio ao ajuntamento daqueles irmãos. Em meio a acertos, muitas vezes a caminhada era tolhida e cerceada no melhor que podíamos dar e oferecer, porque estávamos submissos a uma visão restritiva e excludente de uma liderança voltada para si mesma. O organismo vivo então se recolhia ao mero proselitismo, com insegurança e medo dos trabalhos ditos interdenominacionais que igualmente pregavam e evangelizavam em seus trabalhos e dinâmicas.

Com a distância do tempo, lembro-me dos meus primeiros anos de igreja evangélica como se estivéssemos dentro de uma espaçonave pousada em São Paulo, muito distante da realidade a nossa volta, fora de um contexto propício para servir e atuar no mundo. Era, em seu íntimo, uma experiência religiosa muito semelhante à do catolicismo, com uma prática que espelhava seu reduzido clero, e este se mantinha indisposto a dialogar, discutir diretrizes e negociar rédeas ou mesmo a ajudar a pensar ou refletir a fé no evangelho de Cristo. Como “visão” entenda-se conceitos extremamente patrimoniais e logísticos.

Mesmo assim, engajei-me na evangelização entre jovens e, mais adiante, como seminarista, na implantação de duas igrejas locais. Uma no interior do estado de São Paulo, outra em uma região pobre favelizada na própria capital. Reconheço que foi enriquecedora a caminhada, pois percebi que a igreja poderia ir além do testemunho e da pregação do evangelho, que poderia ser e trazer

benefícios de transformação em uma realidade adversa. Pude constatar também o grande risco de transformar essa experiência em um mero clube religioso ou social repleto de programas para crentes.

Aos 18 anos, eu viajava e era treinado para a evangelização em uma organização e missão interdenominacional chamada Vencedores Por Cristo. Foi muito bom conhecer diversas tradições das igrejas históricas protestantes, além de descobrir a realidade da igreja pentecostal e das chamadas “igrejas independentes” que começavam a brotar pelo Brasil. Testemunhei, preguei e toquei em diversas dessas comunidades, de culturas tão diferentes da minha, sem desconfiar que aquela experiência de itinerância estivesse apenas começando, em um ministério que dura até hoje. Era meu seminário prático, antes mesmo que cursasse um. Deus estava presente, escrevendo mais um capítulo de uma história que chegou até nós a partir da boa tradição apostólica de seus ensinamentos. Éramos encorajados sábios e criteriosamente a preservar as tradições.

A partir dos contatos com a Aliança Bíblica Universitária (ABU) em 1975 e 1976, e depois trabalhando nela por nove anos, conheci as reflexões, os escritos e as palestras do anglicano Andrew Kirk (que por muitos anos serviu na Argentina) e do luterano Valdir Steuernagel (com quem trabalharia anos depois na ABU). Ambos foram muito influentes na minha crescente conscientização sobre a igreja na América Latina. No meio de toda essa discussão, e tendo me convertido em 1972, costumo dizer que praticamente nasci na fé sob o guarda-chuva do lendário Pacto de Lausanne — a carta resultante de um congresso de líderes reunido em 1974, cujo grande destaque foi a discussão dos conceitos da missão integral. Não muito tempo atrás, em 2010, essa relevante discussão teve continuidade na África do Sul.

Tudo isso se misturava com o que eu ouvia em minha igreja local com o pastor e advogado César Thomé e com o pastor dr. Russell Shedd. Guardo com muito carinho em minha memória a ênfase que o dr. Shedd (boliviano, filho de missionários americanos com quem tive aulas em meu curso teológico) dava à importância da Palavra de Deus, sua igreja e obra missionária. O teólogo dr. Richard Sturz me ajudou a olhar a história e o pensamento teológico com maior senso crítico, enquanto o sensível mestre dr. Werner Kaschel, balizando as línguas originais, me ensinava a dialogar e respeitar as heranças evangélicas diversas. De quebra, o amigo, pastor e conselheiro Karl Lackler apontava caminhos para ajudar pessoas no pastoreio e a ser cuidadosos na pregação de forma expositiva. Foi uma interação com pessoas que me enriqueceu muito como cristão. Dois deles, Thomé e Sturz, estavam entre os fundadores da Fraternidade Teológica em 1970.

Muitos deles me ajudaram a entender o reino, a “pensar” e a amar a igreja e enxergar o melhor dela em sua natureza institucional e orgânica, mesmo diante de uma caminhada histórica com tantos fatos diferentes e contraditórios, acertos e erros. Foi um período de muita riqueza e boas amizades, de pesquisas, de buscar fundamentos para minha caminhada no pastoreio e tentar caminhar no universo da igreja.

Os evangelhos descortinavam a vida de Jesus e seu ensino transformador e abrangente, sua caminhada fazendo discípulos em diversas situações, balizando o que era, pregando e anunciando sobre o reino de Deus. As cartas do Novo Testamento expuseram a mim o valor e as virtudes da igreja como expressão comunitária, não ocultando suas crises, seus conflitos de lideranças, suas contradições e suas esperanças. Fui vivenciando o discipulado, evangelizando na escola e conhecendo a realidade de uma igreja local.

Nesse processo, fui perdendo a ingenuidade religiosa e começando a pensar e viver uma fé mais adulta, com os pés no chão, mais realista e menos romântica. Mergulhava com interesse no contexto cultural das cartas e percebia que a igreja dos apóstolos tinha dificuldade de lidar com a cultura na qual estava inserida — a mesma dificuldade que ainda vejo atualmente. Para mim,

como músico e compositor, era (e ainda é) uma das maiores barreiras a ser transposta, junto com o abismo entre o preparo teológico acadêmico e a prática da fé na realidade social.

Enquanto exercitava e procurava entender minha humanidade, minha fé e minhas emoções, eu fazia arte e compunha. Musiquei textos bíblicos — especialmente salmos — em uma matéria que fazia e, ao lado do amigo, poeta e pastor Guilherme Kerr Neto, compus outras durante várias ocasiões de congressos missionários. Estávamos envolvidos na comunidade da fé em que a teologia deveria ser construída, vivenciada, fortalecida de significado e raiz para apontar caminhos da prática da fé, serviço e missão. Eram tempos de grandes desafios na realidade da igreja e nas instituições denominacionais e interdenominacionais.

Notei que o próprio salmista Davi viveu também em um tempo de declínio, desilusão e perigo. Sentia-me encorajado a perseverar sendo parte do rebanho de Deus; sentia um entusiasmo em relação à vida e à necessidade da igreja local. Com seus escritos, Davi registrava sua humanidade e seu relacionamento com Deus. Seus poemas ajudavam-me a lidar com as angústias e as contradições do meu coração.

Foi assim que seus salmos nasceram; três mil anos depois, por meio destes salmos, nós podemos entrar nos lugares secretos da alma de Davi, e mais na presença de Deus.^[3]

Foi muito importante, em minhas leituras como seminarista, visitar um pouco o pano de fundo das origens do cristianismo, perceber a força e a realidade do Império Romano, a influência da cultura helenística presente, a herança do judaísmo permeando o início da igreja, a dinâmica e a complexidade das igrejas de Jerusalém, de Samaria e da Galileia. Foi importante também perceber como as comunidades gentílicas desafiaram os ministérios de Paulo e Pedro; refletir sobre as perseguições do primeiro ao quarto século, passando pelos Pais da Igreja que eram autores ou construtores de teologia bastante ortodoxa e aceita como autoridade; conhecer as razões que levaram Constantino a reconhecer a beleza da fé cristã; estudar a igreja tomando forma institucional; saber sobre o fim das perseguições religiosas naquele tempo, as questões cristológicas que marcaram outros períodos — tudo isso trouxe um pouco mais de flexibilidade e de tolerância a minhas abordagens.

Durante seu ministério na terra, Jesus prometeu que edificaria sua igreja. A igreja fruto da mensagem de implantação do reino. Igreja que deveria sinalizar esse reino de Deus e priorizar seu rei e cabeça, em sujeição à autoridade dele.

A igreja em sua proposta comunitária de formação espiritual, de serviço a Deus e ao próximo, teve seu início miraculoso com a descida poderosa do Espírito Santo, e esta continua crescendo com sua atuação regeneradora. Ela é um povo exclusivo de Deus, foi escolhida livremente pelo Deus trinitário antes da fundação do mundo e existe inteiramente para sua glória e seu prazer. Igreja essa que tem permanecido em meio a tantas circunstâncias através da história, com altos e baixos em sua vivência comunitária.

A palavra *invisível*, empregada tantas vezes para descrever a igreja universal, às vezes me soava infeliz e incompleta em seu significado, porque sugeria uma ideia imensurável — isto é, assumindo como fato que a Igreja pode existir sem uma expressão visível e tangível, como se fosse um trópico que não vemos nem apalpamos. Sei bem que os reformadores desenvolveram essa descrição porque queriam posicionar-se contra o alegado exclusivismo da igreja romana. O que víamos, principalmente na Idade Média, era o uso da religião como forma de exercer poder, controle e domínio por meio da instituição: exatamente o que vemos nos dias atuais, especialmente no Brasil, onde líderes canalizam seus esforços para viverem seus próprios “reinos” e benesses em cargos eletivos e políticos no município, no estado e na esfera federal.

Os apóstolos chamados por Jesus e testemunhas de sua ressurreição foram centralizados e também genéricos em seus ensinamentos, com lacunas em muitas abordagens — por exemplo, sobre liderança na (e da) igreja. Enxergaram ou descreveram a igreja na maioria das vezes como um povo redimido do império das trevas e transportado para o reino do Filho de Deus. Somente o Pai sabe quem realmente lhe pertence; a igreja, portanto, seria invisível para nós. Parece-me que muitos dos que se sentem sem-igreja acomodam-se nessa compreensão da universalidade do corpo de Cristo e minimizam a possibilidade de ser e tentar ser igreja de forma tangível em seus ajuntamentos.

Percebemos na Bíblia, entretanto, que, para se tornar parte da igreja, era importante o caminho da confissão pública (normalmente o batismo) e uma fé genuína na ressurreição histórica de Jesus dentre os mortos. Sabemos hoje que, obviamente, essa confissão seria posta à prova durante todo o tempo de nossa jornada terrena — a intenção e a genuinidade dela atestada é que é conhecida somente pelo Senhor. Nenhuma instituição pode dar o “reconhecimento de firma” para declarar a veracidade dessa confissão. (Algumas denominações se equivocaram ao fazer isso, de modo intencional e presunçoso, e por vezes de forma policialesca e controladora. O resultado foi que traumatizaram algumas pessoas.)

De fato, não há quem possa dizer ou confirmar, não há garantia de que os que confessaram o nome do Senhor foram íntegros e honestos nessa confissão e que estão realmente regenerados. A confirmação da fé salvadora de um membro da Igreja de Jesus Cristo vem por meio do amor de Deus derramado no coração dos salvos, obras e práticas que confirmam a fé e a perseverança durante nossa vida no caminho em direção a Cristo. Declara o autor de Hebreus:

Pois passamos a ser participantes de Cristo, desde que, de fato, nos apeguemos até o fim à confiança que tivemos no princípio.

Hebreus 3.14

A igreja é — ou deveria ser — um santuário, um templo, conforme disse Paulo. Isso significa que Deus habita no meio de sua família na terra. Para o apóstolo Pedro, a igreja é representada por uma casa espiritual edificada com pedras vivas porque se alicerçou na pedra viva e angular que é Jesus. A igreja é um campo ou terreno com plantas (pessoas ou ramos) ligadas à videira, que tem qualidades que o Espírito continuamente desenvolve para demonstrar seu amor pelos homens: “Alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5.22-23). Essas são qualidades desenvolvidas em nós durante a construção de uma espiritualidade cristã ao longo da nossa caminhada na fé e na comunidade.

A igreja ganhou o título e a dimensão de ser *família de Deus* pelo fato de ele adotar seus membros como filhos e nos chamar para a reconciliação e a comunhão com ele. A fraternidade dos irmãos da igreja deveria ser uma expressão do relacionamento familiar construída passo a passo, gerando boas e eternas amizades.

Esse relacionamento poderia e deveria unir os que desfrutam do direito, da honra e do privilégio de fazer parte dessa nova “raça eleita”, descrita por Pedro, vivenciando e abraçando o sacerdócio de todos os cristãos:

Pois vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

1Pedro 2.9, RA

Sacerdócio que nem sempre os cristãos conseguiram ou conseguem vivenciar em uma igreja que ainda tenta, usando um termo do futebol, “encher a bola” e superestimar o papel e a

importância de seu clero.

É impossível não nos espantarmos com a fidelidade e o cuidado do Senhor. Nem mesmo a preguiça e os erros dos membros da igreja na história negariam, minimizariam ou anulariam a fidelidade do amor responsável e compromissado de Deus e a natureza espiritual da igreja. Ele planejou e cumpriu seu plano de resgatar pecadores do império das trevas, dando-lhes vida e vida em abundância pela graça manifestada em Cristo e recebida pela fé.

[Deus] nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor.

Efésios 1.4, RA

Toda ortodoxia doutrinária da igreja construída sobre tradições por muitos (e que continua tentando produzir igrejas mais parecidas com a imagem de Cristo) não poderia ser definida com absoluta precisão e certeza em todas as direções e possibilidades. Essa ortodoxia hoje está em xeque e é fortemente questionada, sendo ainda referencial para muitos cristãos. Paulo, instruindo os irmãos da igreja de Colossos, declarou quais deveriam ser o projeto e a ambição principal de todos os que amam ao Senhor Jesus de verdade:

Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

Colossenses 1.28

Creio ter sido esse o grande interesse de Jesus logo antes de sua ascensão, quando convocou seus discípulos e deixou a seguinte mensagem como foco missionário:

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo que eu lhes ordenei”.

Mateus 28.19-20

Esse foco no discipulado se diluiu e foi omitido em muitas ocasiões, mas não perdeu sua força e seu referencial. Devíamos estar atentos a ele no que realizamos como igreja ainda hoje, não deixando que isso se transforme num “método”, pois o discipulado é caminho e fruto de vida compartilhada, caminho natural de quem tenta viver a fé de forma comunitária e missionária.

Esse desafio beligerante e missionário de estarmos presentes em tantos lugares com diferentes etnias e culturas trouxe todas as implicações de sermos um povo, uma comunidade que iria construir uma história de vida e testemunho, pregação e referencial do reino de Deus entre seres humanos em seus múltiplos contextos. Afinal, ensinar, obedecer e entender tudo o que nos foi passado pelo Senhor e Mestre Jesus seria, em qualquer tempo ou contexto, um desafio continuamente complexo. Daí, crises, conflitos, erros e acertos se tornam constantes na caminhada. Nesse sentido, os que se consideram sem-igreja necessitam ampliar e rever suas definições sobre viver a misericórdia e a tolerância para com a igreja.

As aberrações doutrinárias e de interpretação da Bíblia, os desvios das práticas encorajadas pelo evangelho, a recorrente omissão e ausência das questões sociais e de justiça na pauta e agenda, o esvaziamento moral e ético ostensivo e gritante, a falta de diálogo necessário em respeito e amor com outras religiões — tudo isso deixou exposta a vulnerabilidade da igreja no mundo contemporâneo de incertezas. Reconheço que o ambiente da chamada pós-modernidade, acolhedora do relativismo e de rejeição racionalista, por muitas vezes tem sido abrigo de opiniões diversas e divergentes de muitos cristãos, justificando a tudo e a todos nessa caminhada de ser ou de não ser igreja.

Jesus estava consciente e não escondeu de nós as lutas e os desafios de ser e vivenciar sua

igreja, e ainda assim nos incumbiu de ser igreja sob a cultura do reino. Jesus nos mostrou o perigo que a igreja correria em sua vivência dos valores que ele veio implantar quando levantou a questão de a fé existir ou não na terra quando ele voltasse. Temos registrado no livro da revelação, o Apocalipse, a situação da igreja de Laodiceia, que tinha uma visão limitadíssima de si mesma. Não reconhecia sua condição miserável e de carência, de cegueira, pobreza e nudez.

“Você diz: ‘Estou rico, adquiri riqueza e não preciso de nada’. Não reconhece, porém que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu.”

Apocalipse 3.17

Hoje, as igrejas das grandes metrópoles, inseridas em uma opressiva sociedade de consumo com tantas vertentes e culturas, estão fortemente influenciadas a viverem voltadas para si. De forma egoísta e sem consciência e reflexão razoável do que creem e professam, vão se afastando de sua pregação e prática, dos alvos do seu Senhor em relação ao mundo e à humanidade que veio salvar e servir.

Reconheço a soberania do Deus trinitário. Não entendo tudo o que está acontecendo, mas constato que ele continua mostrando graciosamente sua misericórdia para com sua igreja. Apesar de todos os movimentos pendulares de acertos e erros em sua história que a desgastaram, Deus continua nos chamando para crer que é possível ser igreja, com testemunho profético em conteúdo e prática, em uma constante obediência e em contínua missão mesmo no meio do caos. Mais ainda, Deus nos chama a buscar e ver o reino se instalando em nosso estilo de vida, nos nossos relacionamentos, projetos e realizações que produzem transformação na sociedade.

Felizmente, ainda encontramos pessoas sérias com o trato da fé e espiritualidade e que, de fato, passaram por uma mudança de mentalidade que se revela em uma vivência desapegada, doadora e altruísta. Muitos anônimos sem acesso (nem interesse) a qualquer tipo de mídia. Deus continua em seu plano de sabedoria e propósito, levantando homens e mulheres, membros do seu corpo comprometidos com sua Palavra, sua missão e seus desafios. Como por meio de seus profetas e apóstolos há mais de dois mil anos, continua nos chamando a viver uma fé adulta e com expectativas adequadas e equilibradas no que podemos esperar da igreja e como igreja.

Os sem-igreja: gente com reclamos responsáveis

Em algum ponto da década de 1980, fiz um curso ministrado pelo suíço Hans Bürki^[1] ao lado de sua esposa, Ago, que é terapeuta familiar. Tenho em minha memória que aquele foi o momento em que mais fui encorajado e orientado em direção ao acolhimento, ao olhar e escutar o outro de maneira respeitosa, tentando compreendê-lo além de suas palavras, discernindo o contexto do que o próximo dizia, observando o gesto e as emoções. É preciso discernir o que comunica o coração, antes de qualquer avaliação ou julgamento. Absorver o que eles chamam de “reclamos responsáveis”, de pessoas em culturas e contextos diferentes dos nossos. Tratava-se de uma abertura para o diálogo e a compreensão das experiências numa profundidade muito maior.

Desde então, o acolhimento se tornou um caminho sempre presente (ou, ao menos, desejável) em minha experiência pessoal, familiar e comunitária. Porque ele traduz muito bem o sonho de viver a proposta da essência da igreja cristã e a implantação do reino de Deus. Aprender a ouvir, a acolher, a considerar piedosamente, sem juízo precipitado, tudo o que se esconde atrás de cada palavra ou opinião, é um bom alicerce para evitar o erro de nos considerarmos os donos da verdade, aptos a julgar sem misericórdia.

É importante olhar com coragem para a história da igreja, para seus acertos e erros, os momentos em que flertou com as trevas e os momentos em que foi luz. É preciso aprender com nossa história e com a história do outro. Quando temos essa maturidade, alimentamos a esperança ou o sonho na dinâmica de crescimento e integração e enxergamos com mais clareza os momentos em que deveríamos conhecer mais Deus, amadurecer no trato com o outro, ou quando estávamos mais preparados para toda boa obra. Preciso confessar que não via muito, na realidade evangélica, essa capacidade de ouvir, essa virtude ou disciplina que nos ajuda a não excluir nem marginalizar as pessoas. Das páginas do Novo Testamento, à medida que conhecia mais profundamente a história e o contexto das igrejas primitivas, me veio certo consolo. Percebi que aquelas comunidades viviam muitos conflitos em sua tentativa de viver o evangelho. Esses conflitos eram seu caminho natural e, de certa forma, seu atestado de sanidade. Durante crises e conflitos, aprendemos a lidar com relacionamentos e com o nosso crescimento. O problema é que frequentemente desperdiçamos as oportunidades que temos de crescer.

No livro de Atos, por exemplo, os desafios em ser igreja eram enormes em suas perspectivas primeiras mediante a capacitação do Espírito Santo. É um erro olhar de forma romântica e idealizada para a igreja do primeiro século, apesar de seu início bastante encorajador. É nítido o agir de Deus na história, dando consciência aos primeiros cristãos, convidando a participar da sua comunidade e convencendo o homem a viver e anunciar o arrependimento de pecados e a chegada do reino de Deus. Descortinava-se esse encontro e o relacionamento do Deus invisível, sua

encarnação em Cristo, sua morte e ressurreição.

Lá estão comunhão, vida partilhada, adoração e testemunhos impactantes na sociedade. Mas também há conflitos relacionais de lideranças emergentes e dificuldades advindas do crescimento numérico. E isso não era característica de uma ausência de espiritualidade. Pelo contrário, era sinal de sanidade no meio da diversidade, enquanto o crescimento ocorria. É uma dinâmica normal e natural da vida em comunidade em sua experiência de edificação, testemunho, missão e serviço.

A promessa feita por Jesus em Atos 1.8, “Mas receberão o poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judeia e Samaria e até aos confins da terra”, mostra, sem dúvida, que a descida do Espírito, fazendo morada nos cristãos, foi determinante para os primeiros passos da experiência comunitária e missionária. As primeiras comunidades nas casas em Roma, as perseguições que vieram e as dispersaram, as comunidades de forte herança judaica descritas em Gálatas (com sua tentativa de viver a realidade do evangelho em uma tradição fortemente religiosa), os conselhos de Paulo à igreja de Corinto, apontando contradições, virtudes e defeitos — tudo isso ajuda a visualizar um quadro do crescimento de uma igreja com muitas variáveis.

Estive no Zimbábue e em Moçambique, no meio da guerra civil, em 1985. Foi uma experiência marcante para compreender a igreja sob pressões políticas, algo bastante diferente do que encontrava no Brasil. Era evidente quanto a igreja oficial e institucional era manipulada pelo governo. Comecei a observar as possibilidades da igreja com outros olhos, com maior cautela e com mais misericórdia. Vi um povo lutando por liberdade, dignidade, justiça e vida. Vi cristãos desejando ser comunidade, ajuntamento, sempre aguardando uma paz que não vinha. Meus irmãos de fé, desejando viver, encontrar e experimentar a realidade de ser igreja em meio à guerra — e ao pós-guerra que logo viria.

Eu já tinha consciência da herança protestante inglesa no Zimbábue e de sua estranha mistura de expansão imperial britânica e obra missionária, com todos os aspectos triunfalistas e opressores. E como isso se misturou na história de missões cristãs! O erro de confundir evangelização com colonização se repetiu na África, como já havia se repetido no Brasil com católicos e protestantes. Como definiu o pastor Elben César: “e eram duas coisas diferentes, mas uma pegou carona com a outra”.^[2]

O Reino Unido que oprimiu a África é o mesmo Reino Unido herdeiro direto da Reforma Protestante do século 16, de suas tradições e histórias, de sua institucionalização real. E é o mesmo Reino Unido em que vi, tempos depois, templos sendo transformados em restaurantes ou casas de *shows*. E o que dizer de países como a Indonésia, com tantas lutas e perseguições para viver o cristianismo em um contexto muçulmano? São realidades diversas, mas em todas elas a igreja cristã descobre brechas para permanecer, testemunhar e praticar o evangelho. E em todas essas realidades já existiam irmãos sem-igreja.

Quando encontro atualmente as comunidades mais simples do interior do Brasil, comunidades ribeirinhas no Norte, por exemplo, em algumas regiões mais industrializadas e urbanas, ainda vejo sinais fortes de vida comunitária. Também percebo a existência dos sem-igreja na realidade nordestina solapada pelos eternos “coronéis”, e nos que cultivam a fé em denominações históricas ou pentecostais, ou quando encontro irmãos de metrópoles com um cristianismo secularizado, globalizado e com o crescimento de cristãos nominais.

Entre aqueles que sinceramente amam a igreja, que com ela sorriem e com ela choram, que se frustram e sonham junto com ela, vão aparecendo os que não simpatizam mais com sua ideia. Gente que nem sequer *tenta* mais ser igreja, mantendo-se alheia a tudo o que se relaciona com a

vaga ideia de um universo eclesiástico. Sua antipatia, imaginam, é a sua fórmula para a sanidade.

Compreendi que não posso ser íntegro em uma única abordagem, colocando tudo e todos à luz da história da igreja em situações tão diferentes através dos séculos. Se quisesse ser justo, teria de refletir sobre a importância (ou não) da igreja como comunidade de Jesus. Ser igreja em grandes metrópoles não é a mesma coisa que ser igreja no interior do Piauí ou da Paraíba. Como fui, tantas vezes, petulante e ingênuo, achando que podia explicar racional e razoavelmente a igreja presente em tantos contextos, alguns dos quais não vivi, não conheci e talvez nem venha a conhecer.

Mas não podia (e creio que não posso) desprezar tudo o que vi e continuo vendo, nem deixar de acolher os anseios, as dores, lágrimas, decepções e esperanças de muitos.

Transcrevo a seguir alguns desses reclamos conscientes, coletados ao longo dos anos, com o cuidado de preservar seus autores. Na sequência, há os meus comentários. Certamente, não são novidade ou surpresa para aqueles que militam na igreja (ou em torno dela). Mas são anseios dignos de serem considerados:

Pastor, fiquei decepcionado com a estrutura das instituições eclesiásticas e missionárias. Rolava muita grana e projetos sem prestação de contas.

Quando não existe verdade e transparência, muita *coisa* acontece. Muitos líderes e religiosos enriqueceram escondendo e omitindo, e, claro, isso também provoca sequelas em pessoas e famílias.

Nelson, estou sem igreja nos últimos anos. Não estou me reunindo em instituições locais, nem frequentando seus cultos públicos, não estou filiado a nenhuma igreja e, sinceramente, desculpe dizer, não estou sentindo falta.

Ministérios e cultos cada vez mais profissionais e impessoais levam a esse extremo: pessoas que não sentem mais necessidade ou falta da comunhão e do ajuntamento coletivo.

Eu coordenava um ministério que estava dando certo. De repente fui substituído sem explicação. Fui traído e alvo de inveja. Abraçaram um modelo organizacional rígido e sem fórum de diálogo. As pessoas que treinei e que estavam envolvidas e comprometidas foram substituídas.

Jogos políticos dentro de estruturas ou mudanças de políticas internas no corporativismo que invadiu a instituição igreja são a causa de novas baixas e de aumento dos sem-igreja.

Cometi erros pessoais na dinâmica da igreja, mas não fui perdoado nem acolhido com a graça que sempre ouvia ser pregada nos púlpitos. Não consegui mais me reintegrar na comunidade.

A igreja tem dificuldade de viver, experimentar e manifestar graça com relação a irmãos que a decepcionaram em alguma área. Essa realidade continua, mas, graças ao Senhor, com exceções que abrem caminhos de perdão e vivência dessa mesma graça.

Ao longo dos anos, fui muito machucado durante minha caminhada dentro de uma instituição religiosa. Conheci os bastidores, a politicagem com que usavam a igreja, as línguas maledicentes e gente militando nela lutando por poder e fama.

Esse reclamo torna-se mais comum à medida que a estrutura organizacional vai crescendo e ganhando visibilidade. Muitos líderes costumam confundir o conteúdo e o foco da busca da “relevância” na sociedade e se perdem em suas próprias conquistas.

Eu conheci pastores muitos frustrados e sem habilidade ou vocação pastoral, que deveriam ter tocado a vida profissional em alguma outra área. Infelizmente, estão vivendo projetos empresariais equivocados, transformando o conceito inicial comunitário de serviço e de profético da igreja em projeto pessoal. Estou desacreditado hoje. Não quero mais igreja.

O cuidado pastoral (o “pastoreio mútuo”) é um desafio repartido por todos da igreja. Ainda assim, há uma grande confusão de foco entre os “clérigos”, os profissionais da fé, e os leigos.

Eu sou esposa de um pastor. Meu marido, depois de quarenta anos de ministério, morreu sem reconhecimento e cuidado algum das igrejas onde pastoreou. Nem em seu enterro compareceu alguém da instituição tradicional na qual serviu por muitos anos. Não o amaram como pessoa, nem se preocuparam conosco. Sinceramente, igreja como instituição, [...] nunca mais!

Dores semelhantes a essa, mesmo em circunstâncias diferentes, têm me entristecido muito. Elas expõem a fragilidade dos relacionamentos e amizades que são construídas somente no quadro de membros, mas não representam amor além dos limites religiosos ou denominacionais.

Nelson, não recebo nenhum conselho pastoral sobre pessoas na minha situação, nem acompanhamento de nenhum ministério da igreja. Sinto-me marginalizada por ter passado pelo divórcio e ser descasada até hoje. Não entendem ou não me acolhem.

É impressionante como pastores e pregadores fogem de questões complexas, mas evidentemente presentes no dia a dia das pessoas. Divórcio, vida profissional, aborto, sexualidade, política, ecologia, costumes e cultura, fé e as artes têm uma atenção pastoral de conteúdo esvaziado e irrelevante. Muitos nem se dão ao trabalho de produzir algo, pois estão mais focados em seus “resultados”.

Estou cansado de ser explorado em projetos personalistas e pessoais de pastores ou líderes que não olham para a mensagem de Jesus nem pregam o evangelho do reino, mas buscam afirmação apenas no que são e fazem. Já fui colocado de lado por questionar isso.

Questionamentos parecem não ser bem-vindos em nossas comunidades locais, mesmo quando são feitos de maneira respeitosa. Lideranças personalistas controladoras do poder detestam ser questionadas e evitam o diálogo tanto quanto podem.

Ficar em megaigrejas onde somos apenas números ou “recurso humano” para metas funcionais, onde ignoram meu nome e minha história? Nunca mais! Sinto repulsa só de continuar presenciando isso. Não quero mais me ferir, vou me preservar.

O mundo corporativo trouxe essa semente sutil e agressiva, tratando-nos como peças de uma máquina religiosa. Isso tem produzido muitas baixas na comunidade. Muitas vezes, a visão pragmática cerceia a reflexão e os caminhos de profundidade bíblica e de vida cristã.

Sou universitário e não vejo a janela da reflexão e do diálogo nas igrejas locais. Não encontro em fórum nenhuma discussão sobre os assuntos e as questões contemporâneas. É nítido que os líderes têm medo de “pensar” a fé e o conteúdo da Bíblia buscando nos ajudar a enfrentar novos desafios de vida em nossa época.

Pensar a fé e estimular a mudança contínua de mente são fundamentais para não nos conformarmos a este mundo em que vivemos. Segundo o que Paulo escreveu aos Romanos, é sinal também de conversão e culto na vida (Rm 12.1-2).

Por que tanto descaso e desconsideração com o que sou como pessoa e como membro do corpo de Cristo? Não sou marionete e não desejo mais ser acintosamente manipulado em nome de uma suposta autoridade ou “cobertura espiritual”.

Líderes não percebem que a autoridade bíblica na comunidade vem pelo princípio do testemunho, do reconhecimento do caráter e da vida de serviço na comunidade. Pela fragilidade de seus reconhecimentos (que nunca foram avaliados), atropelam, intimidam, manipulam.

Não me falaram toda a verdade. Disseram que a igreja da religião onde eu estava não salvava, que não podíamos ter um papa. Trouxeram-me para outra instituição, protestante, que está cheia de papas assumidos e não assumidos, que não admitem crítica ou avaliação e que muitas vezes excomungam aqueles que não aderem a suas ideias ou não partilham delas.

É triste constatar que a liderança eclesiástica muitas vezes não compreende que o rebanho é do Senhor, não reconhecendo o sacerdócio real de todos os santos.

Vou ser objetivo com você, meu irmão: tenho dupla cidadania. Sou membro de uma instituição local onde bato o ponto, mas atualmente alimento minha fé, de fato, em um pequeno grupo numa casa. Sinto-me inadequado nas duas. Tento preservar meu próprio duplo posicionamento. Hoje é como consigo sobreviver. Sinto-me, de fato, um sem-igreja.

Muitos vivem essa realidade, uma fé de circuito itinerante sem vínculos com qualquer comunidade.

Presenciei a hipocrisia e a cultura da omissão, diante de situações que não foram tratadas na igreja. A chamada “pureza” da igreja era exercitada na área da disciplina quase de forma policialesca. Não suportava mais ver a disciplina e a exposição somente de menina grávida e de gente que adulterava.

Infelizmente, pecados sexuais e pecados da alma recebem graduações diferentes nas igrejas. São distinções agressivamente presentes, e, em busca do verniz de santidade, a incoerência dá o tom.

Os membros mentirosos, os desagregadores, os empresários fraudulentos, os gananciosos e qualquer “gente de posse” que oprimia em sua influência — nenhum desses jamais foi tocado, confrontado ou exortado pelas lideranças locais. Chega, estou cansado disso.

Vista grossa e acomodação política não ajudam em nada. Trazem descrédito ao ministério, ferem as pessoas. É preciso coragem para tratar questões como essas e cuidar das pessoas. A igreja, como um todo, precisa respaldar as ações do pastor e de sua equipe.

Sou filho de pastor. Sempre colocaram em mim a expectativa de ser santo e não ter falhas, sempre estar disponível para a igreja onde meus pais servissem. Não podia ser apenas eu mesmo, gente como todos os outros. Era alvo de intrusão e crítica, constantemente e de forma impiedosa. Não quero mais isso, embora saiba que levarei essas marcas por toda a vida.

Intromissão indevida na vida familiar e exigências absurdas se transformaram em peso para muitas famílias de pastores e missionários.

A geração dos meus pais engoliu muitos “sapos” na igreja institucional, que nós, mais jovens, não temos mais a paciência e disposição de engolir. Lamento, desejo viver a liberdade. Ensinarão-me que Cristo me chamou para a liberdade e para a vida. Mas sou hoje prisioneiro e cerceado e não posso desfrutar da beleza da vida e do evangelho. Isso já me marcou negativamente na minha alma.

Esta é uma mudança de paradigma da atual geração, que busca. Busca rapidamente caminhos para viver a simplicidade e as possibilidades do evangelho e não fica esperando mudanças no médio e longo prazos.

Hoje em dia todo mundo “vira” pastor ou apóstolo. Não confio em pessoas que se denominam, se autoelegem ou são reconhecidas nos colégios apostólicos fajutos de hoje.

É duro constatar o esvaziamento e a banalização do ministério pastoral. Ser chamado para pastorear almas é algo muito diferente de exercer poder em nome de uma religião ou instituição. Resgatar o coração da vocação pastoral é algo urgente em tempos em que igrejas tornam-se expressão de negócios em torno da fé e das necessidades das pessoas que as frequentam.

Igrejas não sabem acolher artistas que desejam buscar a excelência no que fazem com sua arte para o reino. Às vezes até os discriminam. Não aceitam minha profissão como espiritual e possível, não construíram uma teologia correta das artes e da

cultura.

Andando perto de músicos por tantos anos, constato: a igreja não sabe acolher músicos e artistas convertidos. Há desinformação sobre o significado da adoração e do culto, há desconhecimento sobre o uso da arte na igreja, na sociedade e no reino de Deus, além de preconceito quanto a suas possibilidades e usos.

A mentalidade que encontro dentro da instituição é quase sempre retrógrada e engessada. Não há espaço ou tolerância para diálogo e transparência.

Essa crítica é mais comum do que eu imaginava, tanto nos grandes centros como em comunidades do interior. Líderes e pastores pararam no tempo, não se reciclam, não reavaliam nem ampliam suas compreensões, não aprofundam nem mesmo enfrentam os desafios de novas realidades, achando que são “fiéis” somente preservando tradições e heranças denominacionais e fazendo isso sem critérios e respaldo bíblico.

Olham-me somente como contribuinte e mantenedor de seus trabalhos e ministérios personalistas. São insaciáveis me pedindo dinheiro e adesão aos carnês de contribuição. Não consideram minha realidade de pobreza. Sinto-me excluído e explorado.

Esse motivo é o que mais tem produzido baixas e abandonos por parte da comunidade local nos dias de hoje, principalmente em comunidades pentecostais e neopentecostais. As igrejas históricas também estão gostando desse caminho e se amoldando para sobreviver.

Os líderes das instituições atuam focados somente em crescimento quantitativo e parecem viver em eterna competição uns com os outros para a igreja crescer. Sou ignorado e somente lembrado se entro na competição que foi instalada e proposta.

Fico impressionado com a frequência com que a “liderança” é mencionada como o centro das questões controversas. As igrejas, que deveriam ser espaços de convivência democrática, tornaram-se propriedades de famílias e líderes possessivos.

Sinto e vejo claramente que a igreja está inserida e tem características fortes de mercado. De ovelhas passamos a consumidores de produtos religiosos onde somos consumidos e atropelados pela produção e pelo ativismo resultante do mercado.

Vivemos tempos em que o evangelho tem de dar “retorno” ao “investimento”, principalmente em termos de poder, influência e finanças. Seu crescimento tem sido avaliado também nesse caminho equivocado e perigoso.

Que descaso e destrato com minha situação! Se tenho problemas, como as pessoas naturalmente têm, sou alvo de “orações” precipitadas para que as “entidades” malignas saiam de mim. Sou só um ser humano tentando lidar com minha humanidade e enfrentá-la, não um depósito de demônios! Essa postura, confundida com batalha espiritual, me estigmatiza como alguém que impede a igreja de crescer.

Quantas loucuras e abordagens precipitadas temos visto e presenciado no trato da espiritualidade e da fé com as pessoas que chegam e participam de comunidades locais!

A essas declarações poderíamos, sem dúvida, somar muitas outras, em diferentes níveis de confronto, dilema ou estranheza teológica. Você próprio, leitor, deve imaginar ou possuir algumas dezenas de justificativas e explicações para não querer mais ser igreja. Quem sabe você não seja mais um dos que se sentem desinstalados ou desalojados numa comunidade cristã, ainda que desejosos de integrar-se a ela?

Como pastor, aprendi a acolher as pessoas sem julgá-las precipitada ou irresponsavelmente.

Entretanto, o mesmo distanciamento que nos leva ao desencanto com a experiência comunitária em Cristo acaba nos colocando na desconfortável posição de juízes, críticos e atiradores. Passamos a nos enxergar como vítimas, jamais como agentes, como parte daqueles que também feriram e que, de alguma forma, contribuíram para o estado das coisas.

Minha percepção crítica e dinâmica do paradoxo humano-divino da igreja foi favorecida pela minha família nuclear. Minha mãe, sensível, inteligente e com rara capacidade de fazer “leituras” da realidade a sua volta, conseguia conviver dentro da instituição, servir com seus dons e talentos em obras de misericórdia e socorro e envolver-se na obra missionária sem alienar-se das dores de estar na instituição. Ela nos mostrou que a igreja simplesmente espelhava o que víamos na sociedade, sendo falível, imperfeita e suscetível às mesmas incoerências que presenciávamos fora dela. Crescemos convictos de que uma igreja não é uma fortaleza, castelo ou um reduto protetor, mas uma comunidade de doentes, de gente incoerente, imperfeita e cheia de pecados.

Minha mãe foi muito abençoada e cuidada na igreja local. E também viveu tempos de esquecimento e desprezo. Em qualquer situação, entretanto, ela sempre nos lembrava de que a igreja era uma comunidade espiritual que sobreviveria através dos tempos e que a fé, a humanidade e a presença do Espírito Santo eram os combustíveis no processo de transformação das pessoas. Deixar de caminhar na experiência comunitária é somente trocar de lugar ou de grupo social. Também fora dali iríamos nos decepcionar, nos machucar e nos frustrar. Não há como fugir ou se esconder da natureza humana.

Muitos dos depoimentos que selecionei neste capítulo me estimularam a refletir sobre a importância de renovar nossa fé na experiência comunitária de ser igreja. Muitas pessoas que tentaram caminhos mais sensatos do que os da religião sentiam-se como de segunda categoria. É inegável que muitos desses depoimentos são reclamos genuinamente responsáveis, repletos de dor, desconfiança e descrédito, vindos de corações que sinceramente buscam a cura, a paz e a vida em abundância prometidas pelo Mestre, enquanto se relacionam na caminhada cristã com seus irmãos.

Infelizmente, há outros, esgotados, desgostosos dos caminhos de certos líderes, que, com sua crítica e seu ceticismo, tentam “desconstruir” ou diminuir o valor da igreja e suas possibilidades. Tais teólogos conseguem separar a espiritualidade cristã da teologia construída na comunidade. Recompôr esses elementos é urgente, porque, como diz Philip Sheldrake:

Quando a teologia não se relaciona com a espiritualidade, ela “inevitavelmente se torna abstrata, desengajada, racionalista e tende a uma preferência exclusiva pela linguagem filosófica”.^[3]

Alguns passam o tempo destacando a igreja, denunciando-a e renunciando a ela, seja evangélica, seja protestante. Continuam nela, não se desligam dela, pois na maioria das vezes continuam se servindo dela para subsistência e sobrevivência familiar — ou como mantenedora de seus ministérios ou dos produtos que geram em seus trabalhos e projetos. (Nesse aspecto, parece que a instituição divino-humana tão criticada tem trazido alguns benefícios materiais a boa parte de seus críticos.)

Após reproduzir reclamos dos que não se sentem mais parte da igreja, coletei testemunhos de cristãos que ainda hoje desejam ser ou estar em uma comunidade local, seja em sua tradicional encarnação mais institucional, seja em modelos alternativos que se reúnem em casas ou salas de hotéis. Mais uma vez, vários dos depoimentos a seguir serão reconhecidos pelo leitor como ecos das opiniões que ele próprio observa no ambiente religioso de sua cidade. Mas, da mesma forma, ao gerar identificação, esses depoimentos podem nos ajudar a refletir sobre o momento em que vivemos.

Quero viver a experiência comunitária da igreja paraabençoar e serabençoado, enriquecer e ser enriquecido no sentido relacional e familiar.

Descobri que, pela ação do Espírito Santo, já faço parte da igreja. Não há como sair dela de fato.

Tenho uma necessidade interna de me relacionar e de conhecer Deus. Disseram-me que isso aconteceria na igreja ao me integrar a ela.

Preciso construir minha espiritualidade, isto é, buscar uma formação espiritual com raízes, com fundamentos na experiência comunitária, de celebração, comunhão e serviço.

Tenho de construir amizades mais genuínas na compreensão e vivência da fé. Corro o risco, pois sei que as amizades eclesiais podem não ser amizades sinceras e para a vida toda.

Gostaria de ser acolhido como sou, com meus erros e minhas virtudes. O acolhimento e a aceitação são clamores constantes no coração da maioria das pessoas.

Precisamos acolher também as pessoas que vão aceitando Jesus, entendendo o evangelho e se dispondo a servir a Deus.

Preciso de um grupo que tenha bons princípios, valores morais e éticos nos dias de hoje. Ainda tenho uma visão positiva com relação a isso.

É bom compartilhar ideias e sentimentos com gente de mesma fé e que espera as mesmas coisas da experiência de vida, mesmo com heranças diferentes.

Acho produtivo estar com pessoas que tenham uma visão semelhante a minha no que diz respeito a Deus, ao homem, à sociedade e ao próximo.

Temos de desenvolver a fé e a razão existencial de sermos adoradores na experiência pessoal e comunitária. Afinal, a vocação maior que Ele nos deixou foi a de administrar a criação prestando culto na vida e em tudo o que fazemos.

Estou aberto para experimentar a diversidade de influências na construção de minha fé cristã e de meu relacionamento com Deus. Vou me sentir enriquecido com essa diversidade.

Quero ajudar no processo de formação espiritual e emocional dos filhos. Quero rezar ou orar por eles. Entretanto, não quero que se tornem fanáticos religiosos.

Gostaria de aprender na comunhão com os irmãos de fé a lidar com as questões difíceis presentes em minha realidade e na da sociedade como sexualidade, drogas, aborto, ecologia, justiça e ética profissional.

Fazer missões e servir ao próximo com a comunidade. Entendi o meu papel como cristão, com o chamado para servir e trazer transformação onde estou e preciso descobrir os caminhos para isso.

Gostaria de experimentar a implantação do reino de forma comunitária, no serviço e na prática da justiça. Incomoda-me ser omissos ou ausente nesses desafios.

Preciso cuidar de minha vida afetiva. Quero encontrar meu companheiro ou companheira para construir uma família. Tenho essa pressão, essa cobrança interna.

Sou um adulto solteiro. A igreja faz com que eu me sinta parte de uma família, mesmo que não tenha me casado.

Fui educado assim pela minha família, que também era muito religiosa, e não desejo abrir mão desse caminho e dessa tradição. Pretendo passar tudo isso aos meus filhos.

Ao construir uma obra religiosa, quero ficar famoso e ser reconhecido por todos no ambiente religioso (realidade do mundo *gospel* atual e do mercado da fé) construindo uma obra religiosa.

Raramente ouvi algum cristão ou discípulo com uma visão mais próxima de sua vocação, como a descrita por Carlos Queiroz:

O discípulo é feliz por condicionar o seu prazer com o bem. Realiza-se com a vida, quando se percebe cumprindo a sua vocação de existir como ser humano feito à imagem e à semelhança de Deus.^[4]

Creio ser desejável olharmos também *positivamente* as possibilidades de ser igreja. Precisamos olhar com mais esperança a caminhada comunitária. Os que se acham sem-igreja carecem de olhar novamente para bons referenciais e entenderem que de alguma forma fizeram parte de jornadas muito boas, simultaneamente a outras que não foram tão agradáveis. Com base no que tenho ouvido com relativa regularidade, muitos se colocam apenas como *pacientes*, não como *agentes*, das mesmas coisas que não desejam mais ou criticam na igreja.

Temos a tendência de nos fazermos de vítimas, não nos colocando como parte também dos que decepcionaram ou feriram alguém durante a caminhada de ser igreja, na instituição, nos templos ou nas casas. Muitos estão desejando juízo, não misericórdia, para com os que provocaram a dor e o descrédito na igreja. Preciso ter a coragem de olhar para o meu íntimo e perceber que sou potencialmente alguém que pode frustrar e decepcionar os outros, focando somente meu espaço e meu interesse e não considerando o que será melhor para Deus e para o próximo.

Interessante e necessário notar também que muitas pessoas se tornaram avessas a dar continuidade a uma experiência comunitária ou institucional porque foram machucadas principalmente *por gente que dispunha de respeitabilidade no contexto comunitário*, que tinha autoridade reconhecida e que fez uso indevido e descabido dela. Creio que esse tipo de comportamento fere muito mais profundamente, desencorajando muitos, em relação aos que acintosamente exploram a fé e são mais facilmente identificáveis.

Por outro lado, lembro-me do caso de um dos “exploradores da fé”, no bairro de Tatuapé, na cidade de São Paulo, padre de uma pseudo-ordem católica romana que em outra rádio, no mesmo dia, se apresentava como ministro evangélico. Era a mesma pessoa, a mesma cara, a mesma voz, descaradamente. E tinha maior cara dura, até porque havia sempre os que se rendiam a suas mentiras, fazendo parte do “seu” auditório fiel, seja para a missa, seja para o culto. De fato, era mais um caso de polícia de fato do que qualquer outra coisa, mas parecia que os frequentadores de suas reuniões haviam passado por uma lavagem cerebral, negando a realidade.

Muitas vezes, em outros casos, líderes genuinamente reconhecidos por sua vida, integridade e autoridade espiritual, cederam à tentação “da barra de ouro, da barra da saia e da coroa de glória”, como dizia um querido e experiente pastor batista. Muitas vezes machucaram, coagiram, exacerbaram no contexto da igreja ou na experiência comunitária e produziram essas marcas no coração, na mente e nas emoções das pessoas. São profundas cicatrizes que ficaram, e os estragos e as consequências individuais e comunitárias são de grande dimensão.

As marcas da falta de sanidade da igreja são evidentes em diversas direções relacionais comunitárias e institucionais. Uma igreja que vive essa dualidade de produzir muitas vezes saúde, mas que por vezes também adoece pessoas, no trato das coisas relacionadas à fé e a sua prática. Convive-se ora com pessoas mais saudáveis e resolvidas, ora com pessoas doentes e

desestruturadas. Mesmo com essa ambiguidade, Jesus não nos enganou em seu diagnóstico: *somos uma comunidade de enfermos* que precisa da presença, cura e companhia do Médico dos médicos para uma vida de sanidade e integralidade como pessoas e cristãos.

Nossas doenças não curadas ficam expostas em nosso contexto, e outras estão aí para quem quiser ver, expostas na mídia. Alguns que vivem ou viveram na igreja ficaram às vezes piores do que antes, por falta de bons referenciais, de boa mentoria, de bons mestres no ensino e no discipulado; por falta de absorver princípios corretos, princípios que produzissem transformação. Felizmente, encontramos também irmãos corajosos que buscam se tornar pessoas mais sãs e que humildemente procuram absorver e aprender do evangelho. Gente que busca sinceramente a Deus no meio de suas lutas e de seus desertos, mas que às vezes é iludida pelos que misturam a mentira com a verdade.

Mas a esperança é a de que podemos viver a cura e a saúde enquanto tentamos ser comunidade visível aqui na terra, comungando, servindo, celebrando, pois, como escreveu o psicoterapeuta Ricardo Zandrino:

O Deus que é eterno (não sujeito ao tempo) irrompe na história, submete-se ao tempo e faz-se homem em Jesus Cristo. Enfrenta a enfermidade e a morte, destrói o seu poder e cria uma nova expectativa. Existe a possibilidade de vida. A vida inclina-se para a vida de Jesus, que anuncia o tempo de saúde.[\[5\]](#)

Quando nos permitimos acolher a graça, é bom saber que é possível, em qualquer situação, fazer brotar a vida onde antes existiam apenas evidências e sinais de morte, tanto relacionais quanto estruturais, quando se privilegiam a ética e a justiça. Gente que, transformada pelo evangelho, vai trazendo sanidade para onde vive, trabalhando e servindo na sociedade. Sei que alguns dos chamados sem-igreja resistem a essa colocação, pois buscar sanidade é um caminho trabalhoso e árduo. Alguns, envoltos em tanta tristeza, desilusão e descrédito, simplesmente não encontram forças para buscar cura e novos horizontes. Oro para que considerem e busquem o bom vento do Espírito Santo e a força da ressurreição no que sonham e esperam.

Fomos introduzidos na igreja por obra e desejo do Deus trinitário. Creio que não se pode separar o cristão da sua experiência comunitária e vocacional missionária. E, quando falo “igreja”, estou pressupondo as diversas formas que ela assume como comunidade da fé, ou onde as pessoas se reúnem. Num sentido mais próximo, creio que não deveria haver essa separação, porque “igreja” deveria ser expressão comunitária de cristãos para adoração, discipulado, formação espiritual, crescimento, comunhão, serviço e missão. Um ambiente e uma experiência comunitária em que podemos celebrar e repartir o pão, o vinho e a vida. Inclusive quando institucionalmente nos mobilizamos para qualquer ação de serviço ou missão.

Faz-se necessário reconhecer que o conceito de igreja ainda se restringe, na compreensão geral, *a um local de reuniões e muitas vezes na sua forma institucional*, com muitas regras e estruturas fortemente estruturadas. Considero isso pouco e um tanto quanto reducionista, tendo em vista uma realidade mais ampla que ocupa e continuará ocupando tantos corações, em todas as etnias e nações em seu crescimento. Mas não há como negar a realidade dos sem-igreja com suas expectativas, mesmo que essa definição de estar sem igreja tenha diversos sentidos, alguns deles bastante racionais e objetivos em suas explicações e justificativas, e outros mais emocionais e confusos.

Os sem-igreja surgem aqui e ali; talvez seja a tribo que mais cresce atualmente nas grandes metrópoles, gente de uma categoria nem tão nova, de uma realidade que se apresenta o tempo todo em diversas formas. Gente que desistiu de comungar, de frequentar cultos fortemente litúrgicos ou reuniões de adoração e expressão comunitária em templos. Gente que não quer mais viver na

forma estrutural, institucional e fortemente religiosa; é gente também que optou por caminhar em alguns grupos pequenos em casas, escolas, hotéis, clubes, multiplicando-se, aqui e ali, e que prioriza esse caminho ou esse “jeito de ser e existir”.

Muitos desse grupo dos sem-igreja, se podemos assim chamar, alimentam-se hoje do que se passa na “igreja webiana”, cibernética, televisiva ou radiofônica. Outros interagem somente em reflexões ou escritos teológicos produzidos em espaços acadêmicos, que recheiam nossas livrarias e bibliotecas. Nada de errado em pensar, questionar e refletir, mas, se esse é o caminho único escolhido para abastecer a espiritualidade e a fé, ele será quase sempre inadequado e incompleto. Esses caminhos são opções reais com muitos adeptos, caminhos em que muitos estacionam e até se sustentam. Em alguns casos, esses chamados sem-igreja são alimentados e estimulados pelos que estão no mercado da fé ou de serviços religiosos.

Os sem-igreja de hoje já passaram por modismos e modelos que se instalaram por aqui, sejam eles fundamentalistas, liberais, de igrejas reformadas ou pentecostais, todas elas com heranças e ênfases diversas em organização, adoração, discipulado e até com foco missionário. Gente que passou por modelos como G12, em que havia a Rede Ministerial e Propósitos, gente até da recente “igreja orgânica”. Alguns dentro e fora do Brasil vivem de modelo em modelo, aguardando novidades, modelos esses que acrescentam ou esvaziam, minimizam os significados de ser igreja. Os sem-igreja cada vez mais se esgotam ou se decepcionam com as propostas desses modelos, tratados na maioria das vezes como segredos que não foram descobertos ou vivenciados, ou mesmo abandonados.

Os sem-igreja redescobrem a cada mudança ou tentativa que existe em cada um deles um elemento que sempre os acompanha e que não larga de seus pés: *a sua própria humanidade!* Está aí! Esse é um ponto que nos acompanha neste livro: nossa humanidade, com suas virtudes, limitações, contradições e pecados, reflexo de uma natureza caída, humanidade distorcida e complexa, que teima em se apresentar e se manifestar continuamente.

Quais são as causas que têm feito os irmãos desistirem de ser igreja ou de estarem nela?

Destacamos a seguir alguns pontos nesse emaranhado de opiniões e percepções que muitos dos chamados sem-igreja têm, fruto de suas experiências e de sua caminhada. São pontos e causas com os quais mais frequentemente me deparo e vejo; algumas dessas causas são citadas em muitos trabalhos de pesquisa nos seminários.

A. Desencanto com a estrutura institucional e eclesiástica

O desencanto sentido, que vem no bojo de uma herança cultural e inclusive religiosa, recheada de consequências de uma realidade capitalista que herdamos com a globalização, muitas vezes sem ética, cuidado ou preocupação com o bem comum ou com o outro. A combinação de uma elite reinante desde a revolução de 1964, mais o clero religioso católico e depois protestante, alicerce de uma igreja “ritualista e vazia, e com tráfico de influências”,^[6] trouxe sequelas enormes nos últimos cinquenta anos. O poder social e político, misturado com o poder espiritual, se tornou ingrediente inclusive da teologia da prosperidade, difundida por Kenneth Hagin.

Creio que a ação e a prática pastorais têm sido conduzidas de acordo com muitas mudanças, intencionais ou não, de diretrizes e estruturas que vão centralizando cada vez mais na instituição o poder de decisão e condução do que deve ser feito e realizado. Isso reflete uma agenda nem sempre centrada na essência, natureza e missão da igreja e da comunidade da fé. Ela tende a

reproduzir o modelo engessado e sem grande mobilidade, se acomodando aos padrões vigentes da sociedade, envolta num consumo desenfreado. A pessoa e o ministério do pastor local passaram a ser mais vigiados e controlados pelos mecanismos que a instituição vai criando e aprimorando. Como sempre, a luta pelo poder e controle.

O líder, ou quem deseja se associar à instituição, passou a se submeter ao tipo de controle muitas vezes arbitrário da estrutura a que estava ligado. É convidado, levado e impelido a aderir ao jogo de poder que a instituição está propondo, caminho necessário para sobreviver nela, tornando-se um elemento orgânico desfocado e uma peça da engrenagem institucional. A relação da ovelha com o pastor ou líder se torna uma visão hierarquizada e sufocante.

Sou daqueles pastores que já sugeri em muitos seminários, nos quais lecionei, que se colocasse na grade curricular uma matéria específica e obrigatória, que teria o nome de “como fazer política para sobreviver em uma instituição”, matéria essa que ajudaria a enxergar os interesses, nem sempre corretos dela, além de seus limites e contradições, como tentar sobreviver nela, combinando vocação e carreira *etc.* Seminaristas de várias denominações diriam ou confirmariam isso em seus primeiros anos de atuação, pois vivem sob essa pressão de construir seu caminho ministerial. É impressionante como encontramos pessoas que transitam e ocupam cargos quase *adperpetuam* nas estruturas eclesiais quando indicados para tais.

São estruturas geradas por convenções, concílios, presbitérios ou sínodos, planejadas em estatutos inflexíveis, e que algumas vezes, em vez de se tornarem *facilitadores* para a obra e atuação cooperativa e comunitária tanto para o trabalho missionário como para o crescimento em comunhão da igreja, tornam-se obstáculos, quando engessadas, e vão invariavelmente perdendo o foco do serviço ao evangelho a que se propuseram. Igualmente, as igrejas chamadas independentes, livres ou autônomas, sem ligação com ninguém, não estão isentas, pois correm riscos semelhantes e tornam-se às vezes até mais legalistas e personalistas.

Reconheço também que a instituição não tem levado em conta a realidade urbana na qual a igreja está inserida, em que a migração das pessoas para as cidades é algo comum e frequente. Mas o desencanto é contínuo, tanto nas realidades rurais como nas realidades fortemente urbanas. A instituição alimentada por lideranças inseguras e com sede de poder gera e fomenta um solo propício ao desencanto, à decepção e à exploração de pessoas, muitas delas com capacidade para olhar e agir de forma a contribuir para o crescimento orgânico, mas que não conseguem, e só alimentam a instituição em sua superficialidade.

B. Grande desilusão com a liderança que usa a religião para controlar

Esse assunto é tema de muitos escritos e livros. A meu ver, essa liderança precisa, “mais do que ninguém, entender como a sua visão e os seus objetivos deveriam satisfazer os interesses de Deus”.^[7] Interesses esses que buscam a expansão do reino e sua justiça. Esses líderes deveriam estar alinhados com a cultura e valores do reino ensinados por Jesus, registrados em Mateus 5—7, no conhecido Sermão do Monte. Essa liderança deveria entender que existe para servir e ser referencial de integridade e serviço, não para ser danosa à igreja ou à religião. Autoritarismo, personalismo, espírito coronelista (no Brasil é impressionante essa característica), dificuldade relacional e de doação ao próximo, alienação da realidade da vida cotidiana — são algumas características dessa liderança, que trazem péssimas consequências.

Lembro-me de John Stott falando, anos atrás, no encontro da Visão Nacional de Evangelização (Vinde) sobre a ação e a atuação equivocada dos pastores e líderes quando presentes na instituição, dizendo que estava certo de que existia muita autocracia nos líderes da comunidade cristã, em oposição ao ensino de Jesus, e que isso se refletia em ausência de amor, misericórdia e

bondade. Ele usou o termo *papado*, inclusive, mostrando que, em seu comportamento, muitos líderes agem de fato como se não acreditassem no sacerdócio de todos os crentes, mas sim em uma forma de papado de todos os pastores, denunciando e deixando exposto que nosso modelo de liderança é frequentemente modelado mais pela cultura do que por Cristo. Creio que isso é realidade até mesmo aqui.

Esse modelo que se espelha na cultura e que a tem como referencial — que vem perigosamente desfocado de uma autoridade genuína espiritual bem conduzida, isto é, que chega com uma autoridade da qual não se pode discordar, com a qual não se pode dialogar, uma autoridade que não se pode questionar — vai adquirindo uma forma inequívoca de abuso de poder, e de forma crescente, em nossa realidade. Aqui, o poder só é considerado ou exercido no sentido de mandar e dominar pessoas, rebanhos e instituições. Não se trata de um poder que serve às pessoas que estão sendo lideradas, enquanto cumprem sua missão e seu ministério, ou mesmo um poder que conduz pessoas e suas necessidades, habilitando-as para toda boa obra.

Esses líderes se comportam como autoridades que oprimem, como autocratas da fé, e, indevidamente, se colocam na prática de suas atribuições como os donos do rebanho e da igreja. São controladores que desejam saber de tudo o que acontece no ambiente dos trabalhos e eventos da comunidade, seja nas casas e nos lares das pessoas, ou em outros encontros mais informais. Alguns o fazem às vezes de forma inconsciente, mas na grande maioria das vezes isso se dá de forma consciente, atropelando, desrespeitando e esmagando as pessoas e seus relacionamentos, desconsiderando suas reflexões, avaliações e percepções.

Os sem-igreja representam também alguns dos que foram manipulados por muitos desses líderes. Infelizmente eles se permitiram controlar, e foram aprisionados em sua maneira de pensar e agir na sua caminhada eclesial. Líderes que fazem uso indevido da Palavra e têm interpretações errôneas quanto à autoridade espiritual a fim de manipular sem piedade, empatia ou sentimento de culpa. Líderes que não permitem ou aceitam avaliações sobre sua espiritualidade distorcida, exercendo sua influência sobre as pessoas, reivindicando a adesão aos seus projetos e sonhos, como se fossem o próprio Deus aqui na terra.

Esses líderes, além de não permitirem o livre curso de ideias, perseguem sem restrição aqueles que os questionam em suas práticas, pessoas que não engolem as coisas sem arguir e que desejam pensar a fé. Gente que não anda somente com a intuição e as emoções. Isso é justamente o contrário do que fala o anglicano e expositor bíblico Stott, em seu célebre e consagrado livro *Crer é também pensar*, que ajudou uma geração e ainda nos ajuda a fortalecermos nossa fé ouvindo, lendo, refletindo, dialogando, retendo o que é bom, crendo no Espírito que nos conduz a toda a verdade, desejando que ele seja Senhor de nossa mente, prestando, em nosso estilo de vida, sempre um culto racional.

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.

Romanos 12.1-2, RA

E como isso é verdade em nossa realidade! Além disso, muitos líderes são colocados precipitadamente pela organização nas lideranças de comunidades locais e nas instituições sociais, missionárias e eclesiais. Muitos não têm experiência, não têm prática ou qualificações de caráter; são pessoas sem o preparo mínimo quanto ao cultivo da espiritualidade e da cultura teológica. E não me refiro apenas ao preparo em instituições teológicas, mas ao preparo na própria igreja e na comunidade local, onde a teologia ganha seus contornos e sua profundidade. Reconheço limitações econômicas em alguns casos, reconheço a carência em muitas regiões do

país, algo que dificulta a formação de líderes capacitados e reconhecidos.

Esse é um pano de fundo facilitador para o surgimento constante dos *voluntários* ou indicados para “tocar a obra ou a estrutura”, para manter o *status* do que foi alcançado. Poucos são os que foram capacitados na própria experiência da comunidade local com relacionamentos saudáveis, boa mentoria, discipulado dinâmico, presente e contínuo. Esse cenário gera quase sempre um ambiente propício para ferir, decepcionar e frustrar as pessoas. Os sem-igreja estão surgindo desse segmento e aumentam rapidamente em número.

Vale ressaltar que nem tudo é sombra. É verdade que felizmente encontramos pessoas em muitos lugares de nosso país que servem na liderança e na administração de estruturas eclesiais, missionárias e sociais de forma altruísta, que entenderam a responsabilidade e a liberdade com que foram criadas em Cristo, uma liberdade cristã proposta a todos. Usam seu serviço, vida e dons para contribuir para o crescimento da obra e dos outros, servindo ao Senhor e ao próximo com alegria e dedicação. Assim, essas pessoas auxiliam na edificação da igreja, pois não aderiram ao mercado. No entanto, muitas vezes elas se encontram cada vez mais escondidas e são colocadas de lado, por não absorverem um discurso religioso que aliena e que não produz transformação e compromisso com as pessoas.

C. Grande desconfiança com relação àqueles que enriqueceram no ministério ou dentro da estrutura eclesial

Essa é uma tentação contínua e das maiores. Nenhum segmento está fora dessa realidade, tanto denominações históricas como também pentecostais e neopentecostais. Igrejas independentes são fortemente tentadas a seguir o mesmo caminho. Quando você encontra um líder, uma igreja ou uma grande estrutura religiosa que não presta contas de forma mais transparente possível à sociedade e às ovelhas que dizem servir e cuidar, nem permite que as contas da igreja e da estrutura religiosa onde serve sejam examinadas e até auditadas, tome cuidado preventivamente.

Os oportunistas, de olho na fé e na sinceridade da comunidade religiosa de tantos e tantos carentes, percebem essa situação e vão trilhando esse caminho reprovável, que se tornou interessante e lucrativo. Isso é ainda mais gritante em realidades sociais de forte desemprego e miséria. Isso traz descrédito contínuo ao evangelho, e dá-se a exploração desenfreada e sem medida aos que congregam em uma igreja. Trata-se de um caminho irresistível de manipulação, trilhado por mal-intencionados que normalmente têm forte carisma.

Hoje, de forma escancarada, alguns estão mais ousados, “obrigando”, aos berros, que Deus restitua ou determine o que ele (dizem cinicamente) teria de dar. Gente sem nenhum temor ou respeito ao Deus das Escrituras. É preciso muito cuidado para discernir os que continuam enganando com a embromação da chamada teologia da prosperidade, altamente humana, pseudoespiritual e distorcida do evangelho. Com poucos e raros valores éticos, é uma prosperidade que se tornou um guarda-chuva sob o qual muitos se escondem, o que permite a exploração da fé e da pessoa. Exploração de pessoas sinceras e humildes que, em suas dores e falta de perspectiva de vida, buscam Deus.

Muitos se enriquecem indevidamente, buscando somente a fama e o sucesso que não encontraram em outras atividades profissionais. Com sua influência, tentam, além de manipular as pessoas que chegam aos montes a suas comunidades com clamores sinceros, com gritos e dores reais em seu cotidiano e esperando qualquer tipo de ajuda para terem dias melhores. Quase sempre esses líderes passam suas “conquistas” a familiares, reproduzindo o nepotismo que vemos constantemente na vida política do país.

Muitos outros provocam indignação em todos que ouvem ou vêem suas manipulações acintosas e

descabidas, indignação que muitos dos que caminham junto a eles também sentem. Essas pessoas contam com o silêncio e a omissão de outros que, mesmo vendo suas manipulações, não denunciam ou protestam; eles não têm a coragem de se indispor com esses líderes, pois talvez usufruam de algo posteriormente da mesma instituição.

D. Mudanças e transformações de realidade de vida das pessoas

Muitas pessoas que deixaram a igreja ou não a desejam mais tomaram essa decisão de maneira abrupta; outras o fizeram paulatinamente. Fizeram esse movimento por causa das mudanças de suas realidades de vida cotidiana, já que a vida na maioria das vezes não é linear. Em nossa realidade brasileira, com tantas situações novas a cada ano, vemos essa mudança em relação à vida de cada família. A realidade estressante em que vivemos nas grandes metrópoles, buscando sobreviver, o que nos leva a considerar e a observar essa causa. E ela interfere na espiritualidade que cada um tenta cultivar.

Esse fator chama a atenção ou ganha destaque neste sentido, porque pode ou não estar relacionado à igreja ou à experiência vivida nela. Muitas circunstâncias contribuem para isso e, na vida das pessoas, resultam em um afastamento ou abandono da igreja. Há pessoas ou famílias que mudam de cidade; jovens ou profissionais que buscam formação profissional em novas realidades; profissionais que se transferem ou são transferidos em seus trabalhos — e o resultado é que os vínculos se rompem. O estresse do excesso de trabalho e a afirmação profissional têm reduzido o tempo das pessoas, inclusive para descanso e lazer. Jovens profissionais são sugados em seu emprego, trabalhando pelas madrugadas afóra e nos finais de semana.

Várias situações fazem com que as pessoas abandonem a comunidade: separação (divórcio); casais novos que vivem a chegada dos filhos; a morte de algum familiar, que tira o chão das pessoas e as leva a uma reestruturação pessoal; irmãos que passam por algum processo de disciplina, depressão e síndrome de pânico; decepção com alguns membros da igreja; as pessoas paulatinamente deixarem a comunidade, e muitos outros exemplos. Somam-se a essas questões uma frustração de relacionamento com algum membro da igreja local, a má conduta em alguma área da vida de certas pessoas ou líderes, que encontra rejeição imediata.

Por parte das lideranças eclesiais, o que se vê continuamente é um ufanismo pelos que chegam ou participam de seus eventos e de suas programações; ao mesmo tempo, eles não se dão conta de que muitos também vão deixando de congregar e estar na comunidade. O excesso de solicitações na dinâmica cotidiana das igrejas oculta a omissão no trato com as pessoas, seus problemas e suas necessidades. Diante dessas realidades, a liderança de comunidades locais não tem condições de evitar esse movimento, fluxo de saída e a debandada de irmãos e pessoas que as procuram ou frequentam.

As pessoas estão tão absorvidas por suas demandas e responsabilidades contínuas, profissionais e familiares que deixam de notar o outro ou a ausência de muitos em seus ajuntamentos ou ministérios. E cada vez menos vemos ministérios locais focados em dar um acompanhamento e direção pastoral a pessoas que procuraram participar da comunidade. É verdade também que muitos não estão dando ou separando tempo para isso, pois há a luta e o desafio de sobrevivência diária daqueles com vocação pastoral reconhecida, que dividem o seu tempo com outra atividade profissional.

E. Forte receio em construir novos relacionamentos

A religião ou o desenvolvimento da fé tem sempre um forte componente e uma proposta relacional no cultivo de sua espiritualidade. Relação com Deus, com você mesmo, com a comunidade e com

o próximo. É claramente um caminho árduo, contínuo e que requer disposição, paciência, perseverança e doação. Ainda mais num contexto de estresse na vida moderna, em que acabamos buscando ou desejando um pouco de isolamento. O cultivo da espiritualidade às vezes nos leva ao distanciamento de gente,

a buscar lugares onde encontramos condições de silêncio, de calma e de paz, adequados para a interiorização: centros de encontro, mosteiros, *spas* de medicina integral.[8]

Começamos a perder a dimensão e a possibilidade de que encontramos profundos recursos onde a conexão com outro se estabelece, isto é,

esse profundo encontro em que a porção mais verdadeira da alma de uma delas toca os recantos vazios da outra e ali encontra algo, infundindo-lhe vida.[9]

Nessa tentativa de conexão e relacionamento nas igrejas, correspondemos ou decepçamos, realizamos ou frustramos, construímos ou interrompemos relacionamentos, e estamos sempre vivendo a possibilidade de rompimentos e de crises. Muitos vão ficando calejados e desistem de investir nessa direção com tempo de qualidade. Mas qualquer tentativa de ser igreja, mais próxima de suas bases e de sua essência de natureza espiritual, envolve invariavelmente sair da zona de conforto, principalmente quando estamos buscando agradar o coração de Deus e gerar vida para o bem comum.

Além disso, precisamos entender que ser “família da fé” traz as mesmas implicações de uma dinâmica que temos na família nuclear. Vivemos em uma comunidade de pecadores que não acerta sempre, o que deveria nos ajudar a perceber quem de fato somos em nossas limitações e possibilidades. Não podemos perder a característica da pessoalidade nem deixar, simultaneamente, a construção de novas amizades. Neste sentido, constato que megagregas levam desvantagens nesse item. Isso produz mais facilmente gente que procura se esconder ou passar despercebida e onde pessoas entram e saem de ajuntamentos sem nem sequer serem notadas. Pessoas que se permitem ser atropeladas pela multidão, que ficam esquecidas, sem identidade, sem voz alguma no meio da “massa”.

Mas, para ser mais justo, não é a única realidade a correr esse risco. Cada tipo de igreja ou expressão eclesial tem seus desafios relacionais, com virtudes e defeitos. Sendo grandes, médias ou pequenas igrejas. Se não entendermos e considerarmos isso, uma nova safra maior de crentes em constante depressão espiritual surgirá, engordando e aumentando a tribo dos sem-igreja. É interessante perceber que muitos dos chamados sem-igreja, quase ao mesmo tempo que rejeitam e não estimulam mais a vivência da fé comunitária, também alimentam silenciosamente o desejo de pertencer a algum grupo. Essa percepção é contraditória, mas real.

F. Fuga intensa para reuniões nas casas, a pós-moderna “terra prometida” ou Shangrilá

Por trás desse quadro, um desejo de viver ou de ter as mesmas sensações e realidades da igreja do primeiro século, uma realidade menos funcional e mais orgânica. Muita gente abandona a igreja institucional e organizada, considerada uma má herança da época de Constantino a partir do quarto século. Alguns agora concentram seus esforços, sustento, díizimos e ofertas em obras sociais ou missionárias, mas de uma maneira mais informal. Muitos são sinceros nessa forma, outros o fazem quase como um protesto, outros ainda por acharem que somente assim sobreviverão. Oram, estudam a Bíblia, ceiam juntos, compartilham e interagem, tudo de uma forma mais leve e informal. Dentre eles, em num momento de fraqueza, alguns “dão uma

escapadinha” de vez em quando para uma igreja mais estruturada, assistindo a algum pregador, pastor ou conferencista que admiram ou acompanham. Nem sempre fazem missão, e alguns até negligenciam, acomodados em grupos pequenos.

Hoje em dia eles são muitos, junto com cristãos “usuários”, sem o desejo de ter qualquer compromisso explícito, pois não querem se desgastar com as estruturas que entendem ultrapassadas, arcaicas, rígidas e, em alguns casos, até hipócritas em termos denominacionais. A hipocrisia denota uma discrepância entre a profissão de fé das pessoas e o fato de realmente terem essa fé. Envolto nas tradições recebidas, existe sempre o perigo da hipocrisia e de outros pecados ou distorções terem lugar para se instalarem.

As tradições desenvolvidas pelos homens, independentemente de quão sagradas pareçam, contêm as sementes da hipocrisia. Podem perder seus significados quando se tornam automáticas, mecânicas e não denotam mais intimidade com Deus.[10]

Olhando um pouco da história, a questão da instituição e da estratificação da religião ou do cristianismo foi sendo enfrentada nem sempre por caminhos adequados. Em uma época em que havia apenas uma igreja oficial, surgem os denominados e conhecidos na história de “Irmãos”. Eles foram cuidadosos em sua caminhada inicial, procurando não entrar em conflito com a forte e rígida estrutura romana ou enfraquecê-la. Começaram a se reunir informalmente em casas, já que era o caminho e a opção mais natural para a fé ser cultivada e preservada em meio à força política religiosa e presença institucional.

Percebendo a centralização da ação religiosa como uma estrutura de controle e poder sobre o povo, eles buscaram, sempre com discernimento, não provocar alguma cisão ou divisão dentro desse quadro fortemente religioso, tendo como pano de fundo, obviamente, a opressão da Igreja Católica Romana. Os chamados “irmãos” eram seguidores dos conhecidos pré-reformadores, como o teólogo inglês John Wycliffe, nascido em Hipswell, que teve a oportunidade de estudar e lecionar em Oxford. Naquela época ele se esforçou para dar ao povo a primeira tradução inglesa da Bíblia, que se tornou referencial para tantos. Ele influenciou fortemente a maneira de pensar de Jan Hus, que divulgou suas ideias na Boêmia (atual República Checa), lecionando também em Praga.

Hus morreu queimado em 1415 por não negar seus escritos e convicções.[11] Ele contava com forte apoio popular em seu trabalho, pois desejava mudanças. Foi Wycliffe, na compreensão de muitos historiadores, um dos precursores das reformas religiosas mais abrangentes ocorridas na Europa. Talvez um dos mais reconhecidos e relevantes precursores, junto com Jan Hus e também Wessel Gansdorf, outro erudito que dominava o grego, o hebraico, o caldeu e o árabe, e que criticou tremenda e continuamente a autoridade papal, as indulgências e a doutrina do purgatório. Naquela realidade, eles foram úteis e importantes para o crescimento da igreja em vários aspectos.

Na opinião de alguns, os reformadores confundiram ainda o sentido da *igreja-ekklesia*, igreja chamada de dentro para fora no serviço e missão, o que Emil Brunner, teólogo ligado à Igreja Reformada da Suíça, chamou de “equívoco” — isto é, confundir instituição com igreja.[12] Portanto, séculos antes da Reforma de Lutero, os denominados “irmãos” tentavam outros caminhos ou expressões de igreja, entendendo que as formas poderiam ser muitas: já prestavam culto e faziam suas reuniões e celebrações no campo, algumas vezes escondidos nas aldeias, e quase sempre em regiões mais distantes do burburinho e do movimento dos grandes centros.

O próprio reformador Martinho Lutero, de forte herança agostiniana, repetindo os erros cometidos pela Igreja Católica Romana, chegou a perseguir esses movimentos comunitários mais informais de cultivo da fé e práticas evangelísticas realizadas pelos denominados “irmãos”.

Muitos informalmente, no processo da caminhada no evangelho, iam construindo suas convicções, isto é, fazendo de certa forma *teologia* e fortalecendo suas bases de fé, já que estudavam disciplinada e constantemente as Escrituras. Além disso, eram encorajadores, cuidadosos, zelosos, incansáveis na promoção e facilitação da comunhão e da espiritualidade, ao realizarem experiências consideradas edificantes e sublimes, amplas e consistentes em devoção, e propunham compromissos, como, por exemplo, o batismo nas águas e os testemunhos públicos de novos convertidos.

Eles já viviam os desafios de uma área que se tornou relevante na história da igreja em épocas diferentes: a área da liderança e todas as suas implicações, na forma de ser e viver. Arriscavam-se e constituíam uma forma de presbitério e liderança e se reuniam para celebrar e tomar a ceia do Senhor, além de buscarem juntos uma maior intimidade com Deus. Os “irmãos” foram chamados posteriormente de menonitas, seguidores do ex-padre holandês Menno Simons (1496-1561), que defendeu a doutrina trinitária tradicional. Ficaram conhecidos também como anabatistas pelos seguidores de Lutero, pois tinham rompido com o reformador protestante Zwinglio e estavam crescendo muito na Suíça. Com um crescimento quase inevitável, ficaram conhecidos posteriormente como moravianos, quando migraram e fixaram residência na Morávia.

Constatamos também que grandes denominações, como a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã e a Igreja Batista estão na linhagem e pano de fundo da caminhada dos “irmãos”. Alguns historiadores não concordam em tudo ao descrever esse caminho ou essa associação, mas a história pode ser lida e contada de vários ângulos. A Reforma difundida por Lutero, num entendimento diferente de alguns, não gerou a existência dessas denominações, porque a linha de renovação e prática dos “irmãos” passavam com certa distância da realidade que era vivenciada pelos luteranos e presbiterianos.

Quando a Reforma começou a se instalar e a ganhar dimensões maiores, havia na Europa cerca de centenas de grupos de “irmãos” reunindo-se como fraternidade e comunidade em suas casas. Eram novos e necessários ventos diante da rigidez das igrejas fortemente organizadas e engessadas. Era um caminho quase natural de ajuntamento dos novos crentes para sobreviver e nutrir a fé. Alguns outros grupos preferiam não assumir com visibilidade qualquer rótulo ou identificação. Nessa caminhada, é clara a dificuldade de se ter ou buscar uma unidade em convicções semelhantes na instituição, desafio que permanece até hoje em qualquer segmento religioso, no Brasil ou fora dele.

Desde então, cresce a ideia de melhores possibilidades de experimentar o evangelho em grupos menores, diante do desconforto da rejeição e perseguição em alguns momentos da caminhada da igreja. Essa opção de ajuntamento se apresenta ciclicamente na história da igreja. Parece que a casa ou o grupo pequeno, na linguagem da igreja contemporânea, reflete uma compreensão (ingênua até certo ponto) de muitos chamados sem-igreja e também dos que ainda estão nela institucionalmente já desejando migrar para um ambiente e uma realidade menor e mais informal. Tornou-se inclusive rota de fuga de grandes igrejas quando não conseguem proporcionar ou viabilizar o caminho da comunhão e da integração.

A ideia sugerida é a de que a casa ou o grupo pequeno necessariamente significa terreno e ambiente neutro para o cultivo da fé e da comunhão, onde não ocorreriam desgastes, decepções, problemas, discussões e brigas. Como se ficassem livres de experimentar igualmente a ação de lideranças autoritárias e manipuladoras em contextos menores ou caseiros. É por isso que encontramos nas últimas décadas no Brasil essa ênfase à exaustão. Essa compreensão é seguramente ingênua, incompleta e não realista em qualquer contexto onde os grupos pequenos crescem. Já proliferaram inclusive ministérios para administrar o crescimento dos grupos pequenos

e seus problemas.

Os adeptos dessa compreensão, desse modelo ou modismo recente que chegou ocupando espaço entre os evangélicos na América e no Brasil são chamados de “orgânicos”. Eles tentam recuperar essa dimensão mais informal e integradora, quase canonizando-a em sua prática, reduzindo a questão como o único caminho possível para vivenciar experiências profundas e genuínas do evangelho. Destacam que a instituição necessariamente não propicia a visão de sermos comunidade e povo, organismo vivo, tampouco o exercício dos dons e o cumprimento da missão de fazer discípulos.

A meu ver, ainda que tenham bons questionamentos, façam boas observações e apresentem constatações históricas pertinentes, correm o perigo de incutir nas pessoas posicionamentos extremados ao colocar Deus também numa caixinha, o que eu imagino que não se desejava ou se buscava inicialmente. Deus não pode ou não atuaria mais por meio de uma instituição, como se ela somente tivesse gerado traumas e desvirtuamentos através da história. Em alguns casos eles exorcizam fortemente qualquer forma de instituição ou reagem contra ela. Não percebem ou não se dão conta de que, quando se reúnem — mesmo informalmente em algum dia, local e hora definidos e com uma liderança também informal em um grupo pequeno —, acabam trazendo algumas características da instituição que quase sempre desejam negar ou da qual querem se afastar.

Os proclamadores ou divulgadores do movimento chamado “igreja orgânica” reproduzem um pouco, na experiência contemporânea, o que os “irmãos” viviam ou tentaram viver fora do sistema religioso da época, igualmente refratário ao então considerado novo sistema religioso proposto pelo reformador Lutero. Isso explica em parte por que foram alvos na época de perseguição e intolerância em muitos momentos.

No Brasil, o movimento em casas aumentou muito há décadas e é ainda uma forte tendência em igrejas e denominações. A insatisfação com a estrutura eclesial da igreja destes dias é tão forte que é mola propulsora constante e coloca sempre mais lenha na fogueira, fazendo que muitos irmãos passem a se reunir em casas para cultuar a Deus e estudar a Palavra. De minha parte, compreendo a intenção, é um caminho saudável, mas não é o único.

É verdade que isso ocorre simultaneamente nas igrejas que se acomodam e sonham os seus projetos de serem megaigrejas, numa visão única ou macro de crescimento de igreja, isto é, em termos numéricos e com mais recursos. Fazendo contraponto, aqui e ali vão surgindo igrejas com menor estrutura organizacional ou quase nenhuma, que se reúnem para a comunhão, adoração e pregação da Palavra de Deus, buscando uma alternativa menos estressante, fugindo da agenda e do ativismo normalmente instalado em estruturas maiores que acabam sangrando e desgastando muito as pessoas.

Essas pessoas são assertivas em suas declarações e em seus pensamentos. Estão focadas em uma direção que se opõe a uma realidade estrutural ou a um sistema. Frank Viola escreve:

A igreja institucional é um sistema - um jeito de vivenciar a experiência de ser igreja. Ela não é povo, não é conjunto das pessoas que constituem a comunidade.^[13]

Porém, em meu entendimento, nem o grupo pequeno interage corretamente, produzindo sempre vida ou comunhão profunda em sólidos e sinceros relacionamentos. Ministérios e missões acabam muitas vezes sendo negligenciados. Participo de grupos pequenos há 25 anos e encontro questões igualmente desafiadoras nos ajuntamentos maiores, pelos quais buscamos soluções.

O próprio conceito de “comunidade” varia de cultura para cultura e quanto a suas formas de organização. Ser comunidade no Canadá, em Guiné-Bissau ou na Indonésia é diferente de ser

comunidade no Chile, na Polônia ou no Brasil e em grupos étnicos diferentes à luz de cada história. Existe muito ajuntamento-comunidade, por exemplo, que não é ajuntamento comunitário, ou com “senso” comunitário, onde se partilha o pão, a casa, as lutas, o trabalho e a vida. Isso significa que nem sempre seus integrantes se misturam ou interagem com profundidade mesmo estando reunidos, e que cada um vai se virando para cuidar de suas coisas e dos seus.

Ser comunidade na África do Sul — onde a intolerância e a divisão racial eram tão evidentes e gritantes — acabou gerando um tipo de ser comunidade diferente. No Brasil, por exemplo, comunidades com forte presença negra em regiões mais simples geram relações comunitárias distintas e uma construção de uma espiritualidade com outras prioridades, devido ao pano de fundo da marginalização e à busca pela sobrevivência. Marco Davi de Oliveira, pastor e coordenador da organização não governamental Simeão, o Níger, escreve que

[...] a espiritualidade dos negros no Brasil está, ainda hoje, baseada numa luta diária por sobrevivência. A maior parte dela vive na pobreza e na escassez. Viver a espiritualidade em circunstâncias adversas conduz a pessoa à possibilidade da total confiança no Deus que controla todas as coisas [...].[\[14\]](#)

Esquece-se de que todo corpo ou comunidade tem a necessidade de ter estruturas relacionais que sistematizam informal e naturalmente sua interação e funcionamento e que nem sempre há a possibilidade de viver a experiência comunitária em um grau de profundidade e de forma linear ao que se propõe. A própria comunidade ou igreja precisa de estímulo para ser o que poderia e o que potencialmente deveria ser. A vida em sociedade não é sempre assim, manifestando profundidade, sabor e beleza em seu cotidiano; a família não é assim também; e uma igreja provavelmente não o seria, nem na perspectiva ou tentativa de ser apenas corpo orgânico.

Agrega-se ao segmento dos chamados sem-igreja ainda o fato de hoje existir uma forte resistência a qualquer forma em que se apresente ou se represente o conceito de autoridade espiritual ou liderança formal constituída e reconhecida, onde exista a necessidade de uma submissão e relacionamento de confiança. Às vezes, os relacionamentos com regras ou sem regras, tornam-se um fardo em um terreno no qual a respeitabilidade mútua deveria ser vivenciada com atitudes claras, honestas, revestidas de humildade, principalmente por parte dos seus líderes. Os exemplos históricos, recentes ou não, são muitas vezes desestimulantes, tendo em vista a questão da autoridade, principalmente pelas exacerbações para o controle e desmandos no exercício do poder que são atribuídos a ela.

Acompanho hoje um movimento no nordeste brasileiro com uma direção e dimensão proposta de vivenciar a experiência comunitária nos lares. Esse movimento representa bons ventos e esperança para aquela realidade. Seus participantes são sinceros e focados no que buscam e acolhem gente nova na fé. Porém, não participam apenas os novos na fé, mas também pessoas já experimentadas e gente com quilometragem rodada dentro da igreja protestante, gente de diversas igrejas locais. Como já disse anteriormente, algumas dessas reuniões chamadas informais trazem para dentro dos lares um pouco da mesma estrutura ou da liturgia dos cultos em templos: há testemunhos, compartilhamento, orações, música, celebração da ceia, exposição ou reflexão bíblica.

Assim, não há nada de novo. Trata-se apenas de algo mais informal, ou liturgicamente informal em muitos casos. E é claro que isso não invalida sua caminhada e sua dinâmica. Pelo contrário, não se deve usar essa opção como decisão e como o único caminho possível. É de certa forma muito romântico e ingênuo pensarmos dessa maneira, entretanto é um caminho bom que tem sido experimentado.

Reconheço que também há outras possibilidades que são consideradas e desejadas por muitos

cristãos, na contramão do que tem acontecido, em vista de suas histórias e olhando a caminhada de Jesus. Há o exemplo de Bruce Main, presidente da Urban Promise, que trabalha com adolescentes e crianças buscando caminhos diante de necessidades espirituais, educacionais e sociais. Ele sugere observar e considerar Jesus como aquele que trilhou um caminho pouco convencional, começando em uma vila de pescadores pobres, não em uma grande metrópole, cruzando a estrada e a vida humana, permitindo-se experimentar da liberdade na direção do Espírito Santo e cumprindo sua missão, na contramão da agenda da religiosidade da época.

Mostra por que Jesus aprendeu a seguir o itinerário da viagem humana de maneira não convencional, como um carpinteiro do primeiro século junto a seu grupo de amigos na periferia, além das fronteiras, e geralmente indo aonde a maioria das pessoas não vai ou deseja estar. Ele transpôs e cruzou barreiras de pobreza e segmentos sociais, de raça, etnia, exclusivismo espiritual e visão do mundo cultural.

Jesus atravessou e percorreu a estrada para que suas ações falassem mais alto que suas palavras. Mesmo argumentando ou questionando que Jesus foi divinamente conduzido ou programado, temos que considerar e admitir que a sua agenda e itinerário de viagem realmente revelariam os consistentes e variados interesses de Deus. Os lugares onde Jesus passou e priorizou forneceu importantes *insights* sobre o coração e a vontade de Deus.[15]

Enfim, o paraíso aqui na terra, imaginado como grupo pequeno, ou como a Shangrilá[16] da felicidade, passa ainda pela presença da graça e da pessoa de Jesus em nós, que nos leva a voltar a nossa vocação inicial de andar com ele em parceria com irmãos, cuidando da criação, adorando-o em nosso estilo de vida, em um caminho convencional ou não, considerando suas inúmeras possibilidades e limitações. A igreja como instituição divino-humana deve buscar se tornar mais parecida com seu fundador, uma igreja com senso comunitário e missionário, adoradora no seu aspecto mais amplo e profundo, não excluindo qualquer possibilidade ou forma criativa de ser, agregar e servir, mesmo em nosso país com tantas realidades diferentes.

A igreja-comunidade da fé é adoradora quando serve a Deus e aos homens, atenta aos clamores e às necessidades de seu tempo, e, percebendo a força que o evangelho tem, traz esperança a todo homem. A missão da igreja na terra é a missão de serviço, vivendo os valores do reino, porque a adoração não consiste em ser apenas música e louvor artístico como se vê nos cultos em templos e salões.

A verdadeira adoração que agrada a Deus é a vida genuína e incansável de comunhão, crescimento, transformação e serviço onde estamos. Os que estão sofrendo — pobres, doentes, marginalizados, excluídos em diversas realidades e por diversas causas em nossas cidades — serão os grandes beneficiários dessa vida de adoração e de amor prático! Precisamos olhar além, enxergar outras possibilidades, e sem preconceitos.

João diz que o Pai continua à procura de adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.20-24). Adorar a Deus é fundamental no coração, na verdade e na prática do evangelho. Tiago diz que devemos ser adoradores praticantes da Palavra, e que não basta somente a intenção genuína e sinceridade no que fazemos. Ele escreve que a verdadeira religião, isto é, a verdadeira adoração (*threskeia*, na língua original) é a adoração horizontal, em que a prática na vida cristã é a seguinte: visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições e guardar-se do mundo contaminado (Tg 1.27). Serviço a Deus com santidade e sensibilidade, servindo ao próximo, aos que sofrem e que não têm voz e estão sem esperança.

Que grande desafio pessoal e comunitário todos nós temos como igreja de Jesus, corpo visível de Deus aqui na terra! Devemos estar atentos a isso para não deixarmos evidente nossa omissão, como comenta o diretor da Visão Mundial nos Estados Unidos, Richard Stearns, ampliando a voz

de Dallas Willard em outro livro escrito por ele, em que fala sobre a Grande Omissão Stearns comenta que a omissão compromete a missão a nós confiada:

Deus quer ver a autenticidade de nossa fé posta em ação, não o vazio de uma fé sem obras.[\[17\]](#)

Clamor por acolhimento e pastoreio dos sem-igreja

Os gritos ou reclamos compartilhados por irmãos que se consideram sem-igreja quando me encontro conversando com eles são basicamente e prioritariamente de clamor por *acolhimento e pastoreio*. Acolhimento como seres humanos, pecadores, carentes, que buscam sanidade, como pessoas alcançadas e redimidas pela graça de Deus. Acolhimento como pessoas que desejam viver de modo autêntico, não como peças de uma máquina corporativa ou prestadora de serviços. Acolhimento como pessoas limitadas, com defeitos e virtudes, desejosas de interação, comunhão, crescimento e integração.

O que tenho visto hoje é a realidade de pessoas que ficam, integram-se e jogam suas âncoras em comunidades onde foram *aceitas e acolhidas como são*, com suas histórias repletas de pecados e desacertos, encontrando espaço e ambiente para recomeçar, reconstruir e redirecionar sua vida, focando a perspectiva de ser comunidade da fé em serviço ao Pai. Elas não ficam necessariamente nas comunidades onde se tem o melhor corpo doutrinário ou a melhor organização, mas onde se sentem amadas e acolhidas, onde há gente que se dispõe a caminhar junto de sua família e com seus problemas e desafios.

Certa vez, ouvi de um casal em uma cidade no interior de Pernambuco, entre Caruaru e Garanhuns, uma das razões de ter ficado em uma comunidade evangélica da cidade onde residia: além de encontrar nela uma firmeza e conteúdo coerentes com relação à mensagem que ouvia, foram aceitos e acolhidos com graça e empatia, pois ambos tinham uma história muito sofrida e de pecados que ainda traziam fortes consequências. O casal foi graciosamente, igualmente e pastoralmente acolhido pela liderança local, sem grandes expectativas funcionais de ingressar em uma “engrenagem da obra”. Hoje os dois estão reconstruindo sua vida e olhando o futuro com mais esperança e coragem.

Como vimos, não há dúvida de que a liderança de uma comunidade local, mais ou menos institucionalizada, pode ser causadora de muitas baixas e geradoras dos sem-igreja. Esse é um fator que temos que olhar e considerar na história da igreja. Muitas vezes, a liderança da igreja e muitos dos que estão fazendo parte dela não admitem na prática que somos uma comunidade de seres humanos. Isso revela que aceitamos Cristo somente como Deus, Salvador e Senhor, não como homem. Temos uma dificuldade enorme de aceitar a humanidade de Jesus e a nossa própria e entender nossas contradições e ambiguidades. E então acabamos invertendo o que de fato a igreja é ou deveria ser.

Não reconhecemos que precisamos nos arrepender de pecados, que somos carentes de cura, de conversão genuína, de uma disciplinada renovação de nossa mente e restauração da *imago Dei* em nosso estilo de vida, em integridade e santidade, na qualidade de relacionamentos, em ministérios

e em nossa agenda com as prioridades corretas. E esses processos de crescimento e de renovação da mente às vezes são lentos e exigem de nós uma boa dose de paciência conosco e com os outros. É necessário ter perseverança e esperança de dias melhores pelo fato de termos abraçado e aceitado o evangelho de Jesus e sua proposta de transformação contínua.

É importante, na busca de uma comunidade local, que as pessoas encontrem líderes e pastores que as encarem como ovelhas que têm necessidades e passam por conflitos. Esses líderes precisam entender que suas ovelhas são homens e mulheres que necessitam de acolhimento e acompanhamento contínuo na caminhada até uma maturidade básica e crescente e perceber a necessidade de serem referenciais sérios e comprometidos com o reino.

Pessoas capacitadas, com longo ânimo, paciência e disposição para investir nelas, enquanto procuram a direção espiritual para sua vida em suas ministrações, ensinamentos e conselhos. E que não as avaliem o tempo todo com relação à *qualidade e à profundidade* do seu compromisso. Tudo tem seu tempo. Para os que estão procurando congregação, essa é uma recomendação sensata, acertada e pertinente em nossa sociedade tão individualista e consumista.

Em minhas andanças, recomendo sempre às pessoas que estão à procura de uma comunidade da fé que busquem encontrar uma *liderança mais humana e sensível*, além de regar com oração para discernir onde Deus deseja que realmente fiquem. Decisões precisam e devem ser tomadas com responsabilidade e senso de desejo pertencer e servir a essa comunidade.

Como é verdade que as igrejas, como rebanho do Senhor, clamam por pastoreio hoje pelo Brasil, pastoreio de gente que entende a humanidade em seu mais profundo grau! É um quadro que requer, diante das necessidades, uma ação e ministério pastoral responsáveis na orientação, no ensino e no cuidado com relação à vivência do sacerdócio real de todos os crentes. O ministério é de todos e para todos, em um espectro mais amplo.

Ocorre que o conceito de pastoreio e de ação pastoral tem uma caminhada histórica complexa e nem sempre é visto da mesma forma em sua natureza e em sua amplitude de atuação. O termo *pastoral*, usado com frequência, e que chama a atenção para a vocação, para o chamado e a atividade do pastor, devido aos inúmeros e complexos aspectos etimológicos, culturais e implicações com tantas variáveis, é de difícil definição e nem sempre é acolhido com tranquilidade e de forma consensual na igreja.

A teologia pastoral é atualmente um conceito instável, refletindo uma variedade de tradições eclesiais, movimentos teológicos e influências seculares. Sob esse nome ou algumas vezes de modo ambíguo, como “teologia prática”, busca-se uma disciplina menos definida na forma de “assunto” do que, digamos, estudos bíblicos ou história da igreja. Isso em parte por causa da oscilação da teologia pastoral entre o *status* de campo acadêmico autônomo e o *status* ditado pelas demandas da prática vocacional e da venerável tradição na vida doméstica da igreja.^[1]

Pedro recomenda aos pastores das comunidades da fé:

Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho.

1Pedro 5.2, RA

Esses desafios do pastorado são enormes diante do clamor de ter que ser *bem-sucedido* a qualquer custo. Pastores imaginam ou se iludem achando que o rebanho lhes pertence ou pertence a sua agremiação ou denominação religiosa.

Cuidar do rebanho sem esperar reconhecimento ou sem interesses parece ser algo quase impossível sob a ótica deturpada da chamada vocação, gestão e atuação pastorais da atualidade. Gestão exacerbada do modelo organizacional, que tem produzido congestão e mal-estar no

rebanho na construção de uma espiritualidade cristã em muitas realidades. É também resultado da ação pastoral que ganha contornos cada vez mais corporativos e pragmáticos, clamando por resultados naquilo que estão fazendo ou promovendo com seu ativismo e suas programações.

Um pano de fundo sombrio de desconfiança e descrédito está instalado na sociedade, no meio de tanta confusão entre a comunidade evangélica e na realidade recente do movimento *gospel*. A designação está desgastada (principalmente nos grandes centros) devido aos erros gritantes cometidos na história da igreja recente, atualmente com enorme visibilidade na mídia.

O pastorado está muito desacreditado e tornou-se alvo de achincalhe pela representação de pessoas que assumem ou se autointitulam pastores, bispos e apóstolos, sem demonstrar qualquer tipo de caminho íntegro e respeitável de reconhecimento. Vemos essa degradação inclusive nos programas humorísticos que estão na mídia, retratando os “chamados” pastores ou mercadores da fé.

Esse fato também é consequência da falta de empregos e de oportunidades profissionais na realidade brasileira. Cada vez mais pessoas jovens e inexperientes, aparentemente sem vocação ou chamado, sem entender direito o que fazem, estão presentes nas estruturas religiosas. Elas invadiram as igrejas locais, inventando, fabricando ou “produzindo” doutrinas para suas corporações religiosas e contam com a boa fé e a ignorância das pessoas sofridas e sem esperança que agregam nelas. Muitos são jovens que vão reproduzindo o desejo de lideranças na construção de seus projetos (reinos) egocêntricos e hedonistas.

Juntem-se a isso os inúmeros escândalos que trazem vergonha ao evangelho. Eles tomam uma amplitude maior em épocas de eleições e movimentos de poder dentro de denominações. Mesmo assim, vemos ainda no meio disso tudo o clamor explícito (ou escondido às vezes) das ovelhas, clamor contínuo por *cuidado e atenção* de pastores que amam e dão sua vida pelas ovelhas em nosso meio.

Em meio a essa realidade, também identifico um *clamor velado* por parte muitas vezes dos que se consideram sem-igreja, pois em muitos casos os chamados sem-igreja gostariam de se sentir parte, de ser amados e acolhidos, de participar de alguma forma de jornadas na localidade e no ajuntamento, edificando e servindo.

O caminho do *pretense e distorcido pastorado* reflete a cultura de mercado, em que até os cursinhos de preparo e orientação profissionais consideram hoje (e recomendam) a “profissão” de pastor (confundida com aquele que estuda teologia) como uma excelente opção para a sobrevivência. Está desempregado? Está sem dinheiro? “Ora”, dizem os não cristãos na sociedade na qual estamos inseridos, “vire pastor no Brasil e abra a sua igreja (pejorativamente chamada de negócio), que dá retorno, e às vezes um retorno e tanto, como fonte de renda”. Devido ao fato de olharem a igreja como um negócio, os pastores viraram motivo de chacota, escárnio e descrédito dentro e fora do meio evangélico.

A caminhada pastoral foi sendo delineada na história através da experiência comunitária, inicialmente mais informal e depois mais formal e institucional. Não era inicialmente focada em uma espécie de clero religioso de poder e ascensão. O sacerdócio real era evidentemente presente e necessário no início da igreja. Em um primeiro momento, vemos que os apóstolos mostraram e ensinaram que todos os cristãos deveriam cuidar uns dos outros carregando os fardos com amor, disposição e em constante oração (Gl 6. 2; Hb 12.15-16; 1Jo 3.16-18; 5.16).

Apesar dessa instrução bastante sábia e pertinente, designaram corajosamente também, para cada congregação ou igreja local, os chamados guias espirituais, isto é, supervisores chamados também de “presbíteros” ou “anciãos” (At 14.23; Tt 1.5), homens que deveriam cuidar do povo de Deus e acompanhá-lo como os pastores cuidam de suas ovelhas no campo e as supervisionam (At

20.28-31; 1Pe 5.1-4). Deveriam pastorear como referenciais, conduzindo-as através de sua presença entre elas, seu ensino e principalmente seu exemplo pessoal de integridade e compromisso com Deus.

A ação pastoral, sem dúvida, tem o fundamento e sua referência maior na vida e obra de Jesus Cristo, como realçou Jorge Barro, irmão e amigo, doutor em missiologia:

Jesus é o fundamento da ação pastoral. Pedro nos diz que ele, e somente ele, é o Supremo Pastor (1Pe 5.4). Paulo deixa claro que os pastores são constituídos para “pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com seu próprio sangue” (At 20.28). Novamente o conceito do pastor como mordomo de algo que lhe foi conferido. Nesse caso, foi conferida a igreja de Deus, cujo preço foi sangue. Esse sangue é o sangue de Cristo. Por essa razão ele é o fundamento da igreja e da ação pastoral.[2]

Outro fundamento para a ação pastoral é a Palavra de Deus e todo o conselho contido nela. Alberto Barrientos, que foi pastor na Costa Rica por 25 anos, destacou:

O fundamento do trabalho pastoral repousa na Palavra de Deus. A autoridade que reveste esta obra não procede de uma simples tradição religiosa ou cultural. Também não se fundamenta em determinado sistema de organização social, econômica ou política. O pastorado tem fundamentos próprios que são de valor permanente e universal. São eles: a existência de um Deus, a existência de um povo escolhido e a tarefa que ambos estão executando.[3]

Vemos aí uma primeira visão do pastor como alguém que traz a direção e instrução espiritual para o povo que está sendo pastoreado e que igualmente exerce seu sacerdócio através dos dons distribuídos a cada um. Considerando seu papel no corpo de Cristo, na orientação e na condução do rebanho de Deus, os chamados presbíteros são também chamados de “pastores”, como Paulo escreve à igreja de Éfeso (Ef 4.11) e “bispos” (supervisores) (At 20.28; Tt 1.7; 1Pe 5.1-2), além de serem designados também por outros termos que expressam alguma forma de liderança.

Também é interessante e digno de nota considerar que temos a percepção e o reconhecimento da liderança em sua ação e presença, apesar de não encontrarmos a palavra *líder* no Novo Testamento com todos os seus contornos e significados (1 Ts 5.12; Hb 13.7,17,24).

Os membros da comunidade da fé, também conhecidos como ovelhas da congregação, por outro lado, nem sempre reconheceram a autoridade dada por Deus a seus guias ou referenciais espirituais, procurando seguir a orientação deles e obedecer a ela na experiência comunitária, além de tratar das questões que iam se apresentando no meio dela e da caminhada desafiadora de ser igreja (Hb 13.17).

A *obediência* e a *relação* com as autoridades sempre foi um caminho tenso na história da igreja e continua assim na igreja atual, pela extrapolação, relativização e pelo reducionismo do termo *autoridade*. Paulo, por exemplo, tenta dar alguma direção em relação às autoridades constituídas na sociedade, escrevendo à igreja de Roma (Rm 13), já em meio a dificuldades do termo na comunidade cristã, ainda mais como participantes e integrados na sociedade.

Na realidade, o princípio do reconhecimento da autoridade é mais do que delegar trabalho ou poder, mas reconhecer o que a pessoa já tem recebido de Deus em relação a essa capacitação, como habilidade espiritual, e que é vista e confirmada pelo rebanho como algo confiado ao pastor. Autoridade é algo que também se conquista pelo testemunho e pela prática do evangelho na comunidade diante dos irmãos.

Quem não reconhece a autoridade contida neles — na dinâmica da comunidade espiritual que é a igreja, autoridade essa vivenciada com espírito de serviço e humildade — estará recusando a autoridade e o cuidado de Cristo em sua vida, algo que sempre devemos considerar e refletir na busca de ser igreja, ajuntamento ou congregação dos que creem em Jesus.

A congregação teria a honra, o privilégio e o desafio de também sustentar espiritualmente seus pastores e dar retaguarda em oração (1Tm 2.1-3) aos que cumprem seriamente a vocação pastoral,

além de também reconhecer seu pastorado de forma prática provendo-lhes o sustento material, pois

Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino.

1Timóteo 5.17, RA

Isso não deve fazer com que percamos hoje, na realidade contemporânea e brasileira, o caminho saudável e a possibilidade de o pastor ser e abraçar o chamado de bivocacionado, tendo outras aptidões e fazendo tendas para seu sustento, e assim exercer o ministério com mais liberdade, não sendo peso para irmãos em comunidades mais carentes. Para mim, esse é, hoje, um caminho melhor e mais saudável na relação comunitária.

Historicamente, o modelo do pastorado vem sendo delineado, tipificado, encontrado e construído já no relato do Antigo Testamento, onde Deus é reconhecido como o pastor do povo escolhido chamado Israel, para ser referencial de sua presença e manifestação (Sl 80.1), de sua glória na sociedade. Percebemos então que reis, sacerdotes, profetas e anciãos recebem também autoridade e são chamados para atuar e agir como ministros de Deus, no papel ou na tipificação de pastores que se subordinam a sua orientação maior (Nm 11.24-30).

No Novo Testamento, Jesus é conhecido como aquele que é de fato o bom pastor (Jo 10.11-30) e o Supremo e único Pastor (1Pe 5.4). Pastor que amou incondicionalmente os homens e suas ovelhas, que não as deixou à mercê de sua própria sorte ou entendimento. Pelo contrário, prometeu que estaria com suas ovelhas e seus discípulos até a consumação dos séculos, acolhendo, sofrendo junto, orientando e protegendo.

O modelo de Jesus — ciente de sua vocação, sua humanidade e seu chamado a ser o bom pastor — é, sim, um modelo daquele que orienta, ensina com a vida e com palavras, que serve com amor, compaixão e constância, que cuida e alimenta o coração e a fé, protegendo e promovendo caminhos de sanidade, que incentiva e abraça o discipulado como estilo natural de vida, que ajuda na formação espiritual, que caminha junto e não a distância. Jesus se relaciona o tempo todo com seus discípulos, revelando a eles o Pai e, com um amor mais nobre, fazendo deles não só servos, mas amigos de Deus.

“Já não os chamo servos [...] mas amigos.”

João 15.15

Décadas atrás, ouvi o pastor Frederico Or, um herói contemporâneo da fé e missionário no Amazonas por vários anos, ensinar e mostrar que os pastores são chamados prioritariamente para cuidar de pessoas, ajudando-as em seus desafios de vivenciar a fé. São preparados e chamados para levar pessoas à presença de Deus, para ensiná-las a comungarem e servir com alegria tanto a Deus como ao próximo, e a conhecerem sua própria humanidade e lidar com ela. Além disso, os pastores devem buscar com diligência as disciplinas espirituais, isto é, serem homens de oração e da Palavra, fazer conexões com o seu tempo e sua realidade e ajudar na formação espiritual das ovelhas.

O trabalho de orientação espiritual é fundamental. Ele precisa ser resgatado na compreensão da igreja quanto ao pastorado e não pode ser desprezado por aqueles que têm a vocação, a habilidade do coração e a ação pastoral. Disciplinas espirituais são objeto de uma dinâmica e de uma vivência de prática contínua. Oração, meditação na Palavra, jejum, comunhão, confissão, solitude (decisão intencional de estar a sós para reflexão, contemplação, oração e adoração) e também o serviço *são aspectos relevantes, mas constantemente desprezados* em nossa cultura e

realidade contemporâneas. Temos de recuperar esses aspectos e ser orientados nessas direções, lançando sementes em terreno fértil, no coração e na mente das ovelhas e dos futuros líderes no rebanho.

A orientação espiritual como parte fundamental da ação e vocação pastorais não perde o foco e dá atenção aos detalhes específicos dos incidentes e lutas diárias e às ocorrências cotidianas da vida na caminhada do rebanho. O orientador espiritual resiste à pressão de moldar seu trabalho pastoral pelo padrão de sucesso a qualquer custo, entendendo que fracassos podem ser caminhos de profundo aprendizado, podendo redirecionar, inclusive, seus planos e sonhos.

Nas igrejas locais com traços mais corporativos, principalmente nas grandes cidades, em que há muitas desse tipo, essa pressão é enorme diante da agenda estressante do pastor. É difícil vivenciar a orientação espiritual como tarefa de ajudar uma pessoa a levar a sério o que é deixado de lado no dia a dia, já que ela estará atrás de emprego e sustento, como também sujeita à publicidade e à mídia que tentam mostrar outros atrativos, além das constantes crises que vão se instalando.

A orientação espiritual leva a sério, com imaginação disciplinada, o que os outros veem casualmente ou sem nenhuma importância. Um pedido simples e aparentemente desprezioso por oração, atenção e companhia, que acontece no cotidiano, recebe a máxima atenção do orientador espiritual e é considerado com carinho em sua agenda de prioridades. O orientador espiritual pode ser um pregador excelente e sensível, que olha o todo do rebanho e os desafios e a realidade em que as ovelhas estão inseridas, procurando gerar caminhos de vida e de cumprimento da missão.

A orientação espiritual considera a *cultura* e o *contexto* nos quais os discípulos tentam viver o evangelho e onde estão inseridos para testemunho e missão. Conhecer a cultura, suas perguntas e seus clamores faz com que a direção espiritual responda às perguntas que estão na mente e no coração das pessoas de fato e se torna balizamento relevante para ser refletido, pensado e incorporado na dinâmica da vida cristã. A orientação espiritual é a busca de discernimento e sabedoria para crescimento, edificação da igreja e expansão do reino de Deus.

Infelizmente, pastores e líderes têm suas pregações e conteúdos de explanação muito alienados da realidade, deixando ovelhas à mercê dos ventos de uma espiritualidade distorcida. Além disso, ignoram questões que são constantemente adiadas e que pedem uma urgente reflexão e orientação, como nos assuntos que tratam sobre aborto, sexualidade, cultura, eutanásia, política, responsabilidade social, ecologia e sustentabilidade, divórcio *etc.*

O pastor leva a sério os momentos em que os sinais da presença e atuação de Deus se manifestam com clareza e poder no meio de nossas rotinas de culto ou da adoração comunitária. Considera, sim, o conteúdo do que se canta, das expressões do louvor, dos sentimentos e angústias presentes, dos questionamentos honestos das ovelhas, pessoas que têm *dúvidas* sinceras sobre o que devam ser e fazer como cristãos, da realidade presente no desinteresse em orar, meditar, comungar e adorar com contemplação e alegria.

Ele não desvia a sua atenção para os clamores da cultura de realizar grandes feitos ou programas mobilizadores, ou das distorções da sociedade de consumo, que perdeu a noção do que é realmente importante e fundamental. Não se submete à escravidão das nossas urgências, mas considera os clamores e questionamentos igualmente presentes na cultura que constrói o pano de fundo onde atua e pastoreia, procurando respostas e caminhos para a vivência da fé e do evangelho.

Pastores como orientadores espirituais reconhecem as manifestações de Deus no dia a dia das pessoas, das ovelhas por quem Jesus se entregou e ama, na simplicidade e no comum da vida e da

experiência cristã. Manifestações que *trazem sinais e balizamentos do coração de Deus e de seus propósitos para a vida e o testemunho da fé*. São aspectos centrais, não periféricos, na atividade da ação e vocação pastorais, e temos de encarar esses atos como ações que têm repercussão eterna, não efêmera; que são essenciais, não acidentais.

Orientar espiritualmente é ajudar as pessoas a buscarem o sagrado, a considerar o autor da vida e a vida desse autor em todas as suas áreas. É encorajar o processo contínuo da busca da santidade pessoal no meio dos acontecimentos absolutamente comuns da vida. Orientar é ajudar as pessoas a pensarem em Deus e nos seus valores, moldando o coração e a vida na comunhão de amizade e obediência à Palavra de Deus. É reforçar a missão em que fomos envolvidos quando confessamos Cristo como Senhor.

Muitos concordam que a administração e a gestão de estruturas inicialmente criadas para ajudar a vida na igreja são na maioria das vezes uma *consequência* da atividade pastoral, enriquecida e exercida por outros membros da igreja capacitados nessa área. Afinal, a igreja é, na linguagem do apóstolo Pedro, uma comunidade de pedras vivas, isto é, de pessoas únicas, amadas por Deus, com histórias únicas, não de peças descartáveis de uma máquina que podem ser substituídas quando necessário.

O pastor que deseja pastorear como Jesus procura conduzir o rebanho de Deus com uma *espiritualidade simples e profunda*, construída na oração, na meditação e no estudo da Palavra e que gere prática coerente. O pastor sério tem em Jesus o encorajamento de busca de intimidade com o Pai, sendo também exemplo em seu estilo de vida, demonstrando um caráter aprovado e maduro (1Tm 3.1-7) em relacionamentos sinceros e saudáveis no que é possível, mesmo em condições adversas e desafiadoras do dia a dia relacional.

Falamos de um caráter aprovado sem excluir ou sublimar a nossa humanidade. Pastores devem procurar viver de maneira autêntica, não negando sua humanidade e suas limitações. Mesmo porque a igreja onde servem e que às vezes os avalia não está isenta de pecados e crises nos seus relacionamentos interpessoais, além da possibilidade de viver descompassos em sua experiência comunitária, em sua complexidade e amplitude do serviço e da missão em que está inserida como povo de Deus.

Essa essência no trabalho pastoral está, na maioria das vezes, longe dos palcos. É uma atividade silenciosa, exercitada longe dos holofotes, sem muito brilho e reconhecimento, que não atende ao clamor do povo das grandes atividades mobilizadoras e realizadoras, mas que sempre será o cerne do ministério pastoral.

Na prática e pelo que venho acompanhando nesses anos, não existe quase nenhum reconhecimento das ovelhas pelo trabalho e ação pastorais, por isso não é prudente alimentar essa expectativa. No entanto, às vezes alguns reconhecimentos e elogios são um forte estimulante para encontrar ânimo. Porém, o reconhecimento de Deus e a justa recompensa no futuro são certos para aqueles que procuram fazer o seu melhor.

Pastores como Jesus procuram discernir, ouvir e conhecer Deus. Eles chamam diligentemente a atenção das ovelhas para obedecerem à voz do Senhor em todo o seu conselho, com disposição de fazer a sua vontade. Não subestimam o poder de Satanás e sua atuação, reconhecendo e percebendo as estratégias do lobo, do inimigo de nossa alma, que tenta atacar e se misturar ao rebanho com o intuito de causar baixas, roubar, matar e destruir.

Pastores como Jesus procuram resistir às sutilezas e opressões satânicas, defendendo e protegendo as ovelhas, tentando, com o poder e a força de Cristo, afastá-las das proximidades do rebanho. E são prudentes em observar e avaliar quando é de fato ação satânica ou apenas negligência das ovelhas em sua vida cotidiana. Como é difícil as ovelhas reconhecerem suas

limitações, seus erros e seus pecados!

Pastores que têm Jesus como referência não aceitam, não encorajam nem cultivam o pecado que “tenazmente nos assedia”; rechaçam-no com firmeza e procuram ensinar as ovelhas a se lavarem no sangue de Cristo quando erram ou pecam, mostrando o caminho da confissão, do quebrantamento e da humildade.

Aqueles que se comprometem com o ensino da Palavra precisam encontrar o equilíbrio e a integridade de lidar com o pecado com firmeza, misericórdia e graça na vida das ovelhas. Muitas pessoas engordaram as fileiras dos sem-igreja, pois foram tratadas erroneamente, com pouca sensibilidade, sabedoria, paciência, compaixão e amor.

Pastores como Jesus reconhecem sua humanidade, identificam-se com suas ovelhas em suas limitações. Pastores como Jesus “se encarnam”, tornam-se iguais às ovelhas, isto é, reconhecem que são ovelhas também do rebanho do Supremo Pastor. Como as igrejas estão precisando de ovelhas-pastores, ministros que se sentem inseridos na comunidade mais como ovelhas em primeiro lugar do que como líderes ou referenciais! Que não possuem uma visão parcial do que de fato devem ser na congregação.

Pastores conscientes de sua vocação e ação pastorais confiam no poder e na autoridade de Cristo, reconhecem-nos e ajudam as ovelhas a aprenderem o caminho da dependência e da submissão em obediência madura e consciente dessa autoridade. Pastores como Jesus buscam sempre agradar a Deus, não a homens; ensinam o que o povo precisa ouvir, não o que o povo quer ouvir. Pastores como Jesus ensinam todo o conselho de Deus, não só parte da mensagem encontrada nas Escrituras Sagradas.

Pastores como Jesus reconhecem que o sofrimento e a provação fazem parte da vida das ovelhas no dia a dia e na experiência comunitária e que são um excelente instrumento de Deus para crescimento, fortalecimento e aprendizado. Tiago, escrevendo a uma comunidade de muitos hebreus convertidos, recomenda:

Considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova de sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem lhes faltar coisa alguma.

Tiago 1. 2-4

Em 1998, ouvi no Regent College em Vancouver, Canadá, o fundador da escola, o dr. James Houston, pensador cristão de enorme coração pastoral, ensinar que os verdadeiros pastores, servos com coração pastoral, caminham junto do coração e da humanidade das pessoas, com graça e acolhimento. São mentores que partilham a vida, ajudando a refletir a fé e o evangelho.

Os verdadeiros pastores não são os que estão necessariamente à frente ou brilhando no alto dos púlpitos ou ministérios, mas os que estão atrás e no meio do rebanho, muitas vezes com o cajado e a vara, encorajando os que desanimam, levantando os caídos, protegendo as ovelhas, trazendo esperança aos que estão descrentes e ajudando-os a refletir e a perseverar na vida cristã, curando as feridas da alma das ovelhas, acolhendo pessoas pecadoras, cansadas e oprimidas, orientando e alimentando os que se afastaram do rebanho.

Que imagem encorajadora essa da ação e do coração pastorais refletidos em tantas direções! Mas é perturbador constatar a distância existente com relação ao que vemos hoje no meio evangélico brasileiro. Infelizmente, temos uma geração de pastores e líderes que abraçaram conceitos sobre trabalho e liderança pastorais de gestão, baseados em moldes empresariais secularizados, tratando pessoas como peças. Porém, estes se sobrecarregam, não lembrando que parte do que podem e devem fazer tem de ser dividido com os outros que estão esperando

oportunidades para exercerem o sacerdócio real de todos os santos, algo constantemente negligenciado.

De igual maneira, devido à desconfiança e ao esvaziamento da vocação e ação pastorais, as ovelhas não desejam mais o pastor e mentor. Alguns aumentam continuamente o número dos sem-igreja. Quando concordam em continuar caminhando na comunidade e aceitando pastores, projetam suas frustrações pessoais em cima dos que estão à frente, criando expectativas erradas da sua possibilidade de atuação pastoral, sobrecarregando tudo com exigências que jamais foram solicitadas por Deus, tornando a vocação um fardo ou um jugo extremamente pesado. Se não correspondem às expectativas colocadas pela comunidade da fé local, é só trocar por outro, porque a máquina não pode parar.

Vemos ainda outro aspecto e espectro interessantes dos que estão em liderança: alguns presbíteros, mas provavelmente não todos, ensinam. Nos textos de 1Timóteo 5. 17, Tito 1.9, Hebreus 13.7 e Efésios 4.11-16, lemos que Cristo deu à igreja “pastores e mestres” para equipar cada um para o serviço. Na visão apostólica de liderança congregacional, provavelmente existiram mestres que não eram necessariamente presbíteros, bem como presbíteros que não ensinavam, além daqueles também que tanto ensinavam como administravam.

Pastores são ministros da graça de Deus. Henri Nouwen reflete que estes, na verdade, não têm nada para oferecer de si mesmos, a não ser “suas próprias inutilidades e limitações” na obra de Deus. Paulo, o apóstolo, entende que é um “servo inútil” já no final de seu ministério. Ao reconhecer sua incapacidade e finitude, o pastor mais facilmente se torna instrumento do amor e da graça de Jesus e canal de aperfeiçoamento para o poder de Deus em suas fraquezas. O que os pastores têm a oferecer é sua própria vida dedicada ao Senhor e às ovelhas, com seus pães e peixes, para que elas conheçam, amem, obedeçam, andem na amizade e presença do Pai, glorificando-o.

Pastores que se identificam com Jesus se alegram e se realizam ao ver a manifestação do Senhor na vida das ovelhas; sentem-se recompensados ao ser usados por Deus, quando há restauração na vida do rebanho e em seus relacionamentos, conversão dos maus caminhos, transformações de mente, coração, comportamento e temperamento; sentem-se recompensados quando percebem que as ovelhas estão levando a Palavra de Deus a sério, vivendo os valores do reino e servindo ao Pai na obra, tornando-se mais parecidas com Cristo. Sentem-se recompensados quando percebem que ajudaram os irmãos a se tornarem agentes de transformação em sua família, igreja, trabalho e sociedade onde estão instalados.

Pastores que procuram ser e viver como Jesus na vocação pastoral, reconhecem com maturidade que não devem alimentar nem esperar reconhecimento humano de suas ações de pastoreio; pelo contrário, entendem que devem ter a consciência de que é uma tarefa difícil e muitas vezes ingrata, sempre sujeita a profundas lutas espirituais, tentações, desertos, humilhações, traições, mas que a justa recompensa virá das mãos daquele que o chamou e o vocacionou e que prometeu sua companhia em todo o tempo.

Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória.

1Pedro 5.4

Há muitos pastores sérios que vivem hoje humildemente, de forma doadora e com compromisso abnegado, servindo a Deus em igrejas locais em tantos outros cantos e rincões de nosso país e às vezes fora dele, e que ainda dependem do sustento da casa do Senhor, muitos deles sofrendo privações e quase sempre solitários ou sem companheiros no pastorado. Eles não foram e não serão esquecidos pelo Senhor, fiel e presente em todas as circunstâncias e tribulações, que

em tempo oportuno retribuirá justamente pela maturidade e dedicação com que entenderam a vocação pastoral.

Eles entendem que estão servindo ao Deus revelado, mas que ainda é mistério em muitos aspectos de sua essência e ações, o qual os chamou para uma jornada de exercício e vivência da fé desse mistério, mesmo não sabendo tudo do Deus que os chamou, nem tendo todas as respostas para focar corretamente a vocação pastoral e as prioridades do que devem fazer. “É o mistério que nos permite viver em paz com a ausência. Não consigo imaginar a fé sem a presença do mistério.”[4] Mesmo crendo em Deus e em sua presença e controle sobre tudo, ainda nutrimos, vez por outra, uma percepção de ausência ou silêncio divino. E perseveramos dia após dia revendo, redirecionando, recomeçando, entendendo o desconforto e a desinstalação da jornada da fé e da obra.

Reconhecendo influências em meu ministério e em minha caminhada

Minha mãe, Laura, ex-cantora profissional, crente batista e serva fiel já falecida, orava décadas atrás para que um dos filhos pudesse se dedicar ao ministério pastoral, pois considerava este um chamado nobre, digno e honroso. Aliás, a bem da verdade, é mesmo, e o próprio Senhor o considera assim em sua Palavra. Em seu leito de morte, já paciente terminal, lembro-me de quando me disse que o fato de eu ter me tornado pastor era uma resposta de oração em sua vida, pois foi uma das grandes alegrias por ela vividas e um sinal da fidelidade do Pai.

Constato com júbilo e esperança que ainda hoje, em igrejas locais de denominações históricas, presentes nos lugares que visito no Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, o respeito à figura e à vocação do pastor, pelo bom testemunho de pastores e líderes realmente sinceros e destemidos, que fundaram igrejas, trabalhos missionários e obras assistenciais maravilhosas, conseguindo viver o melhor na dinâmica orgânica relacional do evangelho mesmo em estruturas institucionais. Glória a Deus por isso!

Com mais de três décadas de conversão e de ministério, como missionário e pastor, tendo acertado e errado, fui e fiz minha missão. Recordo-me em vários momentos da caminhada de meus mentores e referenciais de pastorado, homens e mulheres comuns e com muitas qualificações, pessoas sérias quanto ao evangelho e à vocação, ao testemunho, trato e compromisso com a Palavra de Deus e sua igreja. Santos homens de Deus que me abençoaram e ajudaram em minha formação pastoral e transformação pessoal, que são alento para mim e encorajamento ainda hoje. Alguns deles com visão privilegiada e ampla do reino de Deus.

Louvo a Deus pela vida de queridos pastores e professores como Juvenal Ricardo e Carmem Méier, César e Clotilde Thomé, Paul Andrey, Dionísio Pape, Nelson Lopes, Russell Shedd, Ary e Carolina Velloso, Karl e Margareth Lachler, Jim e Judith Kemp, Andrew Kirk, Bill Asbury, Ismail e Maria Sperandio, Davi Gomes, Eugene Peterson, James Houston, Ricardo Barbosa, Carlos Queiroz, Ed René Kivitz, Fernando Oliveira, Karl Kepler, Paulo Andrade, Edson Barbosa e tantos outros já citados anteriormente, que me ajudaram e ainda ajudam a amar a Deus e a sua Palavra, pessoas que Deus tem chamado para servirem ao reino e ao seu rebanho, e que têm sido estímulo constante para honrar sempre a vocação pastoral e não desistir da experiência de ser igreja.

Carla, minha esposa e amiga, tem um papel fundamental nisso. Sempre com discernimento e sabedoria, aconselha-me, já que possui mais experiência com igreja do que eu e por ter pastores como membros de sua família. Além disso, é a pessoa que mais acompanha meu trabalho com um olhar sóbrio, objetivo e crítico, trazendo-me o senso de equilíbrio, limites e ampliando minhas reflexões e decisões. Amigos de alma e ministério partilham de nossa casa e família,

acrescentando muito.

Reconheço que alguns dos que me influenciaram, em certos momentos de sua trajetória no ministério, tornaram-se um pouco prisioneiros e reféns de algumas rígidas e sufocantes estruturas denominacionais ou missionárias por causas diversas, como: insegurança, afirmação pessoal, tradições, necessidade de sustento, entre outras, lutando, porém, e permanecendo fiéis a sua vocação. Muitos estão na ativa e perseveram na ação pastoral e na igreja local, em meio às contradições presentes nela, e tentam servir de coração.

Por causa dessa opção, muitos pastores que conheço pelo Brasil foram até expelidos pelas mesmas estruturas e igrejas às quais o serviram, por serem coerentes com a vocação e o chamado. Alguns deles tornaram-se vez por outra sem-igreja, e outros saíram delas em alguns momentos por decisão pessoal. Só Deus sabe quanto choro ao ver o sofrimento que houve em sua vida e família para honrarem o compromisso com o Senhor e sua vocação pastoral. Buscam caminhos de esperança para perseverar e não desistir.

Com tristeza e empatia, tenho ouvido de diversos pastores nos últimos anos um compartilhamento dolorido, contido e sofrido. Eles se sentem, muitas vezes, desencorajados quanto a sua vocação e ministérios recentes, além de também sofrerem com o que está acontecendo nas igrejas locais e nas estruturas institucionais. Honraram-me confiando, em conversas pessoais, seus dramas, suas lágrimas e dores na alma e no coração, para que eu pudesse acolher e aconselhar, buscando apascentar algumas vezes seu coração e sua mente.

Alguns reverberavam também vozes de espanto, tristeza e desencanto da esposa e dos filhos, que muitas vezes não possuem voz dentro da comunidade, mas que foram marcados definitivamente em seu coração. Alguns, até afastados do evangelho, viram como o marido ou pais foram desrespeitados, tratados como peças, não como pessoas, e descartados pelas igrejas locais ou missões onde serviram. Precisaram de cuidados, mas receberam.

Curiosamente, muitas delas são igrejas locais e missões que abraçaram modelos empresariais secularizados, voltadas para metas patrimoniais e massificantes, buscando perfis de executivos, não as qualificações bíblicas, em sua capacidade de liderar e empreender, tolerar e obedecer aos que têm o poder e a influência dentro dessas estruturas que buscam o sucesso. Não creio, sinceramente, que esse quadro vá mudar; está inclusive ampliando-se em muitos lugares. Mas nada que deva nos engessar e impedir de ser e fazer o que precisamos como cristãos.

Igualmente, algumas igrejas chamadas “avivadas”, com sua cultura espiritualizante e alienada, debaixo da falsa e enganosa teologia da prosperidade, pregam que seus fiéis são “cabeça, não cauda” e que o sofrimento não alcançará a vida deles. Estes têm dificultado e distorcido o exercício da vocação pastoral. Pessoas imaturas e sem preparo algum para ensinar a Palavra e cuidar de vidas têm sido conduzidas precipitada e irresponsavelmente ao “cargo” de pastores, pregando barbaridades, fórmulas de autoajuda como: “determine aqui e ali”, faça “orações fortes” e até mesmo uma estranha mensagem como as dos pastores-gurus, ensinando que não existe dor ou fracasso e que o sofrimento não deve fazer parte da vida cristã.

Graças a Deus, há referenciais mais sadios sobre o pastorado. Encontramos aqui e ali gente que caminha no dia a dia de comunidades comuns, servindo ao próximo. Desde que estive no Canadá, anos atrás, estudando, buscando transformação pessoal em meu coração e tentando recuperar os referenciais de espiritualidade cristã e vocação pastoral, não sou mais o mesmo, nem olho a igreja da mesma forma. A ingenuidade passa longe, a reflexão tem sido acompanhada de oração para discernir o que é bom, e lidar com a realidade tem sido um desafio constante. Busco um caminho saudável de equilíbrio na caminhada pastoral.

Reconheço hoje que os pastores não são mais acolhidos como pessoas por sua vida cristã,

integridade, seriedade, compromisso com a Palavra, oração e cuidado com o rebanho, mas pela sua *performance* ou pelo seu desempenho diante das metas colocadas pela empresa-igreja, sedenta de realizações e sucesso, e que muitas vezes esconde as projeções das frustrações e dramas pessoais de tantos que a compõem. Pede-se hipocritamente para que alguns vivam o que membros comuns não conseguem viver e fazer na obra e no dia a dia de sua vida. Tudo isso é triste e desanimador.

Reconheço que muitas empresas-igrejas têm boas e sinceras intenções em seu desejo de servir, mas que sinceramente se equivocam quanto aos caminhos e modelos escolhidos, tentando cumprir a razão de sua própria natureza missionária e comunitária de serem sal e luz do mundo. Alguns pastores ouviram a seguinte frase, de forma jocosa ou com desdém, com pequenas variações: “Vocês são pastores desatualizados e irrelevantes, já que a realidade das igrejas é outra e não cabem mais dentro dela diante das expectativas de crescimento e sucesso do projeto, tanto do povo como das lideranças locais”.

Isso pode ser verdade no aspecto funcional de um povo que é mais plateia e consumidor do que rebanho. Não sou ingênuo. Claro que os pastores precisam ter consciência da realidade social hoje, tanto da pobreza, da violência, do desemprego, da globalização quanto das igrejas e do povo que faz parte delas. Eles precisam de coragem para mudar paradigmas, rever e reciclar suas ideias. Entendo também que é preciso administrar (e isso é um dom também) o crescimento e a obra, mas é necessário avaliar se é o crescimento que Deus espera e que sua Palavra aprova, ou se o mercado onde a igreja está inserida a pressiona no sentido de que busque esse crescimento desenfreado e com propósitos errados.

A grande verdade é que, na realidade, quem administra a obra de Deus é o próprio Deus trino, nem sempre de forma “profissional” (nos moldes de hoje), mas sempre responsável; de forma “amadora” algumas vezes, isto é, singela ou simples, mas com o claro e livre mover de seu poder. É o que nos ensina a história da igreja. Não vamos nunca dominar o crescimento da igreja, mas podemos permitir que aquele que tudo domina dará o crescimento certo a sua obra.

Os pastores precisam reconhecer honestamente suas limitações e também refletir sobre novos paradigmas, adaptando-se para exercer com propriedade e profundidade sua vocação. Eles necessitam de sabedoria, prudência e ousadia e devem estar atentos às tentações do ministério, da secularização e da pós-modernidade. Devem também buscar coragem para conduzir as ovelhas a uma vida cristã e comunitária autêntica, de comunhão profunda com o Pai, em vez de se preocupar com o clero, o templo, as atividades dominicais e a instituição.

Novos paradigmas podem ser saudáveis, produzindo uma nova mentalidade no jeito de ser. Porém, é necessário que os líderes não abandonem a essência e os princípios da vocação pastoral de cuidar de corações, de ajudar as pessoas a andarem e conhecer Deus, de levar os crentes à maturidade em Cristo e ao abandono de uma vida de pecado. Devem cultivar uma vida de adoração em seu estilo de vida, crescendo na santidade e no testemunho de sua fé, marcando presença e respondendo às perguntas e inquietações de sua época.

É preciso cumprir a vocação daquele que é fiel e que nos chamou para servir, e não podemos atender às expectativas do povo e de suas corporações religiosas quando seus alvos colidem com o que entendemos ser prioridade na vocação, ação pastoral e principalmente em nossa missão. Há um preço a pagar, preço nunca escondido por Jesus, nosso Senhor e Salvador, em seu chamado aos que têm o dom pastoral.

Há muitos que optaram por exercer sua vocação pastoral sem estar oficialmente no “clero” ou em cargos eclesiásticos. Fazem-no de forma *marginal*, atuando de maneira silenciosa e discreta, construindo tendas para o sustento pessoal. Porém, na realidade, estão muitas vezes mais

presentes e próximos das ovelhas do rebanho do que os próprios líderes da comunidade. São pessoas que amam a igreja, corpo vivo de Jesus, comunidade de pedras vivas, de pessoas transformadas pelo amor e pela graça de Deus. Reconheço que o “cuidar uns dos outros” é responsabilidade e privilégio de todos os que estão na comunidade local da fé, não somente de pastores.

A relevância da ação pastoral pode ser olhada sobre vários aspectos, podendo ser positiva ou negativa em relação à essência, à natureza e à práxis do que essa ação propõe. A relevância pode ser uma “sutileza enganosa”, quando negocia valores éticos e morais, destruindo, pelo poder e pela fama, as pessoas a sua volta. Relevância essa que não provoca transformação na pessoa e no contexto onde estamos e que não nos deixa mais parecidos com a vida de Jesus. Essa pseudorelevância é, na verdade, dispensável e nefasta.

Essa busca por relevância a qualquer preço deixou de considerar o cuidado com as pessoas. Isso gerou um aumento enorme na tribo dos considerados sem-igreja. É notório que os cristãos se tornaram somente peças dessa engrenagem, instituição ou comunidade desfigurada que chamamos igreja. Isso é um fato, e temos de lidar com as consequências com atenção, para preservarmos o que de melhor a igreja pode ser como expressão comunitária da fé e do serviço.

Hoje procuro bons referenciais e mentores para ser uma pessoa, um cristão, um pai, um marido, um pastor e um artista melhor. Preservo o contato com pessoas a quem recorro em dias de desânimo e lutas, na tentativa constante de ser igreja e no trabalho realizado pelo reino de Deus. Essas pessoas a quem recorro permanecem incansáveis e perseverantes na obra, acreditando na igreja e em sua missão, crendo que é possível viver alguns sinais do reino pela presença de Jesus.

Procuro estar perto dos que se consideram sem-igreja e de alguma forma tento ajudar na busca de caminhos de esperança para que reencontrem seu espaço e lugar no corpo. Não somente para comungarem, partilhar e crescer, mas também servir ao próximo na implantação do reino. Creio que Jesus e também as ações benéficas de seu corpo podem ajudar na cura e na retomada dessa caminhada de ser igreja.

As ambiguidades de ser igreja numa sociedade de consumo

Os sem-igreja são também resultado do contexto social no qual estamos inseridos de forma intensa, pois muitas das decepções e dos desencantos surgem devido a uma ótica equivocada, presente na mentalidade das igrejas, que trouxe desgastes e distorções em relação ao que se viveu no passado dentro das próprias igrejas ou instituições. Essa sociedade de consumo continua sendo o contexto mais presente e opressivo em que estamos inseridos como igreja e que amplia cada vez mais os seus tentáculos e cria armadilhas a cada dia que passa.

Muitos dos que se encontram ou se acham sem-igreja refletem uma insatisfação com a igreja como instituição que está entrelaçada em uma sociedade de consumo agressiva, além do fato de criar muitas expectativas em relação ao que ela é de fato e o que poderia ou deveria proporcionar a cada um de nós e à sociedade. Lidamos em muitos casos como uma instituição religiosa que se apresenta com o objetivo de consumir e se tornar prestadora de serviços e de consumo dos produtos oferecidos a seus membros, isto é, pessoas que estão ligadas a ela por algum tipo de usufruto em seus programas e projetos realizados.

Você já teve a curiosidade de olhar atentamente os inúmeros *sites* da maioria das igrejas? Algumas delas criaram *sites* oferecendo serviços, sem que existissem oficialmente como ajuntamento. Você já viu os modelos propostos em que elas estão se identificando ou balizando hoje? É quase um empreendimento imobiliário, uma espécie de supermercado, *shopping* ou loja de conveniências. Algumas pequenas, outras médias e grandes, enfim, deveriam ter igrejas para todos os seus consumidores, suas chamadas ovelhas. O que aquela igreja pode oferecer em termos de produtos, programas, cuidados, ou projetos, que preencheriam minhas necessidades e expectativas? Nas grandes metrópoles principalmente, o pensamento geral é esse.

Raramente olhamos a comunidade da fé ou a instituição religiosa como um caminho de serviço, de doação pessoal para a comunhão, de auxílio ao próximo, de caminho de cumprimento da missão que Jesus nos deixou: fazer discípulos e testemunhar do reino de Deus em uma sociedade perversa e corrupta. Raramente encontramos pessoas que olham a comunidade na qual podem se inserir para abençoar e edificar outros, para ajudar em um crescimento relacional de qualidade, onde podemos viver com nossa humanidade e liberdade cristã, com nossas virtudes e defeitos, buscando a adoração congregacional, comunhão, oração, ensino, evangelização e missão.

E quando nos envolvemos com esse estado de coisas, ocorrem as decepções e as frustrações. É o pastor ou equipe pastoral que não correspondeu a minhas necessidades e expectativas, que não tinha “tempo” para mim, membro (consumidor) fiel; é o ministro de música e louvor que não fez o

que acordou inicialmente com a instituição e seus consumidores; é o trabalho de jovens feito sem continuidade, seriedade, contextualização e com uma liderança fraca; é o berçário oferecido com tantas deficiências; é a falta de professores para suas estruturas de escola dominical; é o grupo pequeno em que os relacionamentos são frágeis e as pessoas mostram-se distantes; é a banda que me rejeita e não me chama para tocar, e assim por diante.

É claro que os membros da igreja reclamam, pois alguns até pagam mensal e fielmente para que isso ocorra. Enfim, a meu ver, são pessoas que foram mentoreadas de forma equivocada, que nutrem uma fê ainda infantil de dependência em tudo, em vez de cultivada em uma perspectiva mais adulta e realista. Por outro lado, o mercado evangélico dá corda e alimenta isso intensamente, transformando tudo numa cultura corporativa, consumista e com todas as características de uma sociedade anônima ou limitada. Acrescento ainda suas possibilidades de frustrar e ferir, gerando novos sem-igreja.

Em sua essência, a sociedade de consumo aponta uma característica do mundo chamado desenvolvido ou em crescimento, em que a oferta de produtos é desejada intensamente. Essa oferta multiplica geralmente as necessidades básicas, mesmo que elas possam ser diferentes nas variadas classes sociais. Está presente o clamor dos consumidores: produtos sendo regularmente inventados, formatados nos padrões de consumo, e a criação de “outras necessidades possíveis” em suas realidades familiares, profissionais e sociais.

A Revolução Industrial foi a mola propulsora do consumo, pois a fabricação de produtos se tornou mais fácil e acessível em seus processos, mas isso não necessariamente ocorreu com a venda e o consumo desses produtos. Esse excesso de oferta, aliado a uma enorme profusão de bens colocados no mercado, levou ao crescimento do conteúdo do *marketing*, hoje profissão e umas das atividades mais concorridas no mercado profissional, e de novas e constantes estratégias para sensibilizar possíveis consumidores.

Com esse pano de fundo, se construiu, na dinâmica da vida e da igreja, uma espiritualidade pessoal e comunitária em outras bases, que não é a do evangelho de Cristo, evangelho que tem de fato uma mensagem impopular pela seriedade dos valores do reino que Jesus nos apresenta e que nos desafia ao compromisso, à entrega radical, à doação, à consagração, ao serviço desinteressado e sacrificial, ao testemunho fiel da salvação e do senhorio de Jesus. Mas a força da cultura de consumo está presente em altíssimo grau e de forma cada vez mais opressiva, não nos deixando nem respirar ou nos aquietar.

Essa sociedade de consumo vai se tornando elitizada, excludente e insensível, deixando pessoas machucadas, carentes, pobres e necessitadas, à margem e sem voz, pessoas que são exploradas pelos chamados líderes ou donos de igrejas. Inventamos aqui e ali os vergonhosos cultos segmentados, como os dos empresários ou outros com mais visibilidade, e fazemos com que os mais simples aspirem a chegar a essas “castas mais elevadas” da sociedade. Trata-se de uma prosperidade distorcida, vazia de valores relacionais, morais e éticos. Todas essas ações são resultado de uma espiritualidade sem afetos e laços de solidariedade.

Esses são quase sempre caminhos para que aqueles gerados ou vitimados por essa espiritualidade com referencial consumista e individualista se tornem futuros sem-igreja. Pessoas usadas e descartadas quando não produzem ou reagem aos apelos dos que detêm o poder eclesiástico. Esses são aqueles que não consomem o que é produzido em nome da religião e aclamado como modelo ou referencial adotado. Afinal, a sociedade de consumo alimenta muitas vezes o culto e a adoração da fama, do poder a qualquer custo e da riqueza adquirida sem valores. É a vivência de uma ética utilitarista.

Nada mais irrelevante e inoportuno o desafio equivocado de muitos líderes da igreja de sermos

relevantes *a qualquer custo*, pois de alguma forma isso tem também um pé sutilmente fincado nessa cultura alimentada pelo consumo, que desconhece e distorce os conceitos e valores do reino e presta um desserviço à cultura e à sociedade na maioria das vezes. O sociólogo Gedeon Alencar descreve:

Antes o projeto era preservar a ética (protestantismo puritano), alcançar a modernidade (protestantismo de missão), salvar as pessoas do mundo (pentecostalismo), mas agora o que se quer é tomá-lo de assalto. Perdão, conquistar o mundo para sermos ricos, campeões de saúde e assumir todos os cargos do governo. [...] Agora é hora da instrumentalização do poder divino.^[1]

Nossa relevância deveria ser outra: viver a cultura e os valores do reino de Deus que foi professado por Jesus. Isso invade nosso cotidiano com decisões, atos e projetos práticos. Esse caminho foi sabiamente descrito pelo anglicano John Stott em seu livro *Contracultura cristã*, décadas atrás, que em português tem atualmente o título *A mensagem do Sermão do Monte*. Ele propõe o caminho de sermos como igreja uma *sociedade alternativa* de vida, na qual há acolhimento, amor, prática da justiça, de valores éticos, de relacionamentos saudáveis e verdadeiros, de serviço ao próximo e de testemunho do evangelho de Cristo.

Mas os cristãos de hoje e alguns sem-igreja também entenderam errado o desafio proposto nessa reflexão. Tornaram-se *contra* a cultura cristã, não pensando ou refletindo a mensagem do evangelho, sem disposição de vivenciar a radicalidade e a contundência desse evangelho ensinado por Jesus nas diversas áreas de nossa vida. Tornam-se expressão pífia e ineficaz do que poderiam ser se abraçassem de fato o coração de sua missão como igreja e se dispusessem a servir de canal para o poder transformador do Espírito, que habita no coração dos seus fiéis.

Como pensar na comunidade da fé como caminho de comunhão, adoração, serviço e solidariedade em meio a uma cultura de consumo? Como lidar com o próprio consumo sem se deixar dominar? Como pensar na comunidade e na experiência de sermos igrejas para servir a Deus e ao próximo? É um grande desafio que temos de enfrentar. Precisamos decidir quem vamos cultuar em nossa experiência comunitária: se o Deus da graça e da misericórdia ou a entidade Mamom, deus do consumo, com sua sede insaciável.

Temos a alternativa da omissão e da alienação, ou a da presença responsável como cristãos e igreja de reeducar nossa mente. Concordo com o teólogo Jung Mo Sung, professor da Universidade Metodista de São Paulo, instituição na qual estudei, quando escreve em um de seus livros que a culpa não é toda da sociedade de consumo, mas ela ainda tem um peso razoável:

É importante evitarmos uma perspectiva moralista que credita ao consumismo a maioria dos problemas existentes das pessoas e da sociedade.^[2]

Nesse sentido, quero ser cuidadoso na abordagem, mas não posso deixar de reconhecer as armadilhas colocadas para todos por ela.

Cuidados preventivos em uma sociedade de consumo

Reconheço que a igreja não se encontra à parte com relação à enorme pressão da sociedade de consumo. Na verdade, todos nós como indivíduos estamos inseridos na sociedade. Os chamados sem-igreja também não se encontram em uma atmosfera diferente. Somos parte dessa sociedade e nem sempre nos apresentamos como referencial de humanidade saudável, nem como referencial de Cristo. Em alguns aspectos, essa sociedade propicia o sustento de muitos nas leis de mercado que necessitam igualmente de ética.

Na dinâmica contemporânea, muitas de nossas igrejas realmente transformaram o produto

“Jesus” em algo que deve ser buscado de todas as formas para benefício próprio. Se Jesus, transformado em produto, puder gerar recursos e riquezas e, “de quebra”, abençoar sua vida, esse deve ser o caminho a percorrer. Lamentavelmente, “pequenas ou médias igrejas, grandes negócios” é o ditado já incluso na cultura popular e em diversos segmentos da sociedade.

Somos os alvos para escoar a produção do que tem sido feito no ambiente religioso, inclusive no meio evangélico; isto é, existem mais produtos, mais modelos de igreja, mais oferta do que procura, e somos alvos o tempo todo das estratégias de *marketing* que se instalaram nas igrejas para suscitar a necessidade. A Bíblia, o livro, o CD, a roupa, a igreja, o pregador mais ungido, até a missão, viraram grife — tudo acaba abastecendo essa sociedade de consumo. No meio do caos, esse caminho é convidativo, na qual a realidade é maquiada, fazendo-nos sentir, quando consumimos, pessoas vitoriosas e bem-sucedidas.

Isso também é um reflexo de lideranças que estão perdidas e inseguras quanto aos caminhos a serem tomados em uma realidade de descaso, intolerância, pragmatismo e superficialidade. Olhar o próprio umbigo e fazê-lo mais belo e satisfeito é a tentação mais evidente de líderes e instituições, gerando uma igreja ensimesmada e alienada. Como consequência, essa realidade também fomenta o aumento numérico do time dos sem-igreja.

Temos de reconhecer a realidade de que a igreja se tornou, de forma ampliada, um mercado real, mercado presente e promissor naquilo que oferece. A fé sincera de muitos alimenta o mercado de igrejas, denominações, estruturas e de serviços religiosos. Há muitas pessoas que estão sentadas nos bancos das igrejas, organizadas e impregnadas com essa mentalidade sufocante. Até as estruturas missionárias têm atualmente sua base de sustento em produtos feitos (literatura, gravações, pregações, roupas e outros produtos), para não dependerem da sensibilidade de alguns poucos para a manutenção de sua dinâmica de trabalho no campo. E isso não é necessariamente algo negativo, mas um caminho de autossustentabilidade.

A linha é muito tênue entre o comércio ético e legítimo e o não ético, avassalador e dito como necessário. É um incômodo falarmos em ética no meio evangélico e de consumo. Não é um terreno confortável porque

a ética é uma planta que nasce no solo da solidariedade. Se o solo for raso, ela é facilmente arrancada. Por outro lado, sem ética, a arte do bem e do bom, não há solidariedade possível e estamos em apuros, porque solidariedade significa abnegação, doação, altruísmo e amor. Valores estes que temos desaprendido à medida que nos modernizamos.[3]

Os chamados *vendilhões do templo* não são invenção contemporânea. Igrejas institucionais e estruturas eclesiásticas vão ter de aprender a conviver com essa realidade e precisam ser muito cuidadosas, o que normalmente não são. Abraçam qualquer caminho de mercado, já que todo mundo parece estar fazendo o mesmo, e pensam que, se não o fizerem, não irão sobreviver nem conseguir alcançar adeptos. Até as novas igrejas ou movimentos, que são chamados alternativos aos caminhos de igrejas tradicionais, acabam caindo nessa realidade perigosa e contraditória.

Viver na moda ou buscar igrejas da moda acaba sendo tentativas que nos levam à frustração mais à frente, pois as novidades se tornam velhas com o passar do tempo e o clamor pela próxima novidade ou igreja a ser consumida se faz necessário. É só ver o celular que você utiliza atualmente e que amanhã estará obsoleto. Depois de um tempo, algo dentro de você clamará por atualização e consumo. Infelizmente, buscar igrejas chamadas “da moda” se tornou um caminho camuflado de alguns chamados de sem-igreja. Eles frequentam reuniões ou cultos, geralmente em megaigrejas, consomem do pregador e da música, não assumem compromisso algum e ainda ficam na confortável posição de artilharia contra as igrejas, quase sempre artilharia pesada, pois, quando perguntados, dizem que estão sem igreja. E, em certo sentido, de fato estão.

Existe um perigo maior que é normalmente abraçado pelos líderes de igrejas ou instituições: produzir o que os membros de suas agremiações esperam. Vão perdendo com frequência a centralidade de Cristo em sua dinâmica comunitária. Percebemos, às vezes muito tarde, que nossa razão de ser como indivíduos e comunidade se perdeu. O que deveria trazer referência deu lugar a um desejo incontido e fortemente narcisista de crescimento e de mostrar que somos bem-sucedidos, não importando o caminho que trilhamos para alcançar isso. Nesse caminho, muitos são machucados pelo trator do consumo e do sucesso, oferecendo munição para os chamados sem-igreja.

Encontro-os o tempo todo e com posturas diferentes pelo Brasil. Para um grupo, já virou quase um novo *status* de respeitabilidade entre alguns serem chamados de sem-igreja. Afinal, na opinião deles, deixam pretensiosamente de serem iguais aos outros, aos “pobres” pecadores, iludidos e ignorantes membros de igrejas institucionais, que teimam ainda em acreditar que é possível ser igreja como organismo espiritual no melhor de suas perspectivas expostas no Novo Testamento. Escrevo isso sem grandes problemas, pois já vivi realidades semelhantes em outro ponto que gerou desconforto em momentos de minha caminhada na fé. Foram, sim, momentos honestos, difíceis, contraditórios, ambíguos, nos quais abri mão de tentar buscar caminhos de esperança e de reconstrução.

A igreja vai se *amoldando* a sua época, vai desistindo de ser alternativa para uma relação saudável com Cristo e com a realidade, vai cedendo aos cantos das sereias. Para os cristãos, pode ser o momento certo de buscar novos caminhos em pleno século 21, depois da modernidade e da pós-modernidade, desejando uma comunidade que experimenta realmente a fé que fortalece seus vínculos, gerando transformação, justiça e dignidade a muitas pessoas em variados contextos.

Creio que tudo isso passa necessariamente por uma revisão corajosa, sincera e honesta de uma mentalidade que abrange o conteúdo do que cremos e pregamos, do serviço e da missão, das prioridades da agenda pessoal e comunitária. Devemos responder com menos discursos e elaborações teológicas e acadêmicas, mas com ações práticas, solidárias, que demonstrem que entendemos o processo de vivência e encarnação proposto por Jesus Cristo. É um grande desafio diante dos apelos do discurso evangélico, da religiosidade, da autoajuda, do sucesso e da prosperidade material a qualquer custo.

Pelo fato de a igreja ser uma projeção contemporânea do que temos na sociedade em geral, estamos quase sempre imersos na promessa de felicidade a qualquer custo e por isso criamos caminhos de ilusão para os que dela participam. Tem-se então um terreno fértil para que os cristãos que caminhavam nela se afastem da comunidade da fé, não acreditando que seja mais possível, nesse estado de coisas, cultivar a fé e participar de um projeto de implantação do reino de Deus aqui na terra. Certamente o consumismo, aliado ao sucesso e à prosperidade, mina a resistência de qualquer outra pessoa.

Necessitamos caminhar olhando sob uma perspectiva de que a vida só é completa se houver o sagrado e o espiritual. A vida é o terreno do Sagrado. Se não fizermos essa integração, viveremos com muito desconforto pelo que a Palavra de Deus nos baliza, e o aumento do número dos sem-igreja continuará ocorrendo. Precisamos aprender a ser bons mordomos das coisas e das realidades materiais. Infelizmente, os cristãos estão sendo cada vez mais levados a se concentrar nas coisas criadas, não no Criador. É provável que a nossa alegria esteja alicerçada nas coisas, nas criaturas, nas possibilidades de ter e conquistar, fomentadas pela cultura do consumo. Muitos de nós vamos nos tornando amantes mais dos prazeres do que de Deus, como Paulo escreveu a Timóteo (2Tm 3.4).

Estamos vivendo a época do entretenimento e do espetáculo, tão presentes na cultura norte-

americana. Esse entretenimento desembocou aqui por meio da cultura das denominações históricas e foi absorvido rapidamente. Creio que é uma das causas principais da ineficácia, inércia e impotência da igreja cristã nos dias de hoje. O simples fato de os cristãos se distraírem com aquilo que é trivial, com a infinidade de opções para ocupar o tempo na sociedade de consumo, gera desvio de foco de sua razão de ser, provocando frustrações e decepções. Atividades e diversão nutrem esse estado de coisas e promovem seus estragos.

É quase um caminho sem volta, fazendo que o evangelho chegue até nós revestido de embalagens de diversas formas, desenhos e cores. De forma proselitista e alucinada, todo tipo de religião se torna artigo de venda e tudo aquilo que ela produz precisa ser absorvido pela comunidade. É necessário esse caminho para atender a todo tipo de cultura religiosa ou de construção de uma espiritualidade específica.

A mentalidade consumista não somente deturpou a nossa espiritualidade cristã pela qual procuramos desenvolver a fé pessoal, como também enfraqueceu a necessidade e a importância das igrejas locais para a sociedade que está ao seu redor. Preferimos ir atrás do sonho de construir um grande templo, uma diversidade de espaços que achamos necessários para nossos projetos locais e produzir entretenimento travestido de devoção para as faixas etárias. Reproduzimos distorções no que somos e buscamos:

A sociedade pós-moderna não consegue levantar os olhos além de si mesma. Não consegue perceber além de seus desejos consumistas existenciais, sejam materiais ou “espirituais”.^[4]

Estamos perdendo vínculos e senso comunitário. Preferimos morar em um lugar no qual podemos comprar uma casa ou um apartamento melhor, independentemente de onde resolvemos congregar como comunidade. Essa é a realidade geral e real dos grandes centros urbanos. As pessoas optam por ir de metrô ou de carro para o seu lugar de ajuntamento e geram igrejas que não estão mais ligadas a sua comunidade local. Ao morar longe do local em que a igreja se reúne, torna-se mais difícil para um grupo ou uma comunidade se envolver nas questões sociais que geram vida e transformação. Às vezes até decidimos morar e congregar em cidades diferentes. Somente em cidades do interior ainda vemos essa junção da moradia com o lugar onde se congrega.

Estar inserido no contexto de serviço e de comunhão vai adquirindo novos contornos e caras. Viver o desafio dos ministérios de *socorro* e *misericórdia* torna-se realidade distante e não desejável, e aqui há o contraste: na maioria das vezes estamos no meio das desgraças e dos clamores da sociedade. Estive envolvido em uma comunidade de classe média alta por alguns anos, em um bairro de alto poder aquisitivo e de consumo, que, como em toda realidade brasileira, estava envolvida em bolsões de pobreza. Mesmo desejosa de trabalhar com pessoas de um segmento social mais privilegiado, a comunidade não podia deixar de responder com ações concretas às situações gritantes que a circundavam.

Inicialmente, os mais pobres da região viam aqueles membros da igreja chegando com seus carros e indo embora rapidamente, como se fossem ETs ali no bairro. Muitos membros da igreja começaram a se sentir incomodados, inclusive com o que ostentavam. Houve uma barreira inicial para a comunidade se instalar ali. Houve cobranças no sentido de uma nova postura de todos. Foi muito oportuno ver o Espírito de Deus mostrando os contrastes e as consequências de uma sociedade de consumo que faz que as pessoas percam a sensibilidade umas em relação às outras, e isso em diversos níveis. O consumo desenfreado e que não considera aquele que não tem vai tomando conta da vida religiosa ostensivamente e gerando consequências, inclusive a violência sem medida.

Descobri ao redor da comunidade um grupo dos sem-igreja que não esperava encontrar. Gente pobre e simples, gente que já tinha se envolvido com igrejas e que foi ignorada ou destrutada. Essas pessoas não foram acolhidas por causa de sua realidade adversa, isto é, devido a sua pobreza. Aquilo me pegou de surpresa, pois eu normalmente encontro mais dos chamados sem-igreja entre os que têm uma qualidade de vida melhor, com um senso mais crítico em relação a tudo. Gente que já foi explorada por alguns aproveitadores da fé.

Na maior parte das vezes, a sociedade de consumo gera pessoas que desejam se alienar, que não desejam passar por nenhum tipo de privação, luta ou sofrimento, como se isso fosse possível. Muitos sem-igreja não querem mais sofrer as dores de ser comunidade com todas as suas possibilidades ambíguas e distintas. Não querem nada que provoque dores ou emoções na mente e no corpo. A sociedade de consumo não só neutraliza o sofrimento, como também o gera constantemente. Porém, a dor causada pelo convívio em comunidades nos confronta com a necessidade de lidar com nossa existência com mais disponibilidade e compromisso em servir aos outros.

Por isso, penso que o sofrimento vem quando tentamos ser igreja e não há como fugir disso, pois isso traz aprendizado para andarmos como comunidade da fé, independentemente da forma que ela vai se estabelecer em contextos diferentes, seja ela mais estrutural, seja mais informal.

Quem é feliz sempre, e nunca sofre, padece de uma grande enfermidade e precisa ser tratado a fim de aprender a sofrer. Sofrer pelas razões certas significa que estamos em contato com a realidade, que o corpo e a alma sentem a tristeza das perdas e que existe em nós o poder do amor.[\[5\]](#)

Creio que podemos pegar uma via repleta de muita vida quando nos colocamos de maneira sábia e pertinente em uma sociedade que avidamente tenta consumir e adquirir e que gera sequelas na vida de pessoas, além de sofrimento também. Temos um evangelho que pode balizar, através de nós, o compromisso da solidariedade, da fraternidade, da sensibilidade à realidade humana, da possibilidade de olharmos a sociedade na qual estamos inseridos, com tantas influências opressivas, de uma maneira mais amorosa e doadora. O amor de Cristo em nós, se formos saudavelmente comunidade da fé, pode trazer vida para muitos e transformar realidades. Creio que, quando Jesus disse que edificaria a sua igreja, balizou que seria em um caminho de luta, sofrimento, renúncia, entrega, perseguição, martírio e doação radical.

E, se buscamos balizar uma espiritualidade que é construída com compromisso com o Criador, com a vida, com a pessoa, com a comunidade e a sociedade, temos de olhar para a pessoa de Jesus, pois ele e seu evangelho são os fundamentos para a construção de uma igreja que serve ao próximo, que abençoa, que cura, que traz esperança, no meio de uma sociedade que valoriza o ter, não o ser. O verdadeiro amor lança fora o medo, nos diz João, e precisamos largar o medo de vivenciar a experiência comunitária ou de tentar novamente viver as possibilidades de ser igreja.

Reconheço que, mesmo tentando ser igreja, assumimos também um lado da sociedade de consumo, ainda mais quando estamos inseridos nas agendas e atividades geradas pela vida da igreja institucional. A igreja institucional trouxe em parte um pouco da visão do consumo.

Todo sistema de consumo confere alguma legitimação, isto é, fornece ao consumidor pequenas seguranças e pequenas premiações que o fazem sentir-se bem, uma pessoa melhor por estar desfrutando um produto ou serviço e acreditando que isto é importante na lógica interna da coisa, porém não são todos que desfrutam. As igrejas institucionais, por mais bem-intencionadas que sejam (e, creiam, há muito mais gente bem-intencionada envolvida na criação e na sustentação delas do que seria de supor), funcionam precisamente dessa maneira. Não é à toa que tanto a palavra quanto o conceito propaganda nasceram, historicamente falando, nos salões eclesiais. Se hoje há *shopping centers* e roupas de marca, é porque a igreja inventou o conceito de propaganda e de consumo de massa.[\[6\]](#)

Além de consumir para si, as pessoas religiosas, quando se reúnem, acabam consumindo o que é preparado para elas e fomentado pela realidade em que estão inseridas: a pregação, a chamada “oração forte”, o azeite da unção poderosa e outros apelos, como os eternos carnês que vão gerar prosperidade e mais consumo. No mercado instalado, Deus está disponível para nosso serviço e nossa alegria, criando produtos para gerar prazer e felicidade. Por isso, a mensagem do evangelho, da cruz, de renúncia, do compromisso e do contentamento se torna impopular. Nesse contexto, a igreja caminha desfigurada, sem missão, sem alvos, sem razão de ser, esvaziada em seus propósitos pelo desejo incontrollável de ter, de saciar as vontades de seus membros e de conseguir o poder e a relevância pelo que se tem, não por que se é.

Na medida do possível, temos de viver uma espiritualidade que nos permita sobreviver a tudo isso, perseverando na experiência comunitária, crescendo e sendo transformados em missão. É gritante a decadência que vivemos em tantas realidades da cultura que ameaça a vida e a existência. Por isso, a questão da sustentabilidade e da mordomia no que somos e fazemos ganha cada vez mais importância e urgência. A questão do contentamento é um assunto que igualmente precisa ocupar nossas conversas na família, na comunidade da fé e na sociedade. Dando vazão ao consumismo desenfreado, geramos um descontentamento contínuo e crescente e um caminho para não aprendermos a adorar a Deus.

Anos atrás participei de um encontro em um acampamento em Mogi das Cruzes, São Paulo, cujo tema era *Buscando um estilo de vida simples*. Vários conferencistas, profissionais e teólogos discorreram sobre o tema, com uma visão da simplicidade no Antigo e Novo Testamentos, com um olhar na história e na realidade contemporânea. Foi um congresso muito interessante. Um sociólogo falou em sua palestra inicial sobre o que todos nós, como cidadãos, temos direito de reivindicar (desde luz, uma tomada, uma torneira com água, uma moradia, um prato de comida etc).

Na realidade, o encontro quase não aconteceu. Isso porque a primeira palavra (a de chegada e boas-vindas) veio de um filho de missionário que expôs a vida de Jesus nos evangelhos, as realidades vividas pelo apóstolo Paulo e a sua própria experiência familiar com os seus pais no campo. Ele contou que não se instalou no coração dele, ao viver sua adolescência num país da América Latina de muita pobreza, nem no coração de seus irmãos, um sentimento de revolta e indignação por estarem sendo lesados por Deus ou pelas autoridades, ou mesmo um sentimento de revolta por terem vivido com limitações de saneamento básico, de água, de comida, de luz *etc*. Eles aprenderam a amar a Deus e conhecer a Bíblia ao redor das escassas velas que restavam, agradecendo sempre pelo que tinham. O constrangimento e o quebrantamento em nosso coração foram tão genuínos que quase fizeram que o congresso não tivesse continuidade. Não tínhamos desfeito as malas ainda.

Passei por uma experiência semelhante a essa no interior de Pernambuco, em uma realidade muito adversa que presenciei, quando, ao olhar a escassez de tudo naquela localidade, fui chamado por uma senhora de 70 anos para prestar atenção em uma singela oração que fez. Ela convidou-me a perceber a graça e a bondade de Deus para com ela e sua família, apontando-me algumas cabras que tinham para criar, uma pequena horta que conseguiram fazer e um pequeno açude que tinham construído. Contou que ali puderam começar a estudar a Bíblia e a evangelizar aquela localidade em um ajuntamento feito embaixo de árvores. Eu saí daquela cidade envergonhado e admirado do contentamento daquela mulher, mesmo em meio a tantas lutas e limitações.

Sermos conhecidos pelo contentamento e pela alegria demonstrados com o que temos e do que desfrutamos poderia ser uma marca contagiante e de forte testemunho do evangelho que

abraçamos. Mas, muitas vezes, as igrejas locais esbanjam demais e obtêm visibilidade pelo que têm e conquistaram, jogando sobre os ombros das pessoas o peso por aquilo que ainda não têm ou conquistaram. A falta de contentamento está igualmente presente no universo dos chamados sem-igreja, em diversas áreas, e, muitas vezes, eles jogam sobre a igreja a responsabilidade de serem saciados ou supridos em tudo.

Vivemos em uma época na qual focamos nossa ascensão na sociedade, tanto na igreja como na vida acadêmica e profissional, buscando ter e adquirir conhecimento e posses para atribuímos algum valor e reconhecimento onde estamos diante dos outros. Por que não buscamos uma espiritualidade em que a piedade com contentamento é nossa maior fonte de lucro e expressão da ação do Espírito Santo em nós? Por que não buscamos uma espiritualidade na qual a piedade é prática, não somente uma qualidade escondida e diluída em nosso caráter?

Reconheço que a simplicidade pode ter várias caras em realidades diferentes, mas Jesus foi reconhecido por algumas características que mostravam seu estilo de vida simples, pois era Deus e rico, mas se fazia pobre por amor. Ser conhecido como pessoa capaz de buscar e desenvolver o contentamento, que ambiciona refletir a imagem de Deus em Cristo, servirá como testemunho do amor de Deus que habita em nós e ajudará as pessoas a valorizarem o que têm.

Em relação às igrejas locais ou comunidades da fé, devemos congregar não para sermos servidos e para usufruir, mas para servir vivendo em uma *direção oposta* ao que a sociedade tem nos proposto. Talvez isso esteja incluso naquilo que nos traria indignação, quando Paulo diz que não devemos nos conformar a este mundo em Romanos 12.2. Andaríamos na liberdade dada por Cristo, debaixo de sua autoridade e de seu poder, a qual nos permite amar, comungar e servir ao próximo dando glória a Deus.

Ampliando em minha mente as reflexões de Jacques Ellul em seu livro *Anarquia e cristianismo*, o contentamento e a simplicidade de uma vida de doação seriam transformadores, impactantes no mundo, como canais do amor de Deus, não pela violência. Amor que gera ações, presença, testemunho incansável, não alienação. Afinal, para Ellul, com a conversão e a fé:

nos engajamos em um estilo de vida, em um serviço determinado que Deus pede. Dessa forma, a adesão à fé cristã não é nenhum privilégio somente, mas uma carga extra, uma responsabilidade, um novo trabalho, não para fazer proselitismo.^[7]

O contentamento é o caminho desejável para cristãos que desejam uma experiência comunitária favorável, onde estão e foram colocados para servir e fazer missão. Adequamos responsabilmente nossas expectativas quanto a sermos igreja e o que podemos esperar dela em suas diversas formas com que tem se apresentado. Quando Paulo escreve de Roma, prisioneiro por causa do evangelho, encorajando a igreja de Filipos, com tanta alegria e contentamento em diversas situações, percebemos que é possível viver superando situações adversas sem deixar de perceber a presença e a bondade do Senhor e não se deixando dominar pelo amor ao dinheiro. Em sua instrução a Timóteo, ele diz:

Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, em cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

1Timóteo 6.9-10, RA

Mas aqui simplesmente observemos que é o contentamento que causará um bom impacto na família, comunidade e sociedade em relação ao evangelho. Podemos ser sábios em viver com o que conquistamos com o suor de nosso trabalho e como administramos o que nos foi confiado.

Não devemos ser dominados pela ganância e pela falsa necessidade que sempre nos é

apresentada e maquiada pelos especialistas em *marketing* na mídia. Reconheço que o consumo na sociedade seduz nossa mente e nosso coração, e raramente sabemos lidar com a possibilidade de ter ou de não consumir. Não é certamente o maior fator, mas um grande componente dos relatos dos sem-igreja, machucados na comunidade por suas próprias expectativas indevidas em relação ao que a igreja deveria oferecer aos seus membros (consumidores).

Fomos chamados por Deus. Ele pede que estejamos atentos e não nos deixemos dominar pela sociedade de consumo globalizada, presente nas nações e acintosamente na igreja do Ocidente. Temos de ser diferentes no mundo que nos rodeia de várias maneiras. Devemos ser santos. E um ponto importante sobre essa santidade, na atual geração, é encher o coração do poder que vem de Cristo, que promove um contentamento sereno em todas as circunstâncias.

Deus nos desafia como cristãos e igreja a reconhecermos a falsa segurança do estilo de vida marcado pela ganância e pelo consumo desenfreado. Precisamos ser libertos da força intensa que está sobre nós em uma sociedade de consumo. Precisamos lidar com o querer, com o ter, com o que fazemos, adquirimos ou herdamos, e aprender como isso pode ser benéfico ou não para as pessoas com quem convivemos. É nisso que se instala a urgência de sustentabilidade da vida em todas as suas possibilidades, de sermos mordomos e adoradores do que nos foi confiado. Partilhar é um caminho saudável para a igreja de Jesus e para não gerarmos novos sem-igreja ou inimigos dela.

Os conflitos podem ser sinal de sanidade

“Os conflitos podem ser sinal de sanidade.” Décadas atrás, ouvi esta frase de um experiente pastor mineiro. Recentemente, levei essa compreensão a um grupo de pessoas no estado da Paraíba, irmãos que não desejavam mais uma igreja local, pois diziam que as igrejas da região ciclicamente viviam crises e conflitos e eles estavam cansados disso. No contexto nordestino, encontramos constantemente, durante nossa caminhada, lideranças com heranças coronelistas e personalistas. Conversando com alguns chamados *sem-igreja*, parecia que para eles em uma comunidade que pretende ser espiritual ou ter de fato uma vivência cristã não deveria existir conflitos e crises em sua jornada. Isso não é real, é ingênuo.

Os chamados *sem-igreja* precisam entender que existe a possibilidade da sanidade ser vivenciada mesmo quando existe um conflito. A saúde de qualquer sistema ou instituição que proporciona relacionamentos contínuos — em nível individual, matrimonial, profissional, social, político, financeiro, esportivo ou religioso — pode ser vista como uma *dinâmica funcional de sua capacidade de resolver, equacionar e negociar conflitos* que vão se apresentando no cotidiano. Não há grupo, em nenhum lugar, que estabelece qualquer objetivo ou propósito que estará isento disso. É uma ingenuidade achar que nessas dinâmicas e nesses processos relacionais não ocorram decepções, frustrações, desencantos, expectativas e metas não alcançadas.

No ambiente da fé e da igreja, essa colocação ou observação identifica um pano de fundo que parece não ser desejável, pois cria um ambiente propício para a crítica sobre a vida e a dinâmica de uma comunidade ou instituição. Todavia, todas as igrejas como realidades comunitárias e corporativas continuarão sendo vulneráveis e sujeitas a conflitos e desentendimentos. Os que estão nela ou os que se consideram hoje *sem-igreja* devem reconhecer esse fato, rever suas opções de caminhar longe da igreja e promover uma mudança de mentalidade para encontrar caminhos de esperança.

Fica evidente que algumas pessoas não querem mais a experiência de uma igreja local em qualquer formato ou modelo. Elas fogem desses conflitos e não percebem que é improvável que eles não aconteçam, ainda mais quando nos propomos a uma jornada comunitária. Sem desprezar a dor ou desconsiderar o que experimentaram dentro da igreja, os chamados *sem-igreja*, a meu ver, abandonam um caminho real de crescimento e amadurecimento da fé e da possibilidade de comunhão com os irmãos da comunidade, além da confissão e da prática do evangelho. Eles desistem de vivenciar uma fé mais adulta. Creio ser mais sensato olhar a possibilidade de ser igreja e vivenciar isso de maneira positiva e esperançosa, não de maneira negativa e já aparentemente condenada em sua proposta, pois naturalmente podem ocorrer decepções e

frustrações. Temos de ter uma visão mais realista e integral da possibilidade de vivermos uma espiritualidade cristã provada na adversidade e na crise que surge ciclicamente.

Creio que especialmente os evangélicos acabam vivendo esses conflitos contínuos por causa de sua independência e individualidade devido à forte ênfase que colocam no relacionamento pessoal do indivíduo com Deus. As pregações, a literatura e o ensino que temos visto na mídia reforçam o “eu e Deus”. Essa ênfase antropocêntrica de ser feliz a qualquer custo e fazer somente o que gosto e quero distancia-nos do coração do evangelho, de quem o vivenciou e exemplificou em sua vida e ministério entre nós. Jesus balizou o que ensinou num caminho de doação e altruísmo, importando-se com o outro.

Temos lido e ouvido, com pouca ênfase, uma fé desenvolvida no contexto social em que estamos inseridos, para viver o bem comum na diversidade de pessoas. Um cristão, caso deseje crescer e servir em missão, certamente vai interagir com a comunidade da fé e em uma sociedade civil e deverá olhar o outro, acolhendo inclusive suas falhas e seus pecados.

Algumas vezes, em contextos de perseguição implacável por parte de alguns governos, isso não é possível. Pude presenciar tal fato quando estive em Moçambique, em meio a uma guerra civil de muitos anos, na qual a comunidade da fé se espalhava. Mas a realidade do Deus trino, a quem conhecemos e servimos, é de comunhão e aponta para a necessidade de interação e integração em um caminho de testemunho e serviço, mesmo em contextos antagônicos ao evangelho. Esse evangelho tem um conteúdo que passa longe dos que buscam a fama, o poder e a realização pessoal.

A humanidade presente em cada indivíduo interagindo o tempo todo, e isso de diversas formas na experiência comunitária, é um caminho do qual não podemos fugir ou negar como cristãos, mesmo que tenhamos experimentado decepções e dores com relação a qualquer instituição ou organismo. Claro, temos sempre a possibilidade e o livre-arbítrio para avaliar, discernir e decidir em que comunidade ou contexto social iremos desenvolver nossa fé e espiritualidade enquanto desejamos ser cristãos e servir como cristãos.

Não somos obrigados, ao participar de uma comunidade da fé ou de uma instituição, a ficar sob o jugo de autoridades (líderes, pastores etc) despóticas e personalistas, mesmo que às vezes e circunstancialmente vivenciemos esse tipo de situação. Porém, isso não deve servir como desculpa, “o que importa é minha felicidade e opção individual para viver e desenvolver minha fé”. Isso funciona às vezes como para-raios de críticas a posturas assumidas de forma pessoal ou por instituições, denominações e grupos religiosos sectários que somente enxergam seu próprio umbigo denominacional ou interdenominacional. Falta a visão do reino, a visão do todo que Deus está promovendo em sua obra.

O conflito em si não deve ser visto como necessariamente problemático, ou como chegada de más notícias ou densas nuvens que podem tirar o brilho e a paixão de ser igreja ou de fazer missões. Não significa que a espiritualidade que está sendo construída e desenvolvida é inconsistente e sem raízes. Veja, por exemplo, os conflitos no casamento ou na família em todas as culturas. A diferença entre bons e maus casamentos — ou melhor, casamentos que dão certo ou que naufragam, como as diferenças entre as igrejas saudáveis e as não saudáveis — não é, portanto, a quantidade de conflitos existentes, mas a maneira pela qual lidamos com eles, resolvendo suas questões relacionais e práticas. Na verdade, qualquer igreja local que leva a sério a sua missão de forma comunitária irá gerar todos os tipos de conflitos. Penso até que a ausência de conflito pode mostrar ou evidenciar uma incapacidade de crescer e até uma letargia espiritual em detrimento da saúde.

Existem muitos desafios quando entendemos o que é viver em comunidade ou igreja. A vida em

qualquer contexto — social, religioso, político e étnico — gera conflitos e crises. Temos nisso um constante desafio, sendo a igreja uma *instituição divino-humana*, mais institucional ou orgânica, dependendo da realidade e do tempo que é vivenciada. Se a capacidade de negociar o conflito é um sinal de saúde, e creio sinceramente que é, penso hoje que igrejas evangélicas são, na maioria das vezes, pouco saudáveis nesse sentido.

Na verdade, tem sido exposta essa fragilidade da realidade evangélica ou protestante, fazendo com que a opinião de muitos dentro e fora da igreja seja a seguinte: os evangélicos são intransigentes, muito exclusivistas, corporativos, personalistas e tratam com pouca sabedoria, sanidade e habilidade suas crises e seus conflitos. Reconheço que essa pode ser uma visão um pouco exagerada de toda a caminhada histórica, mas não está tão distante da realidade e deve ser considerada e levada a sério nestes dias em que o caos no ambiente evangélico e protestante está instalado.

Creio, honestamente, que podemos nos encorajar com situações vividas e descritas na Bíblia. E há muito a ser aprendido das realidades vividas no dia a dia de cada um. Por exemplo, a ideia de que a melhor solução desejável é quando ambas as partes que vivem conflitos têm o sentimento de mágoa e passam pela experiência de serem ouvidas.

Curiosamente, esse parece muitas vezes ter sido o caminho ou a estratégia de Paulo, e o conteúdo da carta a Filemom é um exemplo notável. Aliás, uma das cartas menos estudadas nas comunidades locais. Pode nem sempre ser possível alcançar isso, mas é uma boa ambição, enquanto estamos tentando ser igreja. Se existe o respeito mútuo, a consideração, o amor e o cuidado por nossos irmãos e irmãs em Cristo, nós vamos buscar soluções que ajudem a resolver os problemas para que todos fiquem satisfeitos.

Outro recurso muito usado em qualquer grupo ou instituição é o diálogo sincero em reuniões e fóruns, tentando olhar o lado do outro e considerar diversas realidades. Isso deveria acontecer sempre que uma comunidade local tem diante de si uma questão controversa em sua vivência, em seu ministério ou em sua área de atuação. Precisamos ter a vontade, a determinação e a capacidade de discutir e dialogar para chegar a decisões e criar espaços.

Essa é uma crítica construtiva que alguns sem-igreja têm feito e com razão. Não há essas reuniões informais e formais. Os espaços democráticos de diálogo não são desejáveis ou interessantes para dirigentes ou corporações ditatoriais e manipuladoras. Mas, quando esses espaços existem, podem servir de valiosa contribuição para que sugestões sejam ouvidas, consideradas e até acolhidas. Até porque a dinâmica orgânica e cotidiana relacional deveria propiciar isso para aprendermos a ser igreja e cumprir nossa missão juntos.

As igrejas do Novo Testamento, se observarmos cuidadosamente, eram, na maioria das vezes, muito familiarizadas com os conflitos e crises, como, por exemplo, a igreja de Corinto e o caso clássico registrado em Atos 15. Paulo e Barnabé foram envolvidos em um debate sério sobre os gentios convertidos que tinham sido ganhos para Cristo durante a sua viagem missionária. O argumento discutido ostensivamente foi sobre a questão da circuncisão. Alguns dos crentes que “pertenciam” ao partido dos fariseus se levantaram e disseram que os gentios deviam ser circuncidados e obrigados a obedecer à Lei de Moisés (At 15.5).

Essa não era uma discussão menor em sua importância. A circuncisão era o coração do judaísmo e algo muito relevante. A passagem reforça a disputa e o debate afiado sobre esse assunto. O tom, o comentário e o conteúdo da discussão foram radicais e deram um clima emocional à conversa. Mas isso não parece ter sido pessoal. Havia claramente muita lama e pecados escondidos que poderiam ter sido utilizados inconveniente e indevidamente. As questões eram muito importantes para os indivíduos debaterem e relevantes para a comunidade e o futuro

do evangelho. No entanto, houve uma disposição para conversar e não debater sobre questões pessoais. Sem essa atitude e uma vontade significativa para ouvir o que o Espírito tinha a dizer (At 15.8), nenhum acordo poderia ter sido feito.

Ocorreu um debate que poderia ter sido até etnicamente polarizado e sustentado entre judeus e gentios, mesmo com justificativa e compreensão bíblicas. Mas com esforço, paciência e unanimidade encontraram uma solução que transcendeu e superou muitas das atitudes que dividem várias igrejas atualmente. A falta de discernimento nas discussões dividem, ferem e provocam descrédito para os que estão envolvidos nela.

Os *sem-igreja* se multiplicam também porque em muitas situações são frutos de questões mal resolvidas e vão caminhando cada vez mais ao lado ou fora do contexto comunitário. Encontramos exemplos clássicos para a resolução de disputas dentro da igreja local, pouco vivenciados na igreja contemporânea, mas que se apresentam como caminhos ou princípios possíveis:

1. Vontade de discutir as coisas abertamente e com um alto grau de sinceridade, sem diminuir o outro ou tentar introduzir diferenças de personalidade.
2. Atitude corajosa de identificar o problema de forma clara, ou seja, esclarecendo o assunto sem tensão ou disputa.
3. Preocupação de entender não apenas o que Deus tem dito em determinada situação historicamente vivenciada, mas toda a verdade encontrada nas Escrituras que se aplica à situação ou a outras diferentes.
4. Disposição para negociar e chegar a um acordo, reconhecendo que o compromisso em resolver a questão e buscar o entendimento não necessariamente produz uma diminuição, humilhação ou inferiorização do outro.
5. Olhar o reino de uma perspectiva mais abrangente do que o contexto em que se vivencia as tensões. Não sermos reducionistas quanto às situações e realidades.
6. Ter um bom testemunho em nossa caminhada comunitária para manifestar a glória de Deus.

Este encorajamento, no sentido de pensarmos uma mesma coisa, foi um bom conselho de Paulo à igreja em Filipos:

Se por estarmos em Cristo nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros.

Filipenses 2.1-4

Os irmãos da comunidade em Filipos viviam uma realidade de perseguições e estavam perseverando no evangelho que abraçaram. Eles eram uma comunidade sensível, com um coração missionário, e foram a única igreja, segundo o testemunho do próprio apóstolo na carta, a se associar com Paulo em suas necessidades enquanto estava preso. Em sua dinâmica, porém, já estavam vivendo situações nas quais lideranças se apresentavam com opiniões divergentes e que ameaçavam a comunhão e o testemunho dessa comunidade em crescimento, mas que não estava imune a falhas e conflitos nos relacionamentos. Paulo recomendou com veemência a Evódia e Síntique que “pensassem concordemente no Senhor” (Fp 4.2) e que buscassem entendimento e acordo na mesma maneira de pensar.

Hoje somos desestimulados a insistir em conversas e negociações, já que passamos por um caminho exaustivo de tentativas, informais ou não. As lideranças ou pessoas com algum cargo na igreja preferem dividir e começar sua própria comunidade, ou mesmo buscarem se excluir dela, indo para as casas ou, simplesmente, para lugar nenhum. Percebo que uma parte desses chamados sem-igreja fazem essa opção conscientemente e, algumas vezes, de forma inegociável, propiciando um caminho aberto para o cultivo da amargura e do espírito crítico que não busca mais edificar, mas destruir e desacreditar. Ou nem mesmo isso. Às vezes não querem mais saber de nada, deixando de se importar ou de buscar caminhos de esperança.

Creio que a conversa em uma discussão aberta e transparente promove um caminho saudável. Poderia ferir menos gente e diminuir o número dos sem-igreja. A partir dessa discussão de Paulo e Barnabé, toda a igreja cristã tem prosperado e buscado caminhos de crescimento ao longo dos anos. A causa cristã ganha força, e todo cristão se sentiu liberado para alcançar o mundo para Cristo. Que maneira proveitosa e construtiva de resolver o conflito! Nem sempre é tão simples, mas as lições aprendidas aplicam-se a todos os momentos. Aliás, o texto de Atos 15 destacará na história algumas lições preciosas e caminhos apontados pela questão entre Paulo e Barnabé.

A igreja parecia ter pouca paciência com eles e disselhes que escolhessem outros parceiros e focassem a obra do Senhor essencialmente. Parece haver uma distinção aqui: o conflito de personalidade tem uma prioridade muito mais baixa em discussões, especialmente porque essa foi uma equipe de missão, em vez de uma igreja local. Não poderia haver nenhuma questão que destruísse a parceria e a comunhão, mesmo que eles não fossem ficar juntos como uma equipe de liderança. O caso de Evódia e Síntique em Filipos era diferente, por serem da mesma comunidade local. Existem muitos sem-igreja hoje que foram altamente engajados no trabalho de missões e no trabalho local, mas se desgastaram e não souberam administrar os conflitos.

Na caminhada de ser igreja, precisamos aprender a não fugir de conflitos, identificando os estágios que se sucedem nas crises e discussões e lidando com eles. Isso demonstra outra maneira de lidar com o cotidiano da jornada comunitária institucional divino-humana. É também sinal de sanidade e crescimento. Olhar o conflito com maturidade e sabedoria é avaliar a seriedade das questões, percebendo os vários níveis em que o conflito está inserido e as proporções e os caminhos que se pode tomar na comunidade.

Um exemplo é quando entro em uma discussão de um tema acerca do qual já existe um desacordo anterior entre as partes. Para melhor compreensão, ilustrarei um caso: um projeto novo que visa dinamizar a igreja com um papel mais ativo e relevante ou uma prioridade em algum ministério diante da missão da igreja. Na maioria dos casos, inicialmente, não seriam necessários muitos recursos para resolver o que está sendo discutido. Muitas vezes, é necessário apenas que haja uma disposição e comunicação melhor. Deve existir uma atitude não defensiva ou prevenida por parte dos membros da liderança ou da igreja como um todo.

Em um segundo nível, um pouco mais intenso, o conflito é um problema recorrente em que fortes sentimentos e vários argumentos bíblicos, pautados na realidade atual, já foram expressos e indicados com seus possíveis entendimentos. Um exemplo disso seria o debate sobre o papel das mulheres em ministérios ou na liderança da igreja, assunto ciclicamente discutido e presente na pauta de nossas igrejas locais no Brasil.

O terceiro nível de um conflito é percebido quando já existe um crescimento constante de desgaste por um período de tempo sem resolução ou posicionamento, em que “se empurra com a barriga”, na linguagem popular. Nunca se chega a uma conclusão satisfatória. Normalmente preferimos a omissão ou procrastinação de um posicionamento.

Um exemplo clássico em nossas igrejas é o debate permanente sobre o estilo carismático ou

mais avivado de uma congregação, ou a forma emocionalmente retraída e contida pelos que lideram um culto público, ou, ainda, o uso da cultura brasileira nas expressões de adoração e nos cânticos. No Brasil, décadas atrás, tivemos divisões por causa da doutrina do Espírito Santo e da teologia da adoração (confundida com música na maioria das vezes).

Um quarto nível de conflito que normalmente acontece é aquele no qual um grupo significativo da igreja está determinado a avaliar a sua maneira um assunto. Ao perceber uma igreja bastante dividida, acabam utilizando métodos de avaliação que não levam em conta se machucarão alguém no processo, como um rolo compressor sem freios. Os chamados “donos de igreja” aparecem fortemente nesses momentos e ocupam seus espaços, trazendo inquietação e desconforto.

Nesse nível, muitos se machucam, se decepcionam e abandonam a congregação ou a comunhão. Não se percebe sensibilidade ou mesmo disposição em acolher o diferente, o que não pensa inicialmente de igual forma, mas busca-se uma única formatação e se *despreza a diversidade* que enriquece e complementa, empurrando muitos para fora. Muitos dos sem-igreja foram gerados nessas situações e continuam a crescer em tantos lugares diversos.

Quando observamos uma igreja como a de Corinto e suas questões destacadas em duas cartas escritas pelo apóstolo Paulo, percebemos a ambiguidade de vivenciar os valores do reino em nossos relacionamentos. Tudo de bom e de mau acontecia no mesmo ambiente e realidade comunitária, deixando exposta a realidade de ser uma comunidade da fé de seres humanos, contraditórios em sua essência, que não desejavam basicamente a glória de Deus, amar e adorar a Deus, mas sim sua própria glória e satisfação.

Em discussões, é difícil desejarmos retribuir o mal com o bem, celebrar e oferecer perdão aos que nos ferem e que, talvez, ainda nos magoam. É uma realidade desafiadora orar sempre por nossos inimigos, preservar laços de comunhão com irmãos e agirmos com misericórdia com os que nos feriram. Às vezes, em algumas comunidades, somos colocados à margem, outras vezes preferimos sair do convívio da igreja e ficamos escondidos, feridos e anestesiados, cultivando nossa dor e um sentimento contínuo de vitimização.

Não podemos desistir de trilharmos caminhos de sanidade, esforçando-nos com determinação para preservar aquilo que sabemos que somos e devemos ser, isto é, igreja de Jesus presente e atuante, pela qual é possível perceber sinais e indicações da presença do reino de Deus entre nós. Os sem-igreja e todos nós precisamos de *graça e paciência* para tentar viver e enxergar caminhos de esperança para recomeçar, retomar nossa jornada compartilhada, insistir e perseverar em uma trajetória de desafios e lutas, podendo trazer frutos de transformação em nós, na comunidade e na sociedade na qual estamos para ser sal e luz!

Uma igreja saudável busca o dom do discernimento e da sabedoria para saber lidar com cada pessoa e seus conflitos. Certamente fará com que a comunidade local possa emergir desses conflitos mais forte, madura, firme e eficaz em seus relacionamentos e em seus projetos desejados e construídos. A igreja, às vezes, se apresenta exaurida e desgastada, mas pode focar e desejar novamente a sua missão de fazer discípulos e, ainda mais importante, usufruir de todas as possibilidades encorajadoras de ser igreja no melhor que ela pode ser e tem a oferecer.

Ouvindo os poetas para ser igreja Te vejo poeta quando nasce o dia,
E no fim do dia, quando a noite vem.

Te vejo poeta na flor escondida, No vento que instiga mais um temporal.

Te vejo poeta no andar das pessoas, Nessas coisas boas que a vida me dá.

Te vejo poeta na velha amizade, Na imensa saudade que trago de lá.

Contudo, o poema, tua obra de arte, Destaca-se à parte numa cruz vulgar.

Custando o supício, do teu filho amado, A mais alta expressão do ato de amar.[\[1\]](#)

Guilherme Kerr

A amizade e a poesia dos meus amigos Guilherme Kerr, Sérgio Pimenta, Jorge Rehder, Jorge Camargo e de tantos outros na caminhada da fé, da igreja e da arte, sempre me encorajaram em muitos momentos de minha vida em sonhos realizados, dúvidas, reflexões e buscas, a fim de ampliar a visão das pessoas, da igreja e da espiritualidade. Avaliamos, a cada descoberta, algo que ainda podemos melhorar no que somos e fazemos diante da vida. Os poetas e também os profetas parecem caminhar em estradas parecidas e são observadores do seu mundo e do seu tempo, sempre com algo a dizer.

Poetas e profetas têm uma responsabilidade enorme por estarem conectados com sua humanidade e pela busca de entendimento da espiritualidade que a existência nos proporciona. Eles estão atentos à voz do Criador. Tentam traduzir ou denunciar o que se vive e o que se pode viver em diversas dimensões. Não somente observam e retratam, mas fazem conexões, tentando criativamente enxergar estradas e rumos novos para acreditarmos, desfrutarmos da vida e percebemos a mão do Escritor Maior, da história que se delineia. Poemas e canções trazem sons e cores do coração, da vida e da criação.

Poemas e canções a Deus sejam escritos Por todos os peritos a quem concedeu os dons.

Com toda a maestria e ardente sentimento, Em verso o instrumento, e a pena em cantoria.

Proclamem com beleza a sua criação Os feitos de sua mão, sua glória e grandeza.

Pois dele vem a ideia, o movimento e a cor.

A rima, o tom, o amor, os sonhos e a quimera.

Bendito o que se deu aos nossos corações Poemas e canções àquele que por nós morreu.[\[2\]](#)

Stênio Marcus

Atualmente, tenho procurado ouvir mais os poetas e artistas. Recomendo aos que se

consideram sem-igreja um pouco desse caminho, ouvindo poemas e canções e as percepções nelas contidas. Davi e outros poetas nas Escrituras nos ajudam muito na construção da fé a fim de descortinar o coração humano. Reconheço que artistas que ouvi e com quem convivi desde a minha conversão me ajudaram muito na fé cristã, no discipulado, na mudança de mentalidade e a entender existencialmente a minha vida.

Eles me ajudaram a amar e aprender a servir na igreja, construindo relacionamentos e absorvendo as dores desta caminhada. Percepções profundas do mistério da fé, limitações do entendimento para conseguir compreender o Eterno, bem como sua ação no mundo, na história e na vida de pessoas, são contribuições inestimáveis para a construção do que sou hoje como cristão, e devo isso a eles.

Como já comentei anteriormente, minha mãe foi a primeira artista a me influenciar na visão da vida e da fé cristã. Ela me ensinou a aprender a amar as pessoas, a arte e a cultura. Por ser músico e compositor, interessei-me em como poderia ser útil na igreja, comungar na experiência comunitária, repartir e ser igreja, corpo de Cristo, no reino de Deus e na sociedade de maneira geral, usando a arte como instrumento. Procurei, inclusive, retratar um pouco da experiência pessoal que vivi em canções, parcerias e produções realizadas nesses anos como cristão e músico.

Penso que sentimentos provocados pela arte abrem nossa mente para absorver verdades profundas que muitas vezes tentamos explicar pela teologia e não conseguimos. O sentimento está intimamente ligado aos afetos e também à mente. Essa é a mesma percepção judaica ao falar do coração, isto é, algo terreno no qual as emoções estão integradas com o raciocínio. Creio nisso, mesmo que a religião ou a espiritualidade tenham um caminho bastante intuitivo e místico, sensibilizando o raciocínio e criando as raízes da fé.

Carlos Calvani, professor de estudos teológicos anglicanos, refletindo sobre Schleicher, considerado o pai da teologia moderna, aponta esse teólogo como um romântico alemão que tinha a convicção de que Deus não podia ser alcançado somente pelo conhecimento moral nem por meio da ação moral, mas pela intuição de um sentimento de dependência absoluta presente na natureza humana. O Deus da religião não é reconhecido apenas pela aceitação de teorias que tentam explicar ou justificar sua existência, mas é explicado e absorvido por uma experiência pessoal, em uma realidade viva.[3]

O educador Rubem Alves escreveu em um de seus livros o seguinte: Amo na igreja tudo aquilo que saiu das mãos dos artistas. Mas quando ouço as explicações de teólogos e mestres, o encanto se quebra e eu desejaria que eles tivessem falado latim, para que eu não tivesse entendimento.[4]

Aqui reside parte da verdade, e precisamos entender o contexto. Ele comentava que a igreja institucional, informal ou contemporânea, modernizou-se e parecia estar com vergonha de suas tradições e heranças, repleta de manifestações e percepções artísticas, explicitando suas crenças. Pelo excesso de explicações e teses, perdia muitas vezes o *coração* e a beleza da espiritualidade.

Brian McLaren, pastor, colaborador e articulista frequente da revista *Leadership (Christianity Today International)*, fez uma opção de estudar literatura em sua juventude, pois estava buscando “a sabedoria que era encontrada na linguagem mais ampla dos poetas”. [5] Poetas e artistas trazem o frescor das emoções, dos movimentos do coração, das cores, dos sons e do silêncio, da rima e prosa, dos sonhos, das utopias, das contradições, das diversas percepções, intuições, contemplações, viagens da imaginação inesgotável, da ambiguidade real dos relacionamentos humanos e da própria vida.

O vento que bate soprado por poetas e artistas, ora nos fazem pisar no chão, ora nos fazem acreditar, ora nos colocam no curso da beleza ou dureza da vida, ora nos chamam para tentar

identificar ou perceber a transcendência presente no Universo. Esses poetas nos encantam misteriosamente quando falam dos pássaros que anunciam o novo dia, juntamente com o sol que nos chama para a vida. Afinal, os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos, diz o salmista e poeta no Salmo 19.

Rubem Amorese, fundador da Comunicarte, é escritor, compositor e poeta. Foi muito feliz em expressar a criação em parceria com a jornalista Delis Ortiz, em uma de suas canções com o ritmo de salsa: As luzes no céu

São pontos de graça;
Não pense ser seu
Esse tempo que passa.

Os cheiros das flores,
Os risos das cores,
Nos campos, nas praças,
Exalam louvores.

Na terra ou no ar,
Há sons a tocar.
Dos bichos silvestres,
Sinfonias ao Mestre.

Não pensam, oferecem,
A glória é de Deus!
Num tempo de caos,
Ele ordena, obedecem.

[...]

Sim, quero cantar,
Em adoração,
Com meu coração.
[...][6]

Rubem Amorese/Delis Ortiz

Todas essas expressões trazem alento para que desenvolvamos nossa espiritualidade em nosso cotidiano; trazem brisas de esperança, de renovação, de possível ressurreição onde existe cheiro ou sinais de morte; trazem a vida em uma perspectiva ampla e relacional, tanto na família, na igreja, como na experiência comunitária e na sociedade na qual estamos inseridos para sermos luzeiros deste mundo. Apesar da realidade caótica que vivemos em termos de sociedade e da religiosidade eclesiástica, sentimos que é possível estar mais integrados com a criação e com o Criador, sem nos alienarmos da vida e da realidade. Uma realidade que não podemos ou devemos negar, mas que existe, seja com coisas boas, seja com coisas ruins.

Hoje estou convencido de que todos, inclusive os que se consideram sem-igreja, precisam ouvir mais os poetas e também os profetas. Precisam considerar suas percepções, rever e discernir o coração, aprofundar suas convicções, avaliar suas dúvidas quanto à igreja, ao reino e às pessoas que compartilham a caminhada cristã. Todos nós precisamos tentar preservar a fê, prosseguindo na vocação que possuímos. Somos seres criados à imagem e semelhança de Deus para adorar, como membros da comunidade de Jesus, obra feita pelo Espírito Santo. Creio ainda que a igreja pode e deve sinalizar o reino no meio do caos, sem nos iludirmos com uma igreja perfeita que corresponderá a tudo que esperamos.

Os poetas também nos ajudam a deixarmos aflorar sentimentos escondidos, a olhar com mais ternura e graça para as pessoas e suas experiências, a respeitar os limites e processos diferentes

de cada pessoa, a considerar o contexto, a época e as pressões que vivemos de todos os lados. Os poetas nos fazem olhar com graça e misericórdia as pessoas que são iguais a nós, com virtudes e defeitos.

Lamento o tempo em que equivocadamente reduzi tanto o tamanho, a possibilidade e o campo da ação de Deus em minha vida de fé, quase somente como um caráter funcional e religioso, tornando-me um crítico ácido de tudo o que envolvia a igreja. Eram muitas observações sinceras e verdadeiras, e até com algumas razões legítimas. Mas não posso ignorar que foram momentos de muito desencanto, decepção e dor, em que a tentação de desistir da igreja foi grande. Confesso também que em alguns momentos, e até com certa constância, esse vento às vezes ainda bate em meu rosto.

Esse Deus trinitário — que comunga e partilha conosco antes da fundação do mundo, que cria, invade e dá significado à vida em todas as suas dimensões — merece ser conhecido, adorado e servido, com uma fé mais adulta e responsável. Fé que busca a superação e o desembaraço de coisas que nos aprisionam, como a mágoa e a revolta, por exemplo. Fé adulta que não se cansa de tentar novamente, de acreditar, de buscar esperança para ter esperança, pois o mundo deseja de nós amor, justiça e paz, ou seja, expressões do reino que Paulo nos lembra ao escrever aos cristãos em Roma.

Precisamos dos poetas e dos artistas com percepções cristãs sobre a vida, para ousar em criatividade e imaginação, olhando para lados que normalmente não vemos, já que estamos ainda prisioneiros de nossa própria história, com marcas e dores na alma e na mente. Creio que todos, não somente os que se consideram sem-igreja, precisam olhar sempre a cruz e perceber que ela trouxe e ainda traz a possibilidade de cura, restauração, reconciliação, integração, construção e reconstrução, em um processo de amar, ser igreja e viver o reino. Muitos dos que se consideram sem-igreja necessitam de cura em suas emoções e lembranças, mesmo não sendo um caminho fácil para se desejar e percorrer.

Deve-se buscar, inclusive, a capacidade de perdoar os que lhe fizeram mal, pois talvez continue sendo esse um dos maiores e mais profundos desafios do evangelho. Perdoar para não ficarmos prisioneiros dos que nos machucaram e para caminharmos livres, tentando viver uma vida pessoal e comunitária com uma amplitude e profundidade maiores.

Anos atrás, escrevi, junto com Jorge Rehder, a canção *Mágoas e dores*, que foi gravada pelo grupo mineiro Quarteto Vida: As dores que sinto guardadas no peito Conflitos presentes que tiram a paz Rancores que clamam, temores que assolam.

Ah, como dói!

As marcas na alma gravadas estão Que ferem o corpo e sangram o coração Feridas amargas, lembranças profundas.

Ah, como dói!

Mas vem na memória alguém que sofreu As dores mais fortes, castigo cruel Levou sobre si as culpas, pecados, Os erros, as marcas de todos os homens.

Amor que restaura, que cura as feridas Arranca as amarras da alma abatida E traz a alegria, a paz desejada, Que aquece, transforma, abraça e anima Convite pra vida do amigo Jesus![\[7\]](#)

Nelson Bomilcar e Jorge Rehder

Poetas e artistas cristãos também têm contribuído para o fortalecimento e a perseverança em acreditar que é possível ser igreja, comunidade de Jesus, com tantos desafios relacionais e práticos, como sinal da presença do reino de Deus aqui na terra. Penso que os que se consideram e se sentem sem-igreja, por trás de seus clamores, em seus gritos, escritos, críticas, inconformidades e dores, estão buscando aceitação em suas considerações e tentando encontrar

caminhos de comunhão. Em muitos casos, também reagem contra a igreja pelo fato de terem essa jornada comunitária interrompida em várias ocasiões e por fatores diversos.

No entanto, minha percepção diz que ainda anelam na alma o desejo de acreditar e tentar novamente. Nosso coração e carência humana de relacionamentos se apresentam com muita intensidade, e vamos aqui e ali tentando nos religar e buscar essas conexões. As conexões são necessárias para nosso crescimento como pessoas, para nutrir a fé e perseverar na experiência de ser igreja do e para o reino. O psicólogo clínico e fundador do New Way Ministries Larry Crabb foi muito feliz ao retratar essa questão em um dos seus livros mais consagrados e que nos trouxe alento. Isso também foi retratado no coração do poeta e músico brasileiro Jorge Camargo.

Meu sonho, meu anseio, meu anelo Há muito é o de me encontrar.
Achar o rumo, a ponta do novelo E ver a vida desembaraçar.

Meu grito de socorro é por afeto, Carinho, amor, graça e compaixão.
Viver família, de coração aberto, provar do pão, do mel, da comunhão.

Eu quero ter a tua paz bendita.
Preciso ouvir a tua voz, Senhor.
Da tua luz brilhando em minha vida iluminando o meu interior.

E repartir com outros o que sinto A viva fé, o fruto do perdão.
E assim crescermos juntos num só corpo, saber de fato o que é conexão.[\[8\]](#)

Jorge Camargo

As conexões acontecem o tempo todo em nossa caminhada. Mas as rupturas também existem pelo desencanto, pela frustração, pelo descrédito, pela decepção, e vamos abrindo mão de dividir e compartilhar. Ficamos à margem e sem forças para continuar a ser corpo e família da fé. Foi o que ouvi ao conversar com um pastor no Pará, no norte do Brasil, depois de ter servido 25 anos em uma mesma igreja, vendo sua família machucada e esgotada pelo ativismo vivido e por questões relacionais não resolvidas.

Mas não podemos negar que também a experiência comunitária de vivermos a realidade de ser igreja, instituição divino-humana na qual estamos inseridos por obra do Espírito Santo, nos proporciona, nessa direção, receber e gerar vida. Novamente, a dinâmica e a ambiguidade da igreja se manifestam: a igreja fere e cura, o humano e o divino atuam e são realidade nela. Nos dias de hoje, precisamos de graça e de um entendimento mais amplo e real sobre esse caminho.

Creio que Deus está nesse caminho de reconstrução e de novas tentativas, até porque a alternativa de isolamento não me parece a mais sensata e sábia. Tenho visto em muitos cantos do Brasil igrejas simples e preocupadas com o bem-estar do próximo, tanto dentro de sua comunidade como fora dela. Elas não desistiram de partilhar. O educador, pastor e poeta Gerson Borges mostra que, de alguma forma, a glória de Deus está nesse caminho de compartilhamento.

A glória de Deus é compartilhar, é dividir, é repartir, multiplicar.
É ver a sua abundante graça
Agir onde havia desgraça.

O riso de Deus é a comunhão
Eu e você querendo ser um coração.
É ver a mão da gente estendida, É ver a nossa vida gerando,
Gerando mais vida.

Mas a lágrima dos olhos de Deus É ver os que dizem ser seus
Vivendo pra si, morrendo pra si Mesmo assim, achando-se filhos de Deus.

Não era pra ser assim
Não era o que Deus planejou.
Mas ver a nossa vida gerando,

[...]

Gerando mais vida.[\[9\]](#)

Gerson Borges

Sem dúvida, ouvir os poetas que vez por outra se tornam profetas pode nos ajudar a olhar com mais candura, paciência, esperança, longo ânimo e graça, para a igreja e a experiência desafiadora de sermos comunidade da fé. Os profetas nos ajudam a colocar o pé no chão, no presente e no futuro, considerando o Deus da história.

Os poetas nos ajudam com a imaginação, na construção da fé responsável, regada com os significados infinitos da poesia, inclusive de uma poesia que tem um coração aberto para o Deus que age na comunidade, que é criador, criativo e fonte de toda a inspiração. Ele que pode restaurar o sonho de sermos igreja e comunidade da fé, como missão contínua na vida. Os poetas nos ajudam a encontrar e imaginar caminhos de esperança, como Reny Cruvinel e Carlinhos Veiga nos mostram na música *Tempos de paz*, autores e compositores que expressam nossa cultura e tentam traduzir nossas questões: A vida ainda vai me dizer

Se vale a pena soltar a canção por aí Será que vai valer?
Ser guiado pela paixão
Acreditar que a poesia transforma em luz Qualquer escuridão
Pra cantar, vou sonhar

Será que vai valer
Deixar de viver
Pra poder te encontrar
Sorrir com o coração
Cantar toda esta luz
E sonhar...e viver de amar...vai valer?

Sei que a vida vai me dizer
Que vale a pena plantar e colher por aí Sementes desse sonho
Crer que essa louca canção
Transformará toda luta em tempos de paz Espero na esperança
Por sonhar, vou cantar

Eu sei que vai valer
Deixar de viver
Pra poder te encontrar
Sorrir de coração
Dizer do meu Jesus
E sonhar...
E viver desse amor...
Vai valer
E plantar... e colher esses sonhos... vai valer.[\[10\]](#)

Carlinhos Veiga e Reny Cruvinel

Cultivar e regar a esperança em ações concretas para viver a igreja, para ser corpo e celebrar a perspectiva do reino que já está sendo implantado, desenvolve a capacidade de comungar e desejar a comunhão. Perceber que vale a pena plantar e colher, mesmo que não aconteçam os retornos que gostaríamos em nossas equivocadas motivações ou que buscamos para nossa própria realização.

Sempre valerá a pena confiar nos recursos da graça e da presença de Jesus em sua igreja, que

cuida de nós e nos sustenta como pessoas e seres humanos, entendendo nossas limitações e dificuldades de vivenciar a experiência comunitária em tantas circunstâncias diversas e na dinâmica da vida e do tempo em que vivemos. É o que cantam os poetas, que muitas vezes se tornam profetas. Ou os profetas, que muitas vezes se tornam poetas. Na obra de Gladir Cabral, poeta e pastor, eu encontro os dois.

É bem melhor serem dois do que um, Já dizia o santo livro,
Do que viverem perdidos em seus corações.
É bem melhor serem dois numa dor, E serem dois num sorriso
É bem melhor serem dois numa linda canção.

Na verdade ninguém vive só por viver, Mas vive pra outra pessoa
E se faz ser completo
No instante que vive no outro...
É assim...

A tempestade é filha do sol,
E a chuva, amiga das plantas.
As plantas são o abrigo das aves, E as aves são nossa alegria.

A juventude é mais bela se está Emoldurada no velho.
E o velho tem mais sentido
Se tem a essência do novo.

Não se pode num tempo ter todas as cores, Bem menos ter todas as faces,
Até o “não” se completa no “sim”, Tomando-se de mais sentido.
É assim...[\[11\]](#)

Gladir Cabral

Continuo enxergando a possibilidade de muita vida na complementaridade que temos quando tentamos ser igreja, reconhecendo o valor e a necessidade do outro para expressarmos algo maior na sociedade em que estamos inseridos e usufruir dos recursos e da graça por meio da vida dos irmãos no corpo de Cristo. Tudo isso com o foco de sermos o que precisamos ser aqui na terra, sal e luzeiros deste mundo, como também referenciais do poder e da presença de Jesus, tornando-nos novas criaturas para sermos canais do seu amor e comunicar a verdade com beleza, integridade e esperança renovada, enquanto ajudamos na implantação de seu reino. O reinado de Jesus precisa começar em nossa vida, em nosso coração e em nossa família e desembocar em uma experiência igualmente comunitária como igreja, como pedras que vivem e se completam.

O desafio comunitário de ser igreja (não sem-igreja)

Fomos introduzidos no corpo de Cristo pelo Espírito Santo com a proposta comunitária de ser igreja. A proposta relacional que vemos entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo continua imutável, e, se desejamos ser a expressão visível de Deus aqui na terra, precisamos considerar esse caminho com paciência, firmeza e perseverança, apesar dos reconhecidos ventos fortes e contrários que surgem em nossos dias. Servimos a um Deus trino, que é comunidade e comunitário. Um mistério da fé, mas também um referencial.

A comunidade é a proposta básica da igreja no cumprimento de sua missão, que deve sinalizar e balizar os valores e a mensagem do reino. Ser comunidade é quase um jargão, muitas vezes desvinculado de seu sentido, pois tem dimensões diferentes em várias culturas. Como já comentei, a palavra *comunidade* é entendida em vários sentidos, assim como a palavra *igreja* que adquiriu uma gama enorme de significados atualmente. Será que realmente importa considerar isso? As palavras estão sempre mudando os seus significados e, portanto, certamente devemos nos sentir livres para utilizá-los e contextualizá-los, sem fugir da essência e das conotações históricas.

Os sem-igreja reclamam e muito do fato de não viverem as possibilidades de ser comunidade, afirmando e identificando que a instituição sufoca e desfigura a comunidade ou o “senso comunitário”. Essa reclamação tornou-se um chavão de explicação na igreja do Brasil para justificar a ausência, a distância e a opção de estar fora da igreja. Ou serve ainda como rota de fuga para se esconder das pessoas, nos chamados grupos pequenos, onde teoricamente poderia se viver, coerentemente e com profundidade, o senso de comunidade de maneira transparente, com sinceridade, verdade e mutualidade.

A palavra *comunidade* está presente nos lábios de muitas pessoas nos vários segmentos da sociedade. Quase sempre baliza boas coisas e caminhos comuns a todos de determinado grupo. Ela tem sido usada de muitas maneiras e com significados diferentes e amplos. A palavra *comunidade* tem um entendimento com várias direções na história, em realidades urbanas e rurais, em países e culturas diferentes, nas diversas épocas.

A comunidade pode ser compreendida de diversas formas, por exemplo:

1. Qualquer grupo de pessoas, pequeno ou grande, que, inicialmente, se origina de forma orgânica, em vez de ser organizacional. Possui *links* de interesses comuns (por exemplo, um grupo de amigos que regularmente desfrutam das férias ou de algum tipo de entretenimento em algum

lugar juntos).

2. Um aglomerado de pessoas inseridas em algum tipo de *relação de parentesco* (como uma família, uma tribo ou um clã). Esse é encontrado em relatos do Antigo Testamento.

3. Um grupo de pessoas com intensa *experiência emocional e física compartilhada* (como um grupo de retiro em uma escola, com objetivos de integração e sociabilidade).

4. Um grupo de pessoas que se formou em uma *localidade ao longo do tempo*, com alguns compromissos ou vínculos, interesses e preocupações comuns (por exemplo, um grupo ou um ajuntamento mais rural, ou uma chamada “tribo urbana”, encontrada na cidade. Os “sem-teto” são um bom exemplo).

5. Um grupo que se forma com uma proposta de *longo prazo*, que se reúne de forma recolhida ou aberta, com contato pessoal contínuo, e que procura desenvolver laços mútuos, demonstrando cumplicidade (como um pequeno grupo da igreja ou em uma casa).

6. Um grupo de pessoas que vivem juntas e têm um alvo ou uma missão em comum (por exemplo, uma ordem religiosa ou ONG], que se reúnem em casas ou em outros espaços alternativos).

7. Um ajuntamento e um corpo maior que se reúne regularmente em um espaço, buscando engajamento artístico, esportivo, intelectual, educacional, político, social ou até mesmo religioso (como um centro social ou acadêmico, uma câmara municipal, um centro cultural, uma sinagoga ou uma igreja local).

Embora essa abordagem seja possível ou verdadeira, os problemas surgem quando o *conteúdo* e o *significado teológico* — ligados ao uso da palavra *comunidade* de uma forma mais particular — são *inadequadamente* definidos, com base em nossa realidade, com circunstâncias diversas. Muitas vezes, o conteúdo é *diminuído e se torna restrito*, porque o sentido original do termo ganha muito espaço e amplitude, tornando-se muito difundido e, portanto, confundido.

Por exemplo, de acordo com o Novo Testamento, as relações entre membros da igreja devem ser regidas e norteadas pelo amor dentro da comunidade da fé. Nessa comunidade que é a igreja, fomos inseridos para amar e sermos amados, em uma proposta contínua de vivência do evangelho. O dr. Paul Stevens, professor de teologia do trabalho e liderança no Regent College, em Vancouver, Canadá, chama a nossa atenção quando escreveu:

Sob a Nova Aliança, somos preenchidos por Deus com um amor ardente pelo seu povo. Continuamos ininterruptamente a ser cheios pelo Espírito Santo (Efésios 5.18). O efeito desse “inundar” de Deus não é manifesto somente por nossa capacidade de cantar cânticos espirituais, mas por nosso amor pela igreja (Efésios 5.23). A igreja não é o cadáver de Cristo ou o corpo de cristãos. É o corpo de Cristo. É impossível estar em Cristo sem estar ligado em seu corpo, com quem Cristo, o Cabeça, está intimamente ligado. Por isso não somente é impossível sermos cristãos individuais, mas igualmente impossível estar em Cristo sem nos preocuparmos com o corpo de Cristo, nos inquietando por sua desobediência e cuidando de seu crescimento até a maturidade da humanidade de Jesus. [...] Espiritualidade profética é a paixão por justiça e amor pelo povo de Deus.^[1]

O amor que é construído no processo de convivência e de forma constante é exposto e nutrido por todas as possibilidades de situações que acontecem enquanto tentamos servir a Deus e ao próximo.

Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns para com os outros, pois aquele que ama ao próximo tem cumprido a Lei. [...] O amor não pratica o mal contra o próximo. Portanto o amor é o cumprimento da Lei.

Romanos 13. 8,10

Cumprir a Lei é a vivência da graça nos relacionamentos que não desistem de amar, mesmo

com as decepções e frustrações que acontecem na caminhada. Esse é um encorajamento para os que se sentem sem-igreja e desistiram de continuar na experiência comunitária.

Quando Paulo escreve à igreja de Corinto, diz:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

1Coríntios 13.4-7

E a igreja em Éfeso é ensinada e encorajada no caminho e exercício relacional contínuo do amor “Portanto, sejam meus imitadores como filhos amados, e vivam em amor, como também Cristo nos amou” (Ef 5.1-2).

No desejo de ser comunidade, não nos apercebemos de que as oportunidades de aprender o significado do amor vão se avolumando a cada dia.

Eu estava na Paraíba, em uma pequena cidade do interior, quando uma pessoa me perguntou se aconselharia hoje as pessoas a desistirem de estar em uma comunidade por causa da hipocrisia e do descaso de muitos com o outro e com a fé. Essa pessoa estava evidentemente magoada, partindo quase para ações de revide e com rompimentos explícitos, tal o ódio nutrido contra os que a ofenderam ou machucaram em alguma experiência passada. Reclamava de ter visto se perder a oportunidade da experiência comunitária que tanto desejou e cultivou.

Atualmente, é patente que, para vivermos o evangelho nas dimensões mais profundas e cotidianas em nossos relacionamentos como igreja, como instituição divino-humana, que tenta cumprir seu propósito, seríamos naturalmente levados a vivenciar situações rotineiras que nos proporcionariam esse caminho de aprendizado, com *bons* e *maus momentos relacionais* no que somos e fazemos. É verdade que vivenciamos situações e oportunidades de experimentar e desenvolver a qualidade desse amor que nos foi recomendado e que é caminho para nos tornarmos mais parecidos com Cristo, com as lutas, os desgastes e os sofrimentos da caminhada.

Os relacionamentos comunitários, superficiais ou não, aos quais chamo de *senso comunitário*, senso de interação e doação, variando, a meu ver, o nível de importância, geralmente produzem crises, decepções, traições, frustrações, e tornam-se oportunidades para conhecermos sua complexidade desafiadora. Vamos dando conta das possibilidades desse tipo de amor, misterioso e profundo, oriundo de Deus, que está em Cristo e que temos de desenvolver e aprender, continuamente vivenciado e exercitado em nossa humanidade. Os chamados sem-igreja precisam atentar para essa realidade que se apresenta o tempo todo.

À palavra *comunidade* damos ainda um significado mais profundo e concreto quando se refere a um grupo de pessoas que continuamente mantêm uma relação estreita, próxima e íntima, que estão regular ou cotidianamente reunidas. Esse foi o caso nas primeiras comunidades cristãs relatadas em Atos dos Apóstolos, tanto em um ajuntamento de tamanho e nível menor e/ou maior quanto em relação àqueles que foram capazes de se reunir com informalidade em uma casa. Precisamos novamente nos encantar com essa proposta de construir relacionamentos de amizade e comunhão, enquanto tentamos ser igreja do reino. Reconheço que podemos fazer boas amizades fora do contexto da igreja, pois tenho muitos bons amigos. Mas percebo as limitações em relação à questão da fé, pois não compreendem muito da minha atual visão da vida.

Quando a palavra *igreja* é usada com o significado de lugar ou espaço para o ajuntamento de um grande número de pessoas, dificulta a compreensão do que é igreja *universal*, isto é, que tem um aspecto mais invisível de pessoas que creem e que estão espalhadas por todo o mundo, reconheço que há uma mistura de entendimento que descolore ou descaracteriza um pouco da sua

essência.

Ao encarar, ao mesmo tempo, a igreja como universal e como espaço, não como comunidade, observa-se que a ideia de igreja ganha um espectro muito maior de possibilidades, ao mesmo tempo que sai mais enfraquecida na qualidade e na profundidade de vivenciar o amor, a comunhão e o serviço prático. O sentido de *ser comunidade* também muda e ganha outros entendimentos e contornos. Não é realmente fácil clarificar a igreja como comunidade por alguns ângulos, por isso não podemos ser românticos em nossas expectativas.

Essa questão de compreendermos corretamente a palavra *comunidade* é agravada se o significado da palavra é determinado pelo uso moderno que temos hoje, reduzindo sua compreensão e destacando somente o papel das *emoções* mais do que das *ações*. As ações focam mais atitudes de serviço, compromisso e dedicação abnegada, quase sempre de forma disciplinada e sacrificial, pelo outro ou por uma causa. Essas distinções que encontramos ao longo do tempo têm uma longa caminhada histórica e filosófica entre os tipos de grupos aos quais as pessoas pertencem.

Em alguns casos na comunidade, há ligações *naturais* evidenciadas por meio de pessoas pertencentes à mesma família ou que vivem no mesmo lugar, ou ainda onde as pessoas simplesmente estão juntas para sobreviver, partilhar e se dispõem a viver uma vida em comum. Em outros casos, as ligações são mais *racionais*, criando vínculos por meio da adesão a uma empresa ou a um clube, em que pessoas buscam uma finalidade específica dentro de seus projetos e planos.

O primeiro tipo de relacionamento em uma comunidade é ou pode ser um fim em si mesmo, ainda que outras coisas brotem ou surjam fora dele. O segundo tipo, uma associação ou sociedade, é um meio para outro fim: é orientado ou focado em alguma tarefa e não existe somente para seu próprio benefício ou crescimento. Alguns pensadores e teólogos enxergam as comunidades sob a ótica de sua *funcionalidade* mecânica, orgânica, familiar, contratual ou natural. A funcionalidade natural tem norteado hoje a maioria das igrejas locais; entretanto, ambos os tipos de grupos são encontrados em cada sociedade.

Após a Revolução Industrial, porém, uma grande mudança ocorreu no significado da palavra *comunidade*, quando a maioria das comunidades *naturais* foi quebrada ou enfraquecida em favor das mais *planejadas* e *organizadas*. Enquanto esse tipo de relacionamento foi introduzido, visando uma possibilidade maior, com mais probabilidade de atingir determinados fins, sem dúvida contribuiu para a perda dos laços estreitos que unem as pessoas.

Em nome das metas da comunidade, de natureza mais corporativa, perde-se o senso *relacional de corpo* que se ajusta e é resultado do somatório de seus membros. Em uma proposta mais corporativa, a competição, não o compartilhamento, se torna algo mais corriqueiro. A competição na comunidade se tornou uma realidade que desfigurou um pouco o senso comunitário e seu sentido de promover integração. A cooperação se tornou a segunda, não a primeira, meta de ser e se sentir *comunidade*.

Muitos dos sem-igreja hoje viveram essa realidade e foram inseridos em processos de competição. É por isso que atualmente, com a perda de muitas pessoas da comunidade, o lamento está presente, principalmente quando olhamos para trás com a nostalgia dos tempos anteriores, de comunidades urbanas, rurais ou realidades em que foi vivenciado o “senso” de pertencer a uma comunidade, enfim de ser comunitário de forma abrangente e completa. Muitos fizeram ou construíram amizades para a vida toda e procuram manter o relacionamento com essas pessoas sempre que possível, ao longo do tempo.

Mas vivemos uma realidade hostil e opressiva, que dificulta a experiência da comunhão, de ser

comunidade e igreja. E essa igreja sofre essas dores para tentar viver sua essência e natureza.

A igreja, o lugar da comunhão por excelência, vem também se transformando num lugar hostil. Há o medo de se expor, de não ser compreendido, de ser explorado ou agredido emocionalmente. No entanto, o chamado para a vida cristã é um chamado à comunhão, à hospitalidade. A conversão é o movimento que nos leva da hostilidade para a hospitalidade, criando espaço necessário para a manifestação do amor de Deus.^[2]

Comunidade também inclui a casa, as corporações de trabalho e ofício, inclusive na igreja, apesar de percebermos, ao longo de sua caminhada, cada vez mais a tendência de incorporar características de uma associação ou cooperativa. Por exemplo, para muitas pessoas o casamento tornou-se um acordo contratual que pode ser facilmente quebrado se certas metas ou obrigações não forem cumpridas, semelhantemente ao que acontece em um local de trabalho regido por contratos e regulamentos, não por laços familiares.

Em muitos lugares, a igreja se tornou uma espécie de corporação, destacando e priorizando os programas e os eventos, em vez de propiciar caminhos em que o corpo de Cristo experimente mais a cumplicidade e a profundidade do companheirismo. O elemento comum do “senso” de comunidade na família, no trabalho e na vida da igreja foi novamente reduzido, lamentavelmente, por meio da intrusão e da aplicação de procedimentos burocráticos e regulamentos que engessam e dificultam a construção de relacionamentos de amizade. Aliás, em alguns casos, nem se deseja mais esses vínculos.

A distinção entre comunidade e uma associação também é útil na diferença entre os vários tipos de grupos de cristãos que encontramos. Ela nos ajuda a compreender a distinção bem conhecida entre as congregações e irmandades (grupos de uma missão, ligados e fundamentados na obra de uma pessoa que os inspirou), entre a igreja local e as organizações chamadas paraeclesiásticas, e entre os grupos de apoio que caminham ao redor para que essas comunidades existam. E em todas elas vivemos dificuldades relacionais, rupturas, desapontamentos e às vezes jogamos a toalha, desistindo de caminhar juntos.

Enfim, nessa caminhada os sem-igreja vão surgindo, desejando algum caminho novo. Creio que todos precisam considerar os melhores caminhos para vivenciar o senso comunitário em relação à realidade de ser igreja. Na medida do possível, precisamos espelhar o senso de integração e comunhão que sempre existiu entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Em determinado momento de sua vida, Paulo estava prisioneiro em uma casa por causa de seu ministério apostólico de anunciar o evangelho e tornar Cristo conhecido como Salvador e Senhor. Ele escreveu uma carta à igreja de Filipos recomendando aos cristãos dessa comunidade local que vivessem de modo digno do evangelho de Cristo, nutrindo e preservando a comunhão e a unidade, lutando com uma só alma pela fé no evangelho (Fp 1.27).

Jesus orou ao Pai pedindo que os discípulos que creram no evangelho e os que viriam a crer nele vivessem em unidade, assim como ele e o Pai eram um. Ele sabia que se nutrissem o senso de comunhão, expressando o mais completo e profundo grau de significado do ser *comunidade*, que partilha a vida com intimidade, respeito e amor, teriam um enorme impacto na sociedade e na expansão do reino de Deus. Em João 17, Jesus diz que o mundo iria crer que ele veio da parte de Deus manifestar sua vida e glória aqui na terra por meio do amor incondicional que sentiu por todos nós.

Os que se sentem sem-igreja precisam dar uma nova oportunidade de viver a plenitude do Deus que habita na igreja, comunidade da fé.

Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja, que é seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância.

Entendo que viver essa plenitude é também recebê-la por meio dos irmãos que são e fazem parte da igreja, em diferentes contextos e formas com que essa igreja se expressa. A presença de Jesus nela é o que nos anima, é o que renova nossa esperança, ou pelo menos deveria renovar.

Os erros cometidos pela igreja, isto é, enquanto comunidade, enquanto instituição divino-humana, não retiram, anulam ou fazem com que a presença de Jesus se desvaneça ou desapareça. Jesus não desistiu de apresentá-la, segundo Paulo, sem ruga ou mácula, e de forma gloriosa quando voltasse. Mesmo estando nela com nossos erros e pecados registrados na história de sua caminhada, por sua natureza e essência espiritual, vemos sopros de vida que vêm daquele em que habita toda a plenitude da divindade. É possível balizarmos aqui e ali sinais de seu reino aqui na terra, mas precisamos desejar ser o que temos de ser nesse organismo vivo. Cada um precisa redescobrir seu caminho e seu espaço nele. O reino de Deus torna-se visível em qualquer comunidade, desde que um grupo de pessoas se reúna em nome de Jesus. Ele disse:

“Pois onde se reunirem dois ou três, em meu nome, ali estou no meio deles”.

Mateus 18.20

Frequentemente, os autores apostólicos se referiram à igreja como o corpo de Cristo. A intenção de Deus é que cada congregação de crentes em Jesus seja uma surpreendente revelação da presença do seu reino na terra. Esses admiráveis agrupamentos celestiais são expressões audiovisuais da continuidade da vida e do ministério de Jesus, em sua plenitude, neste mundo mau.^[3]

Vivenciar o reino e ser igreja do reino é um constante desafio. Ser comunidade que experimenta o perdão, a cura e a reconciliação enquanto estamos fazendo missão é um desafio ainda maior. Desejo ver nascer novamente, nos olhos dos que são igreja e estão nela, constantemente, o brilho e a paixão pela igreja do Brasil. E, mais ainda, nos que estão sofrendo também por se sentirem sem-igreja e acolhimento. Na verdade, entendo que alguns se sentem aliviados em viver longe dos devaneios e distorções daqueles que, liderando comunidades e instituições, confundem a natureza, a essência e o real propósito de ser igreja.

Mas reconheço: não há fórmulas nem modelos nos quais ela se apresenta infalível e onde consigamos realmente viver as possibilidades benéficas de sermos comunidade de Jesus Cristo aqui na terra. A história da igreja é testemunha disso. Apesar disso, é preciso perseverar e acreditar que é possível viver muito do que foi proposto para ela pelo Senhor da Igreja. Tenho testemunhado que isso continua sendo possível, apesar de muitas vezes o ter questionado com intensidade em minha caminhada.

Os homens estão na igreja e na comunidade. Os homens cristãos estão nas igrejas locais. Alguns melhoram como cristãos e outros não, e essa herança adâmica presente ainda fere muita gente, mesmo sendo homens que possuem as mais bem-intencionadas tentativas de ser igreja. Eu reconheço o que Philip Yancey escreveu em um de seus livros, quando faz observações sobre a vida e a obra de Leon Tolstoi e Fyodor Dostoievski:

Quando penso nos indivíduos cristãos que conheço, vejo algumas pessoas que mudaram para melhor por causa da fé, mas também encontro alguns que pioraram bastante. [...] Em minha própria experiência, pude perceber que aqueles que mais se esforçam e creem de maneira mais fervorosa, geralmente são as pessoas menos atraentes. Como fariseus dos tempos de Jesus, eles se envolvem em competição e terminam mais hipócritas que justificados. [...] Como é possível resolver a tensão entre os ideais do evangelho e a realidade daqueles que o professam?^[4]

Não temos respostas precisas para essas questões. Engato nesta observação todos os que têm estado na igreja em algum momento ou época de sua caminhada, informal e institucional, tentando

viver os ideais do evangelho. A tensão e o conflito em tantas áreas continuam na experiência comunitária, na instituição divino-humana que é a igreja, no coração e na mente de muitos que desejam fazer o bem e acabam fazendo o mal que não desejam, nas contradições e ambiguidades que teimam em se manifestar e que, muitas vezes, nos desestimulam a continuar a tentar ser igreja.

Vale a pena, em minha opinião, continuar a perseverar, caminhando na igreja, por meio da qual Jesus resolveu não só habitar, mas também fazer sua obra aqui na terra. Igreja de homens e mulheres que tentam viver seus propósitos, apesar dos constantes ventos desfavoráveis e nem sempre animadores. Reconheço que

há gente cansada, porque fez muito e acabou sufocada pela incompreensão e pela crítica. Há gente cansada por não ter feito nada. Há gente que se cansou de sua própria acomodação. Há gente cansada de esperar atitudes coerentes.^[5]

Cabe a cada um de nós, de forma honesta e sincera, não somente fazermos rapidamente ou com mais tempo diagnósticos da condição da igreja, mas também nos incluir como parte das soluções possíveis para vê-la mais parecida com Jesus aqui na terra. Acredito na igreja porque tenho visto muitas manifestações e expressões do melhor dela em inúmeros lugares pelos quais tenho passado. Misturado a tudo isso, tantas outras que estão desfiguradas e dilaceradas, pois foram transformadas em organizações inflexíveis, conduzidas de forma administrativa e institucional no que têm de pior, buscando resultados e afastando-se da sua missão e razão de existir. Clamemos para que Deus avive sua obra e presença nela, trazendo cura e redirecionamento, pois o seu amor incondicional por ela está garantido e preservado.

Ao pensar em suas próprias histórias e nas pessoas que machucaram e erraram com você na igreja divino-humana, pode até ser que não deseje mais ou não encontre nada que possa ajudar a resgatar a credibilidade nas pessoas ou na igreja. Pode ser que nem mesmo deseje dar a si mesmo ou ao outro uma outra chance. No entanto, recomendo que você tente, seja qual for o caso.

[...] se você puder encontrar a menor abertura de compaixão por suas vidas, deixando que o espírito de misericórdia e graça possa fazer fluir o perdão e deixar você livre.^[6]

Temos de ser proativos na direção da comunidade e buscar nossa integração por caminhos e portas que encontramos, apesar de talvez precisarmos ajudar a construir algumas dessas portas. Precisamos, claro, de muita perseverança, disposição e de viver um pouco mais do amor incondicional que Jesus demonstrou por nós, quando estávamos com nosso coração e nossa mente inclinados em uma direção oposta de sua amizade que nos foi oferecida na cruz. Um amor constante, insistente, demonstrado, provado e igualmente respeitador de nossas decisões e opções. Um amor que nos chama à sensatez de perceber que temos muito a ganhar se conhecermos a pessoa de Deus por meio de seu corpo. E, conhecendo-o, vamos nos consagrando em sua obra e absorvendo suas prioridades e agenda relacional com pessoas de todas as culturas, raças, tribos e nações. Um amor misterioso a nós revelado em Cristo, expressão exata de seu ser.

Ser igreja: buscando caminhos de esperança

Creio, sinceramente, que não devemos desistir de buscar caminhos de esperança, que nos encorajem a seguir a experiência comunitária de ser igreja. A proposta de vivenciarmos a comunhão que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo — a de, apesar de nossas diferenças e opiniões, preservarmos a unidade em amor enquanto servimos a ele e ao próximo na implantação do seu reino — continua sendo contagiante e desafiadora. Não me sinto responsável em defender a igreja, pois creio que ela, por sua essência, natureza e missão, não precisa de defesa.

Por trás dessa caminhada de tentar ser igreja, temos, sim, aspirações relacionais de viver o amor em uma abrangência maior e que sacia nosso coração e nossa alma. O dr. James Houston escreveu:

Nunca é demais enfatizar a importância de nossos relacionamentos com outras pessoas e com Deus. O amor cristão constitui uma associação de fazer o bem, de redimir uns aos outros, de nos reconciliarmos mutuamente, de amar, compartilhar, de modo a crescermos juntos, em comunidade. O exemplo de Jesus nos mostra que este amor não está restrito a uma família ou nação, antes é para com todas as pessoas deste mundo, até para os inimigos. [...]. O amor permanece, jamais perece, nem fica desiludido, desapontado ou se sente traído.[1]

Deus é amor. Sua essência de amor nos ajuda e encoraja a experimentar esse amor em profundidade e cotidianamente na vida e também na igreja, no corpo de Cristo visível aqui na terra. Quando experimentamos o amor por meio dos irmãos, conhecemos a pessoa de Deus.

Não é preciso esperar pela eternidade para experimentar Deus; isso pode começar agora, ainda que de modo imperfeito.[2]

A igreja também vive aqui de modo imperfeito, com contrastes e ambiguidades, tentando vivenciar e mostrar que Cristo habita nela, portanto habita em seres humanos como nós, que o confessam como Senhor, mas que muitas vezes não demonstram estar debaixo desse mesmo senhorio.

Cristo é a chave da ação de Deus que contradiz o sistema humano de valores. Este paradoxo aplica-se à igreja. Na sua forma visível, a igreja é miserável e humilde, mas é nessa humildade, como na humildade de Cristo, que reside sua glória. É por isso que a glória da igreja se torna especialmente visível nas épocas de perseguição, sofrimento e humildade.[3]

Então, como igreja do reino, é possível vermos em parte, vislumbres da glória de Deus, Deus que se fez carne, habitou entre nós e ainda está em nós como ajuntamento e comunidade, com todas as nossas contradições.

Somos juntos seu santuário e cultivamos devoção e espiritualidade cristã como comunidade da fé, infelizmente nem sempre munidos de humildade e singeleza de coração. Precisamos mudar isso em nossa caminhada como igreja.

Precisamos de uma nova ótica e perspectiva sobre a igreja para olhar com esperança e expressarmos comunitariamente esse amor em diversos lugares, como em templos, escolas, acampamentos, casas ou qualquer outro espaço. Essa é a igreja que vai e se reúne em algum lugar, de forma itinerante e peregrina, se desejar. É fato que a igreja acaba investindo em um lugar de reunião, e isso tem diluído muito de seu significado. Olhar com uma nova ótica a igreja não significa negar sua essência espiritual. Ser igreja é de fato o estilo de vida com que expressamos a fé relacionalmente com Deus e com outros discípulos, estilo de vida vivenciado enquanto servimos como congregação e comunidade visível, em missão de implantação do reino de Deus e expressando a cultura e os valores desse reino.

Jesus foi cuidadoso em nos instruir, por meio do Sermão do Monte sobre o conteúdo e a amplitude de seu ensino e de sua proposta. Foi balizada a prática da fé, em um caminho pelo qual seríamos bem-aventurados se refletíssemos sua vida de amor, misericórdia, justiça e identificação com seu evangelho em nossa caminhada aqui na terra.

Esse estilo de vida, exemplificado nas ações de Jesus, pode ser visto em várias pessoas, como eu pude ver na vida de uma senhora que estava congregando em uma comunidade simples e pobre no sertão nordestino, algo que me emocionou muito.

Em sua realidade, ela se sentia digna e amada como pessoa e via a sua família honrada por pertencer a uma comunidade local, que acolheu seus filhos e filhas, os quais abandonaram a prostituição, as drogas, a dependência da bebida e se tornaram cidadãos trabalhadores e dignos. Para essa senhora e irmã em Cristo, a comunidade ou igreja cristã era o melhor lugar e ambiente onde estar, cultivando relacionamentos, crescendo como pessoa e descobrindo como poderiam servir a Jesus Cristo. Estar na comunidade cristã era o grande diferencial dela naquele difícil contexto, algo que trazia projetos de vida. Glória a Deus por isso. Para meu coração, aquilo foi uma baita injeção de ânimo e esperança inestimável.

Na realidade contemporânea, a igreja pode ser equivocadamente identificada como local (templo), mas na maioria das vezes no Novo Testamento ela é descrita como um povo, como uma família, como um rebanho que é conduzido e orientado por seu Pastor. Quando ela se torna ajuntamento, pode continuar cultuando a Deus e cultivando a devoção e a espiritualidade que deveria refletir a sublime pessoa de Jesus. Reconheço que deve haver culto na vida o tempo todo e também vida no culto comunitário, onde Deus é celebrado, reconhecido, conhecido e adorado pelo que é, fez e fará.

Perde-se muito do sentido de culto e de comunhão quando não se deseja mais cultuar, adorar e comungar com os irmãos, celebrando tão grande salvação a nós oferecida. Orações, confissão, celebração da ceia, testemunhos, hinos e cânticos, que são registros de poetas cristãos, mensagem pregada e refletida, são ainda excelentes caminhos para ajudar na edificação do corpo de Cristo e na consagração para seu serviço e missão, tendo em vista a capacitação para toda boa obra.

É por isso que ministros, pastores, presbíteros, diáconos e anciãos são encorajados a se aliarem e se envolver na missão de Deus, não atrapalharem o que o Senhor está fazendo como Pastor e Cabeça da Igreja. Deus deseja oferecer às pessoas que estão na congregação mais crescimento ajustado, para testemunho na sociedade e capacitação para toda boa obra. Os pastores deveriam reconhecer o tempo todo que são servos e guias do rebanho de Deus, não deles.

Ao mesmo tempo que valorizamos o culto público de uma comunidade, devemos tomar cuidado para não sermos reducionistas nesse caminho e acharmos que ser igreja é somente vivenciar esse

projeto dominical de poucas reuniões e ajuntamentos. Isso seria reduzir, em muito, o significado de ser igreja. Trata-se de um erro primário que minimiza e esvazia o que podemos ser e fazer como igreja durante a semana toda em nosso trabalho e na vida cotidiana.

Munidos de uma compreensão equivocada, muitos deixam de congregar e ficam sem a experiência de ser igreja, em comunhão compromissada e reafirmada, na celebração, no cultivo da fé e do evangelho que abraçamos. Não devemos ir a um endereço, um templo ou a um espaço com uma atitude farisaica, repetindo uma rotina desenvolvida na prática da religião. Isso é religiosidade vazia e sem significado, que pode trazer prejuízos para a vida de muitos, como vemos no caso dos sem-igreja e de outros irmãos de fé que continuam congregando.

Em relação à instituição igreja, precisamos procurar gente que vive com seriedade o compromisso com o evangelho, o reino e a missão. *A igreja tem e deve ter um foco, uma agenda e uma vida missionária.* Somos cristãos e membros do corpo de Cristo em serviço e missão. Quando viajo, recomendo sempre aos irmãos que procurem congregar e comungar em comunidades que olham não somente para dentro, mas para fora de seu contexto, para as necessidades que vão conhecendo. A igreja está vivendo e ajudando na implantação do reino de Deus no coração de homens e mulheres.

Devemos levar mais a sério nosso compromisso com o Rei e o reino. Precisamos encontrar pessoas que nos ajudem a não nos embarçarmos com estruturas que paralisam muitas vezes nossa atuação. Encontrando vida, conversões, consagrações e pastoreio responsável que trazem sempre alento. Um casal, uma família, uma comunidade, qualquer ajuntamento em nome de Jesus, em que vemos sinais do reino e da vida abundante que ele prometeu, são relevantes e merecem nossa atenção.

Esses referenciais são necessários para a sobrevivência de muitos dos sem-igreja e para os que ainda estão nela, para que não joguem a toalha e desistam de tentar e lutar.

Aconselho muitos que se consideram sem-igreja a buscar congregar novamente e comungar como oportunidade do cultivo e vivência da fé, não porque haja mérito na regularidade e obrigação disso, mas porque certamente propiciará uma *disciplina espiritual* que muitas vezes não exercitamos, que abre a possibilidade de construirmos amizades sinceras ao partilhar nossa caminhada na vida e na fé.

Com minha limitada influência, não só recomendo isso, mas o autor de Hebreus faz o mesmo, ao escrever para judeus novos convertidos que estavam vivendo as novidades e a liberdade da nova aliança, despedindo-se das práticas da adoração que não eram mais necessárias, além do excesso de peso que a Lei trazia. Comungar e congregar são oportunidades da prática do conselho e da admoestação mútua para o serviço a Deus e ao próximo.

Consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia.

Hebreus 10. 24-25

Veja que a recomendação é *como igreja*, como ajuntamento de santos, como comunidade que interage e que se completa com a presença e a influência do outro, no exercício dos dons para a sua edificação, a fim de estarmos mais aptos para servir ao Senhor, à comunidade e ao próximo.

E não estranhe que mesmo em nosso século as igrejas continuem se organizando e se apresentando como instituições. Existe, no entanto, muito espaço para a liberdade inteligente e a possibilidade de novas formas de ser igreja, não dogmatizadas na Palavra, como escreveu Francis Schaeffer, não só prevendo em tese como seria a igreja no final do século 20, mas em qualquer

outro século, pois ela pode evoluir também em alguns pontos, mesmo como instituição, não somente fragmentar-se e fragilizar-se. Schaeffer argumenta:

Qualquer coisa que o Novo Testamento não ordena com respeito à forma da igreja é um campo livre para ser exercido sob a liderança do Espírito Santo de acordo com cada época e cada lugar [...]. Há muita liberdade para adaptação às mudanças que nos aparecem em diferentes lugares e épocas.[4]

Não entendo como existem líderes e pastores que ainda se assustam com as fortes mudanças e os caminhos novos na formatação das igrejas, principalmente quando, em muitas delas, o conteúdo tem sido preservado, a missão de fazer discípulos tem sido recomendada e os serviços e as ações de cunho social e comunitário ampliados. A herança não é desprezada; ela é aproveitada e usufruída, pois não é somente para ser preservada sem adaptações, mas para ser usufruída por outra geração com sabedoria.

Os caminhos mais informais estão sendo buscados, principalmente nas casas e nos locais menos formais que os templos. Alguns, naturalmente, ainda vão ganhando contornos maiores na organização, para servirem em outra amplitude na sociedade. Essa presença na sociedade, em algumas circunstâncias, conferirá maior credibilidade, gerando possibilidades para que sua atuação e influência sejam oferecidas com melhor qualidade. Isso tudo sempre com a meta de viver a simplicidade do evangelho, evangelizar e também servir com boas obras.

A igreja deve ser promotora contínua de direção espiritual para seus membros, com uma recomendação madura em relação à própria experiência comunitária. Uma direção espiritual correta destaca nosso amor limitado e nossa incapacidade de corresponder com o nosso melhor na comunidade.

O amor de Deus é ilimitado; o nosso não. Qualquer relacionamento no qual se envolver — comunhão, amizade, casamento, comunidade ou igreja — sempre será permeado de frustração e desapontamento. Então, o perdão torna-se a palavra para o amor divino no contexto humano.[5]

Por isso, definitivamente, temos de ajustar nossas expectativas de ser e vivenciar a igreja. Muitos sem-igreja foram gerados em um mundo de falsas expectativas sobre a comunidade da fé, em suas diversas expressões.

Nossa visão do amor possível na comunidade tem de ser mais madura e responsável. O amor não deve ser visto de forma fantasiosa e inconsequente. Entendo que o amor tem sido cantado, explicado e desejado de maneiras distorcidas quanto à vivência comunitária. Tenho refletido sobre o amor vivido e ensinado por Jesus e pelo apóstolo Paulo e vou constatando, em muitas realidades e em diversas pessoas, conceitos equivocados sobre ele.

Penso que devemos ajustar nossa compreensão:

[...] a mais pura verdade é esta: o amor não é uma questão de se obter o que se deseja. Muito pelo contrário. A insistência em sempre ter o que se deseja, em sempre obter satisfação, em sempre ser saciado, torna o amor impossível. Para amar, você precisa sair do berço, onde tudo é “obter”, e crescer para a maturidade da doação, sem se preocupar em obter coisa especial em troca. O amor não é transação, é um sacrifício. Não é *marketing*, é uma forma de culto.[6]

O amor de Deus vivenciado em nossos relacionamentos e expectativas, em relação a nossa caminhada como discípulos e igreja, pode realmente lançar fora o medo para bem longe. Não devemos ter medo de continuar tentando ser, na melhor perspectiva, igreja de Jesus, confiando que ele que nos ajudará a cumprir sua missão. Encontrarmos nossa comunidade e interagir com ela trará uma perspectiva relacional mais saudável, principalmente quando existe o respeito e a consideração mútua.

João nos recomenda:

Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. [...] Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele.

1João 4.7-8, 16

Reconheço que em uma casa ou em um grupo pequeno, posso me conectar mais rapidamente e ao mesmo tempo não ser ignorado. Recomendo esse caminho muitas vezes durante minhas viagens. Apesar dessa oportunidade mais favorável, entendo que posso desenvolver também relacionamentos de amizade estando envolvido em ministérios nos quais exercitamos nossos dons e talentos.

Recebemos esses dons para a edificação e para ajudar na expansão do reino de Deus, isto é, no testemunho, na evangelização e no discipulado. Nem sempre um grupo pequeno ou caseiro resolve nossas incoerências na dinâmica de ser igreja e de cumprir toda a missão de Deus a que nos foi confiada. Somos mais complexos e contraditórios do que parecemos e levamos isso para grupos pequenos ou grandes.

Ir para um grupo pequeno se tornou um jargão para tentarmos resolver nosso fracasso em promover um ambiente favorável para a comunhão e integração em comunidades maiores. Já me envolvi na coordenação de grupos pequenos em quatro igrejas das quais participei durante 22 anos, e também em duas igrejas grandes, e vi a rejeição de muitos a um envolvimento nestas, embora próximas de seus bairros.

Creio que o máximo que já vi de envolvimento dos irmãos da igreja como um todo em grupos pequenos foi uma média de 40%. As grandes metrópoles e a dinâmica estressante da vida e de nossas profissões não favorecem isso. Sábados e domingos tornam-se ótimos dias para celebrações e cultos públicos, e alguns grupos pequenos realizam suas atividades nesses dias.

Conheço uma comunidade de discípulos que se reúne em várias casas no domingo e faz um culto público mensal em um espaço maior cedido ou alugado, para uma celebração de maior amplitude, para encorajamento mútuo e para ganharem também um sentido de corpo acompanhando e ouvindo testemunhos do seu crescimento, mesmo que de maneira mais informal.

Nem todos os grupos pequenos são contemplados com pessoas nas diversas faixas etárias e com disposição para interagir. Por isso, entendo que celebrações maiores permitem conexões que não acontecem em grupos pequenos. Mesmo assim, muitas casas e muitos lares têm sido abertos nesse contexto, em que as faixas etárias são cuidadas, como, por exemplo, para adolescentes e jovens, e são contempladas na prática por uma ação pastoral mais focada nas necessidades de cada uma delas.

Reconheço que em muitas igrejas ou ajuntamentos o culto público tem um conteúdo bastante consistente, dinâmico e edificante: um ambiente favorável é criado pelo Espírito Santo e pela capacidade de planejamento de sábios e sensíveis irmãos, para a adoração congregacional, em uma liturgia não esvaziada e repleta de significado, na celebração da ceia, nas orações, nas intercessões em grupos e nas mensagens expositivas e desafiadoras.

Além disso, sou testemunha do que tem acontecido em vários projetos sociais e missionários, contagiando pessoas que se engajam em muitos deles para servir e ajudar. Tenho excelentes lembranças de alguns desses momentos, especialmente em períodos importantes de minha vida, períodos inclusive de decisões que foram formadoras do que sou e faço hoje.

Sou grato ao Senhor por essas boas lembranças, que ultrapassam as experiências desfavoráveis que trouxeram decepções e desencantos com a instituição divino-humana chamada igreja. Em

muitas das igrejas nas quais tive minhas melhores lembranças desafiadoras fui instruído e acompanhado e também pude servir como missionário e pastor, além de comungar com outros na fé.

Mesmo em meio a tantas imperfeições na humanidade, de vários queridos irmãos, contando comigo, mesmo na caminhada contraditória e complexa da igreja em tantos momentos de sua história, pude entender, acolher e aceitar que Deus é Pai de todos, é sobre todos, por meio de todos e em todos na comunidade da fé. Que Deus fez convergir em Cristo todas as coisas, celestiais e terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos (Ef 1.10).

O apóstolo Paulo escreveu isso à igreja em Éfeso, cidade importante da Ásia Menor, onde hoje é a atual Turquia, por volta do ano 60 d.C., quando estava prisioneiro em uma casa na cidade de Roma, valorizando a existência, a natureza e os alvos da igreja como expressão visível de Deus. Paulo reconheceu o testemunho dessa comunidade nessa cidade e, por meio de uma carta ensinou, aconselhou e encorajou os irmãos:

Como prisioneiro do Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam. Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes suportando uns aos outros com amor. Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito Santo pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos. E em cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo.

Efésios 4. 1-7

Entendo e absorvo a necessidade urgente de *sermos igreja, não sem-igreja*, pois não encontro outro projeto ou caminho para ser um cristão melhor e integrado na missão, não omito, no cumprimento da desafiadora e constante obra de fazer discípulos de Jesus. Igreja presente no mundo, estabelecendo vínculos para serviço e testemunho constante do amor de Deus e de tão grande salvação que pode trazer transformação.

Paulo escreveu acima que existe graça em minha vida e na vida dos irmãos para encontrarmos nosso espaço no corpo de Cristo e fazer o que nos foi confiado, a fim de sermos um corpo bem ajustado. Em Cristo, as barreiras, os preconceitos, as divisões e nossos pecados foram vencidos, redimidos e perdoados. Essa nova realidade em que a paz é celebrada, concedida e ofertada ajuda-nos a cultivarmos e preservarmos a unidade, promovida no meio de tamanha diversidade, pluralidade e de tanta ambiguidade existente nessa caminhada de ser igreja.

Nossos relacionamentos podem propiciar sanidade e também favorecer o exercício de funções para que a igreja seja edificada. Essa diversidade aponta a complementaridade que estimula, encoraja e é agraciada por nossas diferenças, criando uma identidade corpórea necessária, não anulando nossa identidade pessoal. Temos esse exemplo e esse referencial maravilhoso no testemunho de nosso Deus e nas suas ações, que decidiu nos amar, estar e interagir conosco, criando-nos para sermos adoradores e manifestar a sua glória aqui na terra.

Desejando que isso continue acontecendo e que a tribo dos sem-igreja não aumente, sou compelido a orar e pedir que o Pai promova, gere e brote vida em seu próprio corpo, como organismo vivo que deve ser relacional; em nossa vida, como membros desse corpo; e nos estimule a uma consagração contínua para seu serviço e missão nas diversas realidades e culturas nas quais a igreja se instala como comunidade.

Orar em nome de Jesus é um privilégio maravilhoso. Reúne de uma vez conceitos e qualidades necessárias como a autoridade de Jesus, honra e *status* divino, assim como nosso relacionamento com Ele e Sua vontade. Dada a intimidade e relacionamento amoroso dos membros da Divindade, Pai, Filho e Espírito Santo, dificilmente poderia ser motivo mais forte para levar os nossos pedidos diante do trono de Deus.[7]

Oro para que de alguma forma possa contribuir favoravelmente para a expansão do reino de Deus através dela no Brasil e em tantos outros lugares.

Continuo atento e vendo o cenário desfavorável no mundo atual para o crescimento e a vivência da igreja em todas as suas possibilidades. No Brasil, o quadro não é diferente. Mas entendo que na adversidade, nas provas, nas perseguições e nas situações mais imprevisíveis e improváveis, mesmo em meio ao caos social, político e religioso, a igreja e a comunidade da fé crescem, ajudando aqui e ali a ver o reino de Deus ser instalado no coração de homens e mulheres em tantas realidades.

Entristeço-me e também oro pela cura dos chamados sem-igreja, ou os que se sentem sem-igreja, pela renovação de suas visões e mente, encorajando-os a buscarem novas tentativas de ocupar seus espaços na família, no rebanho e no corpo, trazendo sua experiência, acertos, erros, humanidade e contradições, com humildade e disposição para servirem e ajudar a igreja a ser mais coerente e verdadeira no cumprimento de sua missão. Que eles se juntem a outros irmãos, igualmente pecadores, limitados em suas intenções, obedientes na prática do evangelho, vendo a graça de Deus superabundar e nos capacitar a ser o que precisamos como filhos de Deus: adoradores, cristãos e servos.

David Bosch escreveu:

Por mais importante que seja a igreja, ela não constitui, para o apóstolo Paulo, o objetivo final da missão. A vida e obra da comunidade cristã se vinculam intimamente ao plano cósmico-histórico de Deus para a redenção do mundo e estabelecimento de Seu reino de forma completa. Em Cristo, reconciliou não só a igreja, mas também o mundo consigo.^[8]

Deus nos deu o ministério da reconciliação, como deu a Paulo.

Ele escreveu à igreja de Corinto:

Portanto se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas. Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação.

2Coríntios 5.17-21

Como igreja, somos chamados desde seu início para perseverarmos em seu testemunho e obra de implantação do reino de Deus e servirmos mesmo em condições adversas e em realidades caóticas. Em meio ao caos social, político, econômico e religioso de nossa época, inclusive o descrédito na igreja, vamos tentando descobrir caminhos de esperança e atenuar essa realidade que cresce em velocidade assustadora, dos que não desejam e não estão mais na igreja, na comunidade da fé, na congregação dos santos, que se instala em tantos espaços distintos, desde casas até templos que foram separados para ajuntamentos e cultos públicos.

Entendo que posso fazer uso do que Paulo escreveu para a igreja em Colossos, vendo e testemunhando o que tenho visto em tantas cidades:

Por todo o mundo este evangelho vai frutificando e crescendo, como também ocorre entre vocês, desde o dia em que ouviram e entenderam a graça de Deus em toda a sua verdade. [...] Por esta razão, desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual. E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda a boa obra, crescendo no conhecimento de Deus e sendo fortalecidos com todo o poder, de acordo com a força de sua glória, para que tenham toda a perseverança e paciência com alegria, dando graças ao Pai que nos tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz.

Colossenses 1.6-12

Entendo que Deus aperfeiçoará seu poder em nossas fraquezas e incapacidades, já que temos

de refletir a imagem de Cristo nessa dinâmica de ser igreja. Muitas vezes, somos frustrados na tentativa de viver suas possibilidades mais cativantes e alentadoras como comunidade e corpo. Mas vemos a graça de Deus prover entendimento e sabedoria para frutificarmos como cristãos e membros da igreja, inclusive em sua forma institucional.

Howard Snyder nos ajuda a dimensionar corretamente essa compreensão com a seguinte abordagem:

A igreja, inevitavelmente, há de manifestar alguns aspectos institucionais; nenhuma instituição, porém, há de ser ela própria, a igreja. Esta jamais será em essência uma instituição, mesmo que em alguns aspectos de sua vida ela seja institucional, por ter e manter esquemas coletivos que se tornam habituais e rotineiros, caracterizando a instituição.^[9]

Cremos ainda na manifestação carismática, junto das manifestações institucionais, na dimensão do organismo, presente na vida de seus membros, agraciados com dons pelo Espírito Santo. Temos de retirar aquilo que foi exacerbado, desvirtuado e que tem paralisado sua expressão de instituição. Pessoas sendo transformadas trarão mudanças também.

E a outra pergunta é: onde Deus nos colocou? E em que realidade e contexto? Tendo posse dessas respostas, respondemos responsavelmente a Deus com compromisso. Com ânimo novo e criativamente nos integrando em várias situações distintas na igreja para servir, com perseverança, senso de vocação, chamado e com uma convicção de que o Pai nos colocou ali para sermos úteis na edificação dela, na implantação de seu reino e no cumprimento da missão fazendo discípulos.

Que o Pai nos ajude e ensine a descobrir como *ser igreja*, buscando caminhos de esperança, para que possamos continuar a viver nossas experiências comunitárias com os dons e talentos, pães e peixes que nos foram confiados para praticar o evangelho e proclamar o amor de Deus que está em Cristo Jesus. Amor esse que habita também em seu corpo vivo aqui na terra, no ajuntamento de pessoas como eu e você, que também o confessam como Senhor e Salvador.

Que isso seja testemunho para anunciarmos a salvação de Cristo, e que essa salvação nos capacite a sermos sua igreja no melhor que ela tem para ser e fazer existencialmente e na prática, acolhendo homens e mulheres em tantas realidades, raças, tribos e nações e trazendo transformação para a sociedade. Que traga vida, justiça e esperança para todos. Que seja assim para a glória e honra de Deus. É a minha sincera oração e desejo.

Posfácio

Costumo dizer ao Nelson que dificilmente troco um *expresso* por um *congresso*. Sentar em num lugar tranquilo para tomar café com amigos ao redor da mesa e, de forma próxima e pessoal, compartilhar da própria vida e da jornada cristã é algo bem diferente dos grandes congressos de que já participei. Diferente porque é mais relacional do que funcional.

Ler o livro do Nelson revigorou em meu coração a esperança pela vida comunitária e me fez lembrar coisas que muitas vezes ficam empoeiradas na memória sobre ser igreja, especialmente o fato de que na igreja o elemento relacional tem primazia sobre o funcional e, de fato, é o primeiro que deve impulsionar o segundo.

À medida que lia, pude visualizar as histórias compartilhadas por ele, com suas alegrias e tristezas, quando nos encontramos para um *expresso*, ou ao redor da mesa de nosso pequeno grupo, quando nos reunimos para perseverar no ensino dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações.

Conheço o Nelson e seu amor pela igreja do Senhor Jesus e sei como esse amor se traduz em trabalho, envolvimento e serviço. E conheço também seu amor pelos chamados sem-igreja, a quem tem acolhido em suas viagens.

Junto com a esperança, este livro ressaltou o desafio de viver a vida em comum. E que desafio! — somente possível ser enfrentado com a ajuda do Espírito Santo e com a graça. Muitos são os que se assumem sem-igreja. E quantos ainda dos que “estão na igreja” já não tiveram a vontade de sair? Esse desafio eclesial e comunitário lida com questões que são absolutamente concretas.

Na cabeça de alguns, a vida cristã deveria acontecer em uma espécie de *espiritofera* ou região sobrenatural, aquele ambiente esvaziado de nossa humanidade. Nesse sentido, o livro nos ajuda a colocar os pés no chão, a olhar a comunidade, o ser igreja, como o lugar de encontro no qual experimentamos ao mesmo tempo a riqueza das experiências relacionais saudáveis e as dores das tensões que existem nos ajuntamentos de pessoas.

A igreja é o lugar onde a vida no Espírito se funde com a comunhão do Espírito e de nossa humanidade. Paulo termina sua segunda carta à igreja em Corinto com palavras que posteriormente foram denominadas bênção apostólica:

A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

2Coríntios 13.13

Há algo que chama minha atenção: Paulo roga para aquela igreja a comunhão do Espírito. Essa mesma comunidade que deu muito trabalho a Paulo, questionando sua autoridade apostólica e suas capacidades pastorais, igreja essa marcada por contendias, divisões, espiritualidade imatura, pecados escandalosos e carnalidade. A essa igreja, com um grande potencial de gerar os novos sem-igreja, Paulo deseja de forma tão pastoral que vivam a “amizade profunda do Espírito”, como traduziu Eugene Peterson em uma linguagem contemporânea em *A Mensagem*.

Perdão, aprendizado, missão, cuidado, proteção e ser corpo de Cristo. Tudo isso só pode ser experimentado com um mínimo razoável de intensidade e profundidade na igreja, ou como quer

que você chame seu ajuntamento. Se você faz parte dos sem-igreja que já nem se reúnem mais, espero que a leitura desse livro o tenha encorajado a retomar uma jornada de comunhão, a redescobrir caminhos de saúde comunitária, nutrindo a fé, o serviço e a missão, e também a considerar os perigos e o equívoco de andar sozinho.

O que vimos nessa leitura não foi, de modo algum, um fechar de olhos para as duras realidades que acontecem na igreja. Uma das razões da existência das cartas do Novo Testamento é o fato de que os apóstolos que as escreveram estavam ensinando, encorajando e corrigindo a igreja de Jesus. Infelizmente, em muitas ocasiões e em muitos ambientes o texto bíblico acaba se transformando em um frio manual de regras morais e orientações doutrinárias, e então perdemos de vista a intensidade da vida que permeia esses escritos; nessas cartas em que, além de ensino, há coração, sentimentos, frustrações, intenções e intercessões. São histórias de gente, culturas, famílias e comunidades.

Longe de nos desanimar, as tensões existentes no livro de Atos, os conflitos entre Paulo e algumas igrejas, especialmente a de Corinto, seu fim de vida solitário (2Tm 4.9-18), junto com as expressões de alegria, as reconciliações, as vitórias, a expansão do evangelho do Reino e a gratidão — tudo isso mostra que a igreja ainda convive com uma característica a que tantas vezes este livro fez referência: a *ambiguidade* da vida cristã. Isso ocorre porque a igreja é formada por pecadores, homens e mulheres que trazem em si mesmos essa mesma característica.

Somos capazes de fazer um grande bem e, no momento seguinte, praticar ou falar algo tão torpe e cruel. Somos exortados a andar no Espírito, senão satisfaremos os desejos da carne. Portanto, de forma equivalente, é assim que acontece na igreja. Nessa presente *ambiguidade*, a igreja cura e também faz adoecer; aproxima e também afasta; é ambiente de confissão e também de hipocrisia. Por isso, espero que o livro que você acabou de ler o encoraje a olhar para dentro de si mesmo e para a comunidade com mais paciência, tolerância e sensibilidade.

Vimos aqui algo que cresce entre os cristãos: muitos estão abrindo mão — alguns até rejeitando com veemência — a prática de permanecer juntos, em uma caminhada de fé, vida e missão com outros. Essa questão é quase tão antiga quanto a própria igreja, pois na carta aos Hebreus o autor fez a recomendação para que os irmãos não deixassem de congregar, ou seja, não abandonassem a prática de se reunirem, e disse que alguns já faziam assim (Hb 10.25). Encorajou os irmãos a permanecerem firmes na busca da comunhão e da participação em ajuntamentos com outros irmãos, em missão. A meu ver, é o que Nelson tentou fazer.

Alguns têm se tornado sem-igreja por causa das disputas e do abuso de poder — poder religioso que geralmente se apresenta travestido de piedade —, outros por causa da excessiva institucionalização que engessa a comunidade e prioriza a funcionalidade em detrimento dos relacionamentos. Alguns outros por não conseguirem mais conviver com uma mentalidade mercadológica de números, métodos, fãs, produtos, dinheiro, popularidade e sucesso. Outros, ainda, por não terem sido acolhidos com misericórdia em um momento de fraqueza ou dificuldade.

Reconheço ainda e não desprezo o espírito de época vivido nesses dias, caracterizado, entre outras coisas, por um forte individualismo que apregoa o “cada um por si e ninguém se mete em minha vida”, o que nos traz a uma reflexão: deixar de ser igreja para se tornar sem-igreja é parte de uma decisão pessoal, por isso também é responsabilidade de cada um.

No entanto, fomos lembrados neste texto que o oposto de sem-igreja não é “com igreja”, mas o “ser igreja”. Nosso chamado se dá no sentido da comunhão e da missão, e somente assim, de fato, “seremos igreja”.

Sobre o autor

Nelson Bomilcar é músico, compositor, pastor e escritor. É conhecido por suas composições, produções e trabalho pastoral pelo Brasil. Paulistano, casado com Carla, pai de Karen e Nathan, fez seus estudos teológicos na Faculdade Batista de São Paulo, na Universidade Metodista de São Paulo e no Regent College, em Vancouver, Canadá. Trabalhou com o ministério Vencedores Por Cristo e na Aliança Bíblica Universitária do Brasil. Apresenta o programa de música *Sons do coração*, pela rádio Transmundial, com transmissão para o Brasil e Portugal. Articulista da revista *Cristianismo Hoje* (*Christianity Today*) nas áreas pastoral e musical, e do portal Cristianismo Criativo, onde escreve sobre música e arte, Bomilcar foi ganhador do prêmio Areté em 2005 pelo livro *O melhor da espiritualidade brasileira* (Editora Mundo Cristão). É missionário e conferencista pelo Instituto Ser Adorador, fundado em Fortaleza, com atuação em cursos, treinamento de líderes e músicos, mentoria em comunidades locais e projetos missionários e sociais espalhados pelo país. O autor congrega no grupo pequeno *No Name* e na Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opinio-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: www.mundocristao.com.br

[1] Rehder, Jorge. “Igreja presente”. Álbum *Louvor de Raízes 1*. São Paulo: VPC Produções, 1996.

[2] Hall, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*. Viçosa: Ultimato, 2003, p. 15.

[3] A ABU, MPC e Jocum são ministérios de juventude e missões.

[4] Peterson, Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 53.

[5] César, Marília Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

[6] Kivitz, Ed René. *Outra espiritualidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

- [1] Álbum *Velô*. São Paulo: Universal Music, 1984.
- [2] Lewis, C. S. *Peso de glória*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 37.
- [3] Snyder, Howard. *A comunidade do Rei*. ABU-Editora: São Paulo, 2004, p. 13.
- [4] Padilla, C. René. *Missão integral: ensaios sobre o reino e a igreja*. São Paulo: Temática Publicações, 1992, p. 200-201.
- [5] Pinheiro, Jorge. *Deus é brasileiro: as brasilidades e o reino de Deus*. São Paulo: Força Editorial, 2008, p. 118.

- [1] José Comblin, entrevista concedida ao *Jornal Igreja Nova* em 1998.
- [2] Küng, Hans. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: Verus Editora, 2004.
- [3] Anderson, Lynn. *O coração do pastor*. São Paulo: Quadrangular, 2001, p. 24.

- [1] Missionário que ajudou a implantar o movimento ABU no Brasil.
- [2] César, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil — dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.
- [3] Sheldrake, Philip. *Espiritualidade e teologia — vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 113.
- [4] Queiroz, Carlos. *Ser é o bastante — felicidade à luz do Sermão do Monte*. Curitiba: Encontro, 2003, p. 51.
- [5] Zandrino, Ricardo. *Curar também é tarefa da igreja*. São Paulo: CPPC, 1986, p. 37.
- [6] Ramos, Ariovaldo. *Nossa igreja brasileira: uma opinião sobre a história recente*. São Paulo: Hagnos, 2002, p. 18-19.
- [7] Shedd, Russell P. *O líder que Deus usa — resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 106.
- [8] Boff, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002, p. 52.
- [9] Crabb, Larry. *Conexão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 59.
- [10] Hovestol, Tom. *A neurose da religião: o desastre do extremismo religioso*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- [11] Gonzáles, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova.
- [12] Brunner, Emil. *O equívoco sobre a igreja*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 122.
- [13] Viola, Frank. *Reimaginando a igreja*. Brasília: Editora Palavra, 2009, p. 15.
- [14] Bomilcar, Nelson, org. In: *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 247.
- [15] Main, Bruce. *Why Jesus Crossed the Road*. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2010, p. 5.
- [16] Shangrilá, da criação literária de 1925 do inglês James Hilton, *Lost Horizon (Horizonte Perdido)*, é descrito como um lugar paradisíaco situado nas montanhas do Himalaia.
- [17] Stearns, Richard. *A grande lacuna: a omissão que compromete a missão*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010, p. 217.

[1] Dyson, A. O. *Pastoral Theology*. In: Campbell, Alastair V., org. *A Dictionary of Pastoral Care*. London: SPCK, 1990, p. 201.

[2] Barro, Jorge H. *O pastor urbano — dez desafios práticos para um ministério urbano bem-sucedido*. Londrina: Descoberta, 2003, p. 181.

[3] Barrientos, Alberto. *Princípios e alternativas de trabalho pastoral*. Campinas: Cristã Unida, 1991, p. 13.

[4] Tucker, Ruth. *Fé e descrença — o drama da dúvida na vida de quem crê*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 65.

- [1] Alencar, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005, p. 114.
- [2] Sung, Jung Mo. *Educar para reencantar a vida*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 89.
- [3] Amorese, Rubem. *A igreja evangélica na virada do milênio*. Brasília: Comunicarte, 1955, p. 268.
- [4] Cunha, Paulo. *A sedução: os efeitos da pós-modernidade na espiritualidade*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2006, p. 80.
- [5] Alves, Rubem. *Sobre o sofrimento e sobre a felicidade — um mundo num grão de areia*. Campinas: Verus Editora, 2002.
- [6] Brabo, Paulo. *A bacia das almas: confissões de um ex-dependente de igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 37-38.
- [7] Ellul, Jacques. *Anarquia e cristianismo*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010, p. 9.

- [1] “Te vejo poeta”. Álbum *Te vejo poeta*. Música de João Alexandre. São Paulo: VPC Editora, 2007.
- [2] “Poemas e canções”. Álbum *Poemas & Canções*. São Paulo: Transmundial.
- [3] **Calvani**, Carlos Eduardo. *Teologia da arte*. São Paulo: Força Editorial/Paulinas, 2010.
- [4] **Alves**, Rubem. *Coisas da vida*. Campinas: Verus Editora.
- [5] **McLaren**, Brian D. *Uma ortodoxia generosa: a igreja em tempos de pós-modernidade*. Brasília: Palavra, 2007.
- [6] “As luzes do céu”. Álbum *Corpo & Alma 2*, texto musicado por Toninho Zemuner, Brasília: IPP, 2004.
- [7] “Mágoas e dores”. Álbum *Acapella/Quarteto Vida*. São Paulo: VPC Produções Editora.
- [8] “Conexão”. Álbum *Intimidade*. São Paulo: Alento Produções/VPC Produções.
- [9] “A glória de Deus é compartilhar”. Álbum *Tua presença vai me transformar*. São Bernardo do Campo: VPC Produções, 2004.
- [10] “Tempos de paz”. Álbum *Cordel*. Goiânia: Expresso Luz, Goiânia, 1997.
- [11] “Bem melhor”. Álbum *Clareza*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1996.

- [1] Stevens, R. Paul e Green, Michael. *Espiritualidade bíblica: a Bíblia como fonte da verdadeira espiritualidade para o seu dia*. Brasília: Palavra, 2008, p. 104.
- [2] Sousa, Ricardo Barbosa de. *Janelas para a vida: resgatando a espiritualidade para o cotidiano*. Curitiba: Encontro, 1999, p. 102-103.
- [3] Shenk, David W. e Stutzman, Ervin R. *Criando comunidades do reino*. Campinas: Cristã Unida, 1995, p. 12.
- [4] Yancey, Philip. *Alma sobrevivente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 126.
- [5] Azevedo, Israel Belo de. *Gente cansada de igreja*. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 18.
- [6] Mansfield, Stephen. *ReChurch: Healing Your Way Back to the People of God*. Illinois: Tyndale House Publishers, 2010, p. 108.

- [1] Houston, James M. *O desejo: satisfazendo a fome da alma*. Brasília: Palavra, 2009, p. 108-109.
- [2] McGrath, Alister. *Apologética cristã no século XXI: ciência e arte com integridade*. São Paulo: Vida, 2008, p. 70.
- [3] Tillich, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: Aste, 2007, p. 248.
- [4] Schaeffer, Francis. *A igreja no final do século XX*. Viçosa: Ultimato, 1959, p. 83.
- [5] Nouwen, Henri, Christensen, Michael J. e Laird, Rebecca J. *Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé*. Petrópolis: Vozes, p. 155.
- [6] Merton, Thomas. *Amor e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 35.
- [7] Habermas, Gary H. *Why Is God Ignoring Me? What to Do When It Feels Like He's Giving You the Silent Treatment*. Illinois: Tyndale House Publishers, 2010, p. 83.
- [8] Bosch, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002, p. 222.
- [9] Snyder, Howard. *A missão da igreja no mundo de hoje*. São Paulo: ABU Editora, 1982, p. 120-121.